



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RN – IFRN.

JULANE QUEIROZ COSTA SANTOS

**CARTAS DE UMA POÉTICA DE INFÂNCIA POR UMA ALFABETIZAÇÃO COM O
USO DA IMAGINAÇÃO**

MOSSORÓ/RN
2023

JULANE QUEIROZ COSTA SANTOS

**CARTAS DE UMA POÉTICA DE INFÂNCIA POR UMA ALFABETIZAÇÃO COM O
USO DA IMAGINAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação ampla entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em Ensino.

Linha de Pesquisa I: Ensino de Ciências humanas e Sociais.

Orientador: Dr. Jucieude de Lucena Evangelista.

Mossoró
2023.

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S237c	Santos, Julane Queiroz Costa CARTAS DE UMA POÉTICA DE INFÂNCIA POR UMA ALFABETIZAÇÃO COM O USO DA IMAGINAÇÃO.. / Julane Queiroz Costa Santos. - Mossoró/RN, 2023. 123p. Orientador(a): Prof. Dr. Jucieude de Lucena Evangelista. Dissertação (Mestrado em Programa de PósGraduação em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. 1. Programa de Pós-Graduação em Ensino. 2. Imagens. 3. Alfabetização. 4. Leitura. 5. Escrita. I. Evangelista, Jucieude de Lucena. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.
-------	--

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

JULANE QUEIROZ COSTA SANTOS

**CARTAS DE UMA POÉTICA DE INFÂNCIA POR UMA ALFABETIZAÇÃO COM O
USO DA IMAGINAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação ampla entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em Ensino.

Linha de Pesquisa I: Ensino de Ciências humanas e Sociais.

Orientador: Dr. Jucieude de Lucena Evangelista.

Mossoró, 29 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Jucieude de Lucena Evangelista.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Orientador

Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Examinador

Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Examinador

Dr. Marcelo Bezerra de Moraes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico a minha avó, que me fez devanear nas minhas imagens mentais ao ouvir suas histórias;

A minha mãe, por me oportunizar a folhear e fazer minha leitura a partir das imagens contidas nas fotonovelas;

A meu pai (*in memmorian*), por me proporcionar devanear a cada música ouvida, nas quais criei muitos e muitos personagens e quadros de situações imaginárias;

A minha primeira professora Dalva, que me encantou com seu aconchego e afetividade ao me ensinar;

Ao meu orientador, por me fazer trilhar um novo caminhar no meu trabalho com imagens;

A Luan, que com sua sapiência, foi minha bússola neste mar revolto de minha escrita;

A meu amigo Francisco, que nas horas de desânimo e dificuldades me pegou no colo e me amparou;

As minhas filhas, por não me deixar fraquejar e por me fazer acreditar que era capaz de seguir e conseguir concluir minha escrita;

Ao meu irmão Francisco Costa, que sempre organizou minhas ideias malucas, ao tirar um pouco do seu tempo para lê-las com todo cuidado e por nossos diálogos após sua leitura;

Aos meus colegas de curso, especialmente a Gislayne, que sempre chegou com a palavra certa no momento certo.

AGRADECIMENTOS

Caro Orientador,

Quero te agradecer toda atenção e, acima de tudo, a paciência em me orientar e me conduzir no caminhar desta escrita. Não foi fácil chegar até aqui, mas tenho convicção do meu crescimento quanto a minha prática pedagógica neste novo caminhar. Ser sua orientanda, me levou a trilhar novos caminhos de conhecimentos e, como fala o nosso querido professor Luan, me embrenhei na leitura que me proporcionou novos conhecimentos e possibilidades de construir novos saberes.

Lembro-me que, ao iniciar essa escrita, era limitada até mesmo nos argumentos, quando fui alertada por ti muitas vezes, no entanto, o senhor me levou a descobrir a melhor maneira de colocar minhas ideias e construções nesta trajetória e estou grata por esta concretização de minha escrita.

Minha sincera gratidão por ter me conduzido neste momento ímpar e de suma importância para o meu fazer pedagógico.

Minha Gratidão!

CARTAS DE UMA POÉTICA DE INFÂNCIA POR UMA ALFABETIZAÇÃO COM O USO DA IMAGINAÇÃO.

RESUMO

A presente pesquisa expõe que o pensar e o imaginar são potências humanas que se supõem mutuamente, além de serem elementos que constituem parte fundante da própria condição humana. O campo de pesquisa foi a Escola Estadual Gilberto Rola, situada na zona rural do município de Mossoró – RN. O objetivo geral é desenvolver uma estratégia metodológica de alfabetização partindo da imaginação e das visões de mundo das crianças para proporcionar o desenvolvimento do princípio alfabético de forma lúdica. Como objetivos específicos, elenca-se: estimular a interação das crianças com o uso da imagem do imaginário como estratégia metodológica de alfabetização; desenvolver o princípio alfabético a partir do uso da imagem do imaginário como estratégia metodológica, perpassando visão, escrita e imaginação; aplicar atividades que incentivem a criatividade, o falar, o ver e o escrever a partir do uso da imagem de forma lúdica. Desse modo, o aporte teórico desta dissertação aborda, como ideias principais, o pensar e o imaginar como condição humana de Evangelista (2017), a imaginação poética dos devaneios e sonhos de Bachelard (1988), bem como que o ato de ler vem em primeiro com a leitura do mundo, depois a leitura da palavra, de Freire (1999). A escrita deste trabalho foi desenvolvida de modo epistolar, que me foi apresentado por Oliveira (2019), assim as sessões estão escritas em forma de cartas. O aporte metodológico está baseado na pesquisa-ação, de Missy Elliott (1997), que me possibilitou trabalhar o ouvir e imaginar de acordo com as vivências do ambiente social e o ambiente escolar, utilizados também como fontes diretas de conhecimentos de dados das ações realizadas e os relatos das crianças. Assim, o papel das imagens proporcionou o desenvolvimento da capacidade de pensar e criar, que motivaram as crianças pesquisadas para o conhecimento das letras, sílabas, palavras e frases, proporcionando assim o desenvolvimento do Princípio Alfabético.

Palavras Chave: Imagens - Alfabetização – Leitura – Escrita.

LETTERS FROM A CHILDHOOD POETRY TOWARDS LITERACY WITH THE USE OF IMAGINATION.

ABSTRACT

This research exposes that thinking and imagining are human powers that mutually presuppose each other, in addition to being elements that constitute a fundamental part of the human condition itself. the research field was the Escola Estadual Gilberto Rola, located in the rural zone of the municipality of Mossoró – RN. The general objective is to develop a methodological literacy strategy based on children's imagination and worldviews to provide the development of alphabetic principle in a playful way. The specific objectives are: stimulating children's interaction with the use of imaginary images as a methodological literacy strategy; develop the alphabetic principle through the use of imaginary images as a methodological strategy, encompassing vision, writing and imagination; apply activities that encourage creativity, speaking, seeing and writing through the use of images in a playful way. Thus, the theoretical contribution of this dissertation addresses, as main ideas, thinking and imagining as a human condition by Evangelista (2017), the poetic imagination of Bachelard's daydreams and dreams (1988), as well as that the act of reading comes in first with the reading of the world, then the reading of the word, by Freire (1999). The writing of this work was developed in an epistolary manner, which was presented to me by Oliveira (2019), so the sessions are written in the form of letters. the methodological contribution is based on action research, by missy Elliott (1997), which allowed me to work on listening and imagining according to the experiences of the social environment and the school environment, also used as direct sources of knowledge of data from the actions carried out and children's reports. thus, the role of images provided the development of the ability to think and create, which motivated the children studied to learn about letters, syllables, words and phrases, thus providing the development of the alphabetic principle.

Keywords: Images - Literacy – Reading – Writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Foto de Dona Dalva.

Figura 02 – Imagem que retrata o acervo Familiar entre os anos 70 e 80.

Figura 03 – Almanaque Ciúme – ANO I – Nº 1 – DEZEMBRO 1979.

Figura 04 – Imagem ilustrativa da história contada pela minha avó.
Lançamento: 1962

Figura 05 – Foto ilustrativa da Radiola que meu pai possuiu.

Figura 06 – O momento em que a sua mãe vai verificar sua temperatura.

Figura 07 – Bob imaginando sua garganta pegando fogo.

Figura 08 – Bob imaginando o pediatra dançando com a amidala.

Figura 09 – O carneiro do Pequeno Príncipe dentro da caixa.

Figura 10 – O Pequeno Príncipe e a Raposa.

Figura 11 – O Pequeno Príncipe e a Rosa.

Figura 12 – Desenho do Bento – 07 anos

Figura 13 – Desenho da Mulan – 07 anos.

Figura 14 – Imagem do desenho do Roger – 07 anos.

Figura 15 – Imagem do desenho do Bobby.

Figura 16 – Imagem do desenho da Mulan – 7 anos.

Figura 17 – Imagem do desenho do Kevin – 07 anos.

Figura 18 – Imagem do desenho do Bento – 07 anos.

Figura 19 - Desenho e escrita de Kelly – 07 anos.

Figura 20 - Desenho e escrita de Luna – 07 anos.

Figura 21 - Desenho e escrita de Mulan – 07 anos.

Figura 22 – Ian sozinho

Figura 23 – Momento em que Ian passa pela cerca.

Figura 24 – As crianças levando Ian para brincar.

Figura 25 – Momento em que a menina tenta ajudar Ian.

Figura 26 – Os meninos ajudando Ian para ele não passar pela cerca.

Figura 27 – Quando a cerca vai se desmanchando diante das crianças.

Figura 28 – O menino sozinho – Luna, 07 anos.

Figura 29 – A menina ajudando o menino – Roger, 07 anos.

Figura 30 – A menina querendo ultrapassar a cerca. Lindinha, 06 anos.

Figura 31 – Momento em que o vento leva o Ian.

Figura 32 – As crianças juntas com o Ian.

Figura 33 – Lista das palavras ditadas pelas crianças.

Figura 34 – Mural Escola – Palavra que se ouve.

Figura 35 - Chegada de Nicolas na sala de aula.

Figura 36 - O encontro de Maria e Nicolas na escola.

Figura 37 - Maria ensinando Nicolas a jogar bola.

Figura 38 - Maria brincando com Nicolas de Pirata.

Figura 39 - Maria dizendo que para voar era só fechar os olhos.

Figura 40 - Maria contando histórias para Nicolas.

Figura 41 - Maria brincando com Nicolas no pátio.

Figura 42 - Maria e Nicolas dançando na sala de aula.

Figura 43 - Momento em que Maria descobre que Nicolas morreu.

Figura 44 - Maria chegando à escola para dar aula.

Figura 45 – Desenho do Roger – 6 anos.

Figura 46 – Desenho do Ted – 06 anos.

Figura 47 – Desenho de Mulan – 07 anos.

Figura 48 – Desenho de Luna – 07 anos.

Figura 49 – Desenho de Kristoff – 07 anos.

Figura 50 – Desenho de Derek – 07 anos.

Figura 51 – Desenho de Jimmy – 07 anos

Figura 52 – Escrita de Docinho – 07 anos.

Figura 53 – Escrita da Kelly – 07 anos.

Figura 54 – Escrita da Luna – 07 anos

Figura 55 – Tabuleiro de palavras de Kristoff – 07 anos.

Figura 56 – Tabuleiro de palavras de Mulan – 07 anos.

Figura 57 – Escrita de Aladim – 06 anos.

Figura 57 – Escrita de Aladim – 06 anos.

Figura 58 – Escrita de Ariel– 06 anos.

Figura 59 – Escrita de Ruth – 06 anos.

Figura 60 – Escrita da Luna – 07 anos.

Figura 61 – Escrita de Kelly – 07 anos.

Figura 62 – Escrita da – 07 anos.

Figura 63 – Escrita de Ariel – 07 anos.

Figura 64– Desenho de Bobby – 07 anos.

Figura 65– Desenho de Kelly – 07 anos.

Figura 66 – Desenho da Ariel – 06 anos.

Figura 67 – Desenho de Docinho – 06 anos.

Figura 68 – Desenho da Ruth – 07 anos.

Figura 69 – Desenho de Aladim – 07 anos.

Figura 70 – Atividades do Nível Alfabético – Mulan – 07 anos.

Figura 71 – Atividades do Nível Alfabético – Ariel – 06 anos.

Figura 72 – Atividades do Nível Alfabético – Bento – 07 anos.

Figura 73 – Atividades do Nível Alfabético- Roger -07 anos

SUMÁRIO

CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	24
Iª SESSÃO - CARTA DA MINHA CRIANÇA INTERIOR À MINHA PRIMEIRA PROFESSORA.....	32
IIª SESSÃO: Carta de uma professora aos jovens professores da contemporaneidade: caminhar, aprender e transformar.....	60
IIIª SESSÃO - CARTA DE UMA PROFESSORA AOS COLEGAS DA SUA GERAÇÃO: vivências e desafios de uma professora que aprendeu a ser pesquisadora.....	88
CARTA FINAL.....	130
REFERENCIAL.....	132

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Começo esta carta como diz Clarice Lispector “querendo escrever movimento puro (2020, p.7)”, escrever o movimento que me trouxe até aqui e lhes convidar a conhecer de que maneira se constituiu o caminhar da construção e execução desta dissertação de mestrado. Clarice (2020, p, 16) cita: “Em cada palavra pulsa um coração. Escrever é tal procura de íntima veracidade de vida”. É nesse pulsar de palavras e coração que deixo registrada as vivências e as experiências no decorrer da realização da minha pesquisa, em sala de aula usando imagem como estratégia metodológica no intuito de desenvolver o princípio alfabético das crianças na fase de alfabetização. Sabemos que o ato de escrever não é um ato mecânico, requer o pensamento para lhe dar forma coesa. Aqui deixo meus pensamentos, construções, dificuldades, descobertas, medos e toda organização de como realizei cada atividade proposta para o desenvolvimento desta pesquisa.

A carta, um dos meios de comunicação mais antigos e muito usados como uma forma para expressar todo amor à mãe em seu aniversário ou no dia das mães, à professora declarando toda admiração, ou mesmo para as rádios, pedindo músicas ou até mesmo contando sua história de vida, esse meio de comunicação consiste em uma forma de comunicação afetiva, algo que está na base da proposta teórico-metodológica deste trabalho.

A possibilidade dessa escrita para uma dissertação me foi apresentada pelo meu orientador, fiquei admirada quando li ‘Noticias do Oco do Mundo – cartas para uma antropolítica da educação’, escrita pelo Professor Luan Gomes dos Santos de Oliveira. Este texto foi sua tese de doutorado, escrita em cartas e de um teor poético e antropológico encantador. Foi uma leitura envolvente e diferenciada do que habitualmente li de trabalhos acadêmicos.

Além disso, a carta também serviu a muitos artistas e pensadores para registrar seus pensamentos e dialogar sobre seus saberes e sobre o mundo. Baseado nisso, me propuz a inscrever em meu pensamento e a escrever esta dissertação na forma de cartas.

Ao ler um artigo de Raquel Silva (2021, p. 55) que afirma que a “carta se configura uma espécie de elemento mágico, permitindo que o pensar e o sentir, de

um ou mais sujeitos, sejam transportados e revelados”, nela encontrei mais uma motivação para escrever minhas ideias, pensamentos e construções do campo de pesquisa, com mais afetividade. Além disso, a carta é uma forma de escrita em que, ao escrever estabeleço um diálogo comigo mesma e, ao mesmo tempo, com o meu destinatário. Estabeleço entre nós uma ponte, pois através da carta nos aproximamos mesmo estando distantes, e esse passa a ser um ato antropológico, se produz em um espaço de encontro entre a prosa e a poética, entre o pensamento científico e o pensamento mítico.

As cartas podem mudar sua forma de registro ou de envio, mas ainda permanecem vivas no século XXI. Por meio delas, boa parte da história da humanidade ficou registrada e pode ser contada. Isso porque, quando as pessoas enviam cartas umas para as outras, elas narram fatos históricos, descrevendo como as pessoas se relacionam e opinam sobre acontecimentos sociais. Todas essas informações constroem pistas que podem ajudar a recompor a vida.

Para mim, as cartas que compõem esse trabalho simbolizam minha persistência em sair da linearidade, ou seja, dessa sequência que a escrita acadêmica exige, porém, sem deixar de atender ao rigor da pesquisa científica. E, antes de cada carta, escrevi uma pequena cronologia para melhor situar sua leitura. Seus destinatários que são: a minha primeira professora, Dona Dalva, que me acolheu de forma amorosa mesmo vivenciando um regime de educação tradicional. Ela foi uma das minhas inspirações para ser professora, rever meus momentos de devaneios infantis, imaginando, criando e brincando de ser professora com meus irmãos; a segunda é dirigida aos jovens professores, que assim como eu, um dia estive neste lugar de iniciante com o desejo de fazer sempre o melhor na educação, conto a importância de estar sempre estudando e inovando em sua didática pedagógica, mas que também esse caminhar também tem seus percalços e entraves; por fim, aos professores da minha geração que desejam ser pesquisadores, muito embora, todo professor tenha um pouco de pesquisador, pois ao encontrar uma dificuldade, busca meios de solucioná-las da melhor forma possível. Abordo ainda que a idade não define a hora, nem o momento de se entrar numa pós-graduação e se tornar um professor pesquisador de fato e de direito.

É preciso ousar para não permanecer ensinando por longo tempo nas mesmas condições. Ao iniciar essa jornada do mestrado, eu trabalhava a imagem numa perspectiva da leitura de mundo, numa perspectiva apresentada por Paulo

Freire, (1999). As imagens das vivências das crianças eram trabalhadas na sua descrição e na construção de palavras, frases e pequenos textos, mas ao longo das leituras realizadas, identifiquei-me com a perspectiva da condição do imaginador de Evangelista (2017), dos devaneios infantis do Bachelard (1998), entre outros autores que aparecem no decorrer deste trabalho.

Retrato uma pesquisa na qual discorro que o pensar e o imaginar são potências humanas que se supõem mutuamente, além de se constituírem elementos fundantes da própria condição humana. E os motivos que me levaram a realizar essa pesquisa foram: Usar a imagem como meio facilitador da alfabetizar crianças; fazer leitura de mundo trazida pelas crianças; a importância da ludicidade trazida pelo uso de imagem; o desenvolvimento da oralidade e compreensão das crianças e por fim, o despertar da criatividade por meio da imagem. Partindo dessas motivações, que não eram poucas, passei a me indagar: é possível desenvolver uma estratégia metodológica para alfabetização a partir da imaginação e visões de mundo das crianças do primeiro ano na Escola Estadual Gilberto Rola? E fui à busca de respostas.

O campo de pesquisa foi a Escola Estadual Gilberto Rola, situada na zona rural do município de Mossoró – RN. Essa atende a 865 alunos das comunidades circunvizinhas, com um quadro de 89 funcionários entre gestão, apoio pedagógico, professores, merendeiras, porteiros, motoristas e prestadores de serviços gerais. A unidade educacional funciona nos três turnos, assim especificado: nos turnos matutino com ensino fundamental séries iniciais com 11 turmas e 2 turmas do curso técnico em agroecologia, já no turno vespertino temos 10 turmas do ensino fundamental séries finais e 3 turmas do ensino médio e no turno noturno temos 3º período, 4º período e 5º período da EJA ensino fundamental, 1º, 2º e 3º período EJA ensino médio e 1ª série A e B, 2ª e 3ª séries do ensino médio. Uma escola na qual mais de 80% vem de da cidade de Mossoró e desloca todos os dias para dar suas aulas.

A escolha de uma escola da zona rural de Mossoró, como campo de pesquisa, deu-se diante da familiaridade com o ambiente e por essa pesquisa ter surgido dos longos anos de vivências em sala de aula, onde sempre alfabetizei crianças partindo do mundo da imagem, fomentando assim o desenvolvimento do princípio alfabético. A turma que fez parte desta pesquisa foi de um 1º ano, composto por 21 crianças, com idades entre 6 e 7 anos, e, por elas serem menores

estabeleci o critério de nomeá-las por personagens de desenhos animados e filmes infantis.

O objetivo geral foi constituído com intuito de desenvolver uma estratégia metodológica de alfabetização partindo da imaginação e das visões de mundo das crianças proporcionando assim, o desenvolvimento do princípio alfabético de forma lúdica. E para alcançar esse desejo de construção e desenvolvimento, propus os objetivos específicos que são: estimular a interação das crianças com o uso da imagem do imaginário como estratégia metodológica de alfabetização; desenvolver o princípio alfabético a partir do uso da imagem do imaginário como estratégia metodológica, perpassando visão, escrita e imaginação, como também, aplicar atividades que incentivem a criatividade, o falar, o ver e o escrever a partir do uso da imagem de forma lúdica.

Na hora de desenvolver a metodologia para alcançar os resultados desejados, ancorei-me na pesquisa-ação, pois as crianças sabiam da minha pesquisa, como também conheciam os objetivos da pesquisa e participaram ativamente do processo de realização. Eu, a pesquisadora fazia parte do ambiente investigado e também no tinha envolvimento com as crianças, já que eram meus alunos. E acima de tudo, a pesquisa-ação tem o propósito de contribuir para solucionar alguma dificuldade grupo pesquisado e como alfabetizador, era desenvolver a leitura e a escrita a partir da imagem do imaginário e das vivências das crianças.

O uso de imagens se fez presente ao longo da minha prática pedagógica, experienciando um trabalhar com uso de imagem atrelada à alfabetização, ou seja, usando a imagem como meio de desenvolver a escrita e a leitura das crianças, mas ao ingressar no mestrado, tive a oportunidade de conhecer autores que me levaram a descobrir novas possibilidades de ir mais além quanto ao uso de imagens. E pautada nos novos conhecimentos adquiridos através das leituras feitas no decorrer dos semestres, acrescentei uma nova abordagem no processo de desenvolvimento do princípio alfabético das crianças pesquisadas.

Utilizei-me de cartas para registrar ideias, construções intelectuais e lembranças de momentos vividos. Fiz deste momento, meu lugar de uma escrita libertadora em que estas cartas podem iluminar o caminhar escuro e que o meu eu possa se fazer presente em sua leitura, como nos diz Santos (em que alguns fatos e situações e ações do passado 2022, p. 7):

Uma carta é como um raio de luz de uma estrela distante. Sua luz chega

até nós e nos ilumina. Nos mostra o caminho na escuridão, mesmo que sua fonte tão distante, e muitas vezes nem exista mais. É uma maneira de estar presente quando se é ausente.

Meu caro leitor, observe que, ao início de cada carta você encontrará um breve histórico datado de acordo com o tempo ocorrido, em minha trajetória pessoal, profissional e na realização desta pesquisa.

Na primeira carta destinada a Dona Dalva, faço uma memória da minha infância, que ao reimaginá-la, me possibilitou reencontrar na minha própria vida, meus devaneios de criança solitária. Nesse sentido, Bachelard (2009), em "A poética do devaneio" nos diz:

"[...]fazer reconhecer a permanência, na alma humana, de um núcleo de infância imóvel mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação - ou seja, nos instantes de sua existência poética" (p. 94).

Além disso, abordo a concepção que tinha a respeito da escola antes de começar na educação formal. Nela, associo aquele momento da minha vida à algo que realizei durante a pesquisa, quando busquei conhecer as imagens que as crianças pesquisadas tinham sobre a escola. Busquei articular a memória dos meus primeiros anos de escola com algumas vivências e as visões de mundo das crianças com quem trabalhei.

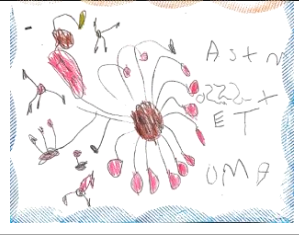
Na carta destinada aos jovens iniciantes no magistério, relato as descobertas e os conhecimentos de experienciar a imagem como estratégia metodológica para alfabetizar dentro do campo de pesquisa, a sala de aula, a partir do imaginário infantil, ou seja, partindo da concepção de imagens criadas mediante da palavra ouvida, como também, a importância de manter o enriquecimento do percurso intelectual ao longo da caminhada de professora.

Na terceira carta destinada aos meus pares, que desejam atuar também como pesquisadores, detalhei toda trajetória da aplicação da pesquisa no campo, as discussões e resultados alcançados, avaliação e reavaliação das atividades aplicadas, como também, através destas reflexões sobre as vivências, as dificuldades de ser uma pesquisadora na minha fase atual de vida pessoal e profissional, além das potencialidades de motivar as crianças a aprenderem como um investigador.

Por fim meu caro leitor, como diz Oliveira (2020, p. 5) "As cartas, não são

apenas textos escritos, são também linhas que se movem em diversas direções e mobilizam o modo de pensar e de viver do viajante”. Que você possa viajar em diversas direções ao ler cada uma das cartas aqui apresentadas.

Julane Queiroz

		1974 – 2021 Assú e Mossoró	
	No ano 1974, deixei as "brincadeiras" de ser professora para ingressar na vida escolar de fato. Momento esse de ampliar sonhos, embora em minha mente a escola fosse um espaço mais dinâmico e cheia de alegria, no entanto, encontrei uma escola rígida e bastante conservadora, até porque fui criada brincando sempre em casa com meus irmãos e não tinha ideia de como girava o mundo lá fora. Lembro-me, que fui ver a lua aos sete anos de idade, a qual eu denominei de "sol friinho". Não conhecia a noite, pois minha mãe nos acomodava para dormir às dezessete horas todos os dias e acordávamos as cinco (5) horas da manhã. Cursei todo ginásio, que corresponde atualmente aos anos finais do Ensino Fundamental, no Instituto Padre Ibiapina, localizado na cidade de Assú. A escola era dirigida pelo pároco assuense, Francisco Canindé dos Santos, que fazia todo esforço de manter a ordem e as normas rígidas de comportamento dos estudantes. Em 1982, ao concluir o ginásio ingressei no Educandário Nossa Senhora das Vitórias, instituição dirigida pela Congregação Filhas do Amor Divino, onde curvei o magistério e passei a ser professora ao concluir o curso. Nessa instituição tive a oportunidade de trabalhar por 30 anos. Posso afirmar que naquela escola cresci como professora em termos de conhecimentos e em maturidade. No final dos anos 80, ingressei no curso de Pedagogia, na modalidade Licenciatura Plena, com habilitação específica em magistério das matérias pedagógicas do ensino do 2º Grau e administração escolar, concluído no início do ano 1991, e me dediquei a ampliar conhecimentos na minha jornada de professora no Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão, na cidade de Assú. Ali tive a oportunidade de aprimorar conhecimentos, ingressando na pós-graduação em Alfabetização, sob a responsabilidade do Departamento de Letras desta instituição, o qual curvei no período de 2004 a 2008. Havia descoberto que alfabetização era meu nicho.		

Por acreditar que a educação é a maior herança que podemos deixar para os nossos filhos, em 2016 me mudei para Mossoró, oportunizando a minha filha mais nova a cursar a sua graduação tão sonhada, ser uma Biomédica. E nesta cidade, além de oportunizar minha filha a conquistar seu sonho, tive oportunidade de me especializar em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica, de 2019 á 2021 e, acreditem nesse meio tempo, conquistei uma vaga e ingressei no Mestrado em Ensino, e assim vi a possibilidade em realizar essa retrospectiva da minha infância alinhada à minha prática pedagógica. E esse diálogo com grandes educadores, adquiri ao participar de palestras, seminários e em grupos de estudos, e cursando o mestrado conheci novos pensadores, escritores e autores como: Evangelista, Edgar Morin, Giorgio Agamben, Lúcia Santaella, entre outros. Estudos e conhecimentos que me trouxeram a obter novos conhecimentos, ter um novo olhar em relação ao ensino e aprendizagem e auxiliou de forma positiva para a realização da minha pesquisa e à escrita desta dissertação.

1ª SESSÃO - CARTA DA MINHA CRIANÇA INTERIOR À MINHA PRIMEIRA PROFESSORA.

Mossoró – 2022

Minha querida professora Dalva, é envolta de nostalgia que te escrevo essa carta para apresentar-te a escrita em que abordo o uso da imagem como facilitadora da alfabetização. Ao ingressar no mestrado enxerguei a possibilidade de teorizar e enriquecer minha prática pedagógica em relação ao uso da imagem. O que me motivou a lhe escrever essa carta foram as memórias das imagens dos meus primeiros momentos na escola ao seu lado, que vieram à tona. Dona Dalva, quero contar-te também que, tê-la como professora foi importante em minha fase estudantil e, posteriormente, como profissional.

Lembro-me das nossas aulas quando colocavas imagens e pedias para escrever letras e palavras. O que me motivou a enviar-te esta carta são as imagens guardadas no meu baú de lembranças do meu tempo de estudante. Retrato aqui a imagem que tinha quando cheguei à escola, fazendo um paralelo com as imagens trazidas pelas crianças a quem hoje leciono e que também fizeram parte da pesquisa que realizei, os momentos de brincadeiras de escola com meus irmãos, as leituras escondidas das revistas, livros e romances que minha mãe colecionava, das histórias contadas pela minha avó materna e das músicas ouvidas ao lado do meu pai.

Essa minha experiência de vida que envolve o imaginário, Dona Dalva, é um dos elementos que trago para o campo de pesquisa, para proporcionar às crianças o desenvolvimento da criatividade como também o desenvolvimento cognitivo, sobretudo, para envolvê-las neste mundo de palavras imaginadas, ouvidas, faladas e escritas, pois elas são possuidoras de saberes, como também constroem saberes e têm sua visão de mundo, que se tornaram elementos importantes na minha pesquisa.

No dizer de Vygotsky, a imaginação é a base para toda criatividade que se manifesta nos aspectos da vida cultural, quando ele afirma:

A importância do trabalho criador (imaginativo) se verifica no desenvolvimento da criatividade infantil, na evolução e no amadurecimento da criança, pois no plano imaginário podem ser observados os desenvolvimentos cognitivos, pelo raciocínio estimulado, assim como a

memória além de uma amplitude nas noções de valores morais. (Vigostky, 1996, P.18).

Minha doce e amada Dalva! Desde tenra idade, eu imbuia o sonho de lecionar. Tê-la como professora, foi marcante em minha infância. Fecho meus olhos e me vem o seu sorriso franco e sereno de quando nos recebia em sua sala de aula. A sua calma, serenidade e paciência me passou confiança e, ao mesmo tempo, me encantou e me fez querer ir para à escola todos os dias. Muitas vezes ouvi alguns dos seus colegas professores dizerem que a senhora não tinha domínio de sala, ao ouvir, não entendi muito bem o sentido dessas palavras, mas, na verdade, hoje eu compreendo a essência única que tens minha estrela Dalva. Sua meiguice e doçura eram vistas de forma diferente por parte de seus colegas de trabalho e, me transporta aos estudos a cerca da importância da afetividade no desenvolvimento humano, deixados por Wallon (1995, p. 135), quando nos diz: “A emoção estabelece uma relação imediata dos indivíduos entre si, independentemente de toda relação intelectual”. A ideia Walloniana ressalta que a criança já no início do seu desenvolvimento estabelece uma relação de comunicação com o meio, através da seleção de movimentos do corpo que garantem a sua aproximação do outro e a satisfação de suas necessidades.

No entanto, a senhora, Dona Dalva, não controlava seus alunos, nós éramos como seus filhos. Você sempre tinha uma palavra de carinho, um apoio, um afeto e muita compreensão diante dos erros cometidos por meus colegas e eu. Esse seu jeitinho meigo e muito afetivo nos levava a cada dia fazer mais descobertas no mundo da leitura e da escrita.



Figura 01 – Foto de Dona Dalva¹. Fonte – Álbum de família.

¹ Dona Dalva está com vestido branco. Ela foi madrinha de crisma desta jovem que está ao seu lado direito.

Em virtude da convivência e do laço afetivo que criei contigo em sala de aula e fora dela, me tornei sua admiradora e passei a imitá-la, brincando de escola com meus irmãos. Eu sempre queria ser como a minha professora Dalva, cheia de carinho e atenção, embora em alguns momentos me aborrecesse e gritasse com “meus irmãos”, ou seja, “meus alunos”. E assim segui, engatinhando num sonho de estudar e ser professora, ser amável e compreensiva como minha estrela Dalva.

E como afirma Baitello Jr. (2018, p.13) “[...] – escrever é escavar”. Quero escavar memórias da infância que construíram a professora que sou hoje. Isso mesmo Dona Dalva, estou a caminho de me tornar Mestre em Ensino. O que é ser mestre? Que contribuições o mestrado nos traz? São questionamentos que sempre me acompanharam, mas ao conhecer a pedagogia de Paulo Freire, que nos diz: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (1996, p.11), para mim, mestre é aquele que, de repente, aprende ao ensinar seja em sala de aula, em casa ou na sua comunidade.

É ensinar e não apenas transferir conhecimentos, mas pensar certo, respeitar a natureza do ser humano, apreender a realidade, dialogar e ensinar com alegria e esperança, além disso, mestre é aquele que inspira pessoas. E neste caminhar me inspirei em você e no meu caminhar de professora busco inspirar aqueles que passam por mim. Respeitar o tempo de cada criança, corrigir com amorosidade e continuar motivando para seguir construindo novos caminhos do saber.

Na infância, a leitura me levava para além dos livros didáticos, o que me reporta a Freire (1982, p. 07), quando afirma: “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. E foi assim que iniciei a descoberta da leitura, com as revistas da minha mãe. Revistas estas que eram bem guardadas, e colecionadas por meses e números de exemplares.

Sabe Dona Dalva, a minha mãe organizava sua coleção de revistas Capricho e as revistas Carícias de acordo com o número e ano. Quanto aos romances, eram colecionados de acordo com o título, mês e número. Estavam lá, pilhas de Júlias, Biancas e Sabrinhas que ela gostava de ler e que cuidava muito bem. Sempre fui muito sonhadora e os romances eram a leitura favorita, pois me chamavam atenção. Eu adorava as histórias românticas! Foi diante do meu mundo familiar que descobri a leitura e a escrita. Lia o que estava ao meu redor, no meu meio social, no meu dia

a dia.

Olha Dona Dalva, para Freire (1982, p. 18), “A sua leitura do real, contudo, não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real. Se assim fosse, estaríamos caindo no mesmo autoritarismo tão constantemente criticado neste texto”. Na verdade, oportunizar a fala e a escuta da criança, possibilitou saber como elas veem o mundo ao seu redor, que conhecimentos elas já possuem e em que nível de escrita elas se encontravam. Embora em alguns momentos a leitura que eu fazia da realidade se misturasse com os meus devaneios infantis, como por exemplo: ao contemplar o rio, já me imaginava em uma praia daquelas que eu li nos romances, com as ondas batendo em minhas pernas e a brisa batendo no meu rosto. Lembro-me que, a cada revista lida era uma nova imagem, uma nova experiência, não existia repetição e sim renovação de conhecimentos, embora para mim fosse uma aventura na leitura diária, minha criatividade, minha imaginação, em fim meus devaneios.

Não esqueço Dona Dalva, do meu refúgio favorito para a realização das leituras. Escondia-me embaixo da cama, para não ser pega, uma vez que os romances e fotonovelas eram leituras para maiores de 16 anos. Nas fotonovelas, diferente dos romances, tinham imagens de beijos e casais se abraçando e naquela época, as crianças eram terminantemente proibidas de folhear esse tipo de revista. Em nossas conversas, minha mãe sempre dizia que existia tempo para tudo, inclusive tempo para que eu descobrisse e conhecesse tudo o que quisesse saber. Mas, mesmo assim, continuava realizando minhas leituras clandestinas, no meu sigilo, no meu esconderijo favorito, onde ninguém podia atrapalhar meus momentos de descobertas e construção dos meus devaneios infantis. E assim, eu vivia neste meu mundo de fantasias acreditando que o mundo fora da cerca da minha casa, seria um mundo de aventura e maravilhoso.

As imagens sempre me fascinaram, devaneei em muitos momentos folheando revistas e mais ainda quando lia um romance, nos momentos em que descreviam os locais, eu os criava em minha imaginação. As imagens eram construídas com cada detalhe, como se fossem um quadro pintado ou mesmo um filme.



Figura 02 – Imagens ilustrativas que representam o acervo Familiar entre os anos 70 e 80.
Fonte: <https://br.pinterest.com>.

Sabe Dona Dalva, esses romances tinham enredos simples e com finais felizes, onde a “mocinha” e o “mocinho” nunca morrem no final da história e muito menos se separavam. Quem é mal morre ou sofre muito e quem é “bonzinho” se dá bem. Havia sempre finais felizes e eu envolto no meu mundo imaginário, criava cada quadro escrito pelos autores.

Do mesmo modo, que os romances aguçavam meu imaginário, as revistas Sétimo Céu, Carícias e os Almanques me trouxeram outra forma de ler e ver cada situação através das imagens. Mesmo sabendo que minha mãe não aprovaria as leituras das revistas eu continuava lendo-as. A minha curiosidade e o desejo de ler e desbravando esse mundo das leituras era mais forte que eu. Em nossa casa, não nos era permitido brincar na rua, em casa de vizinhos, só nos restava brincar de escola ao realizar as tarefas escolares.

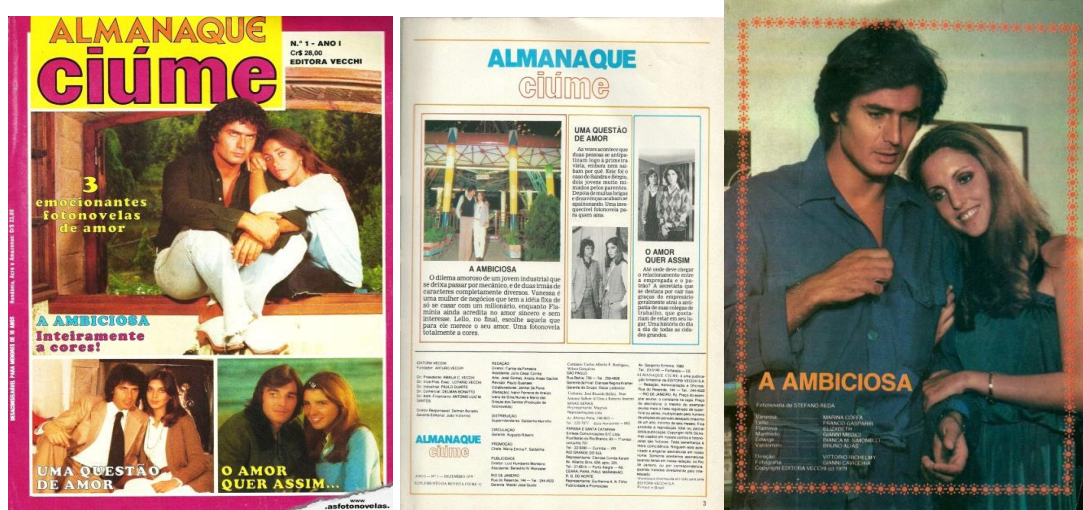


Figura 03 – Almanaque Ciúme. Imagem ilustrativa. ANO I – Nº 1 – DEZEMBRO 1979.
Fonte - <https://www.cooperlivros.com.br>.

Além de viver naquele mundo da escrita, os momentos de contação de histórias proporcionados por minha avó Maria Queiroz, também fizeram parte do meu mundo imaginário. Eram momentos fascinantes. Minha avó uma mulher séria, mas serena ao mesmo tempo, de uma sapiência incalculável e ao nos contar as histórias, narrava descrevendo cada detalhe dos acontecimentos, do local em que elas aconteciam. Naqueles instantes eu me punha a viajar em cada lugar como se fosse à personagem descrita por minha avó.

No momento das contações de história meus irmãos e eu nos acomodávamos cada um em sua rede. Eu, como sempre curiosa, sentava bem na frente da minha avó. Houve dias que não conseguimos chegar ao final, o sono tomava conta de todos nós, adormecíamos e ao acordar queríamos saber o final, mas ela com toda sua calma nos falava: “À noite eu conto!”.

Uma das histórias que mais me marcou foi "A Moura Torta", história de uma velha feiticeira caolha que todo mundo chamava de Moura Torta porque parecia uma bruxa. Na história, a Moura vai buscar água no riacho, vê o reflexo de uma bela figura feminina na água e pensa que está vendo a si própria. A moça do reflexo, na verdade, era uma princesa encantada. É como Diana & Corso (2009, p. 19), nos afirmam que os contos de fadas são “[...] recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica seu lugar na família e no mundo”. E assim, fui desenhando o mapa dos meus desejos de estudar e ser professora.



Figura 04 – Imagem ilustrativa da história contada pela minha avó.
Fonte – <https://www.moderna.com.br>

Paulatinamente descobri o mundo da leitura das palavras, mas as imagens estiveram sempre presentes nas minhas descobertas. Como sabemos, a imagem é

a primeira escrita da humanidade, pois através delas ficaram registradas as ideias e uma forma de comunicação dos povos primitivos. Aprendi ainda Dona Dalva, que a escrita surgiu inicialmente através dos desenhos feitos nas cavernas com sangue de animais, folhas e terra, que contavam fatos ocorridos entre os povos como o abatimento de um bisão, a disputa por território de caça entre eles, além das caçadas bem-sucedidas. E que hoje, através dessas escritas deixadas, tomamos conhecimento de como surgiu a nossa escrita.

Segundo a historiadora Graça Proença (2006, p. 11), “Do Período Paleolítico, as pinturas rupestres são o grande destaque, isto é, as gravuras que eram desenhadas nas paredes das cavernas”. Acredita-se, de acordo com os especialistas, que as pinturas rupestres tenham surgido por volta de quarenta mil anos atrás em grupos humanos que já haviam descoberto o fogo e que utilizavam ferramentas de pedra lascada.

E assim, Dona Dalva, as imagens sempre estavam presentes no universo em que eu estava sendo alfabetizada. E partindo das imagens, treinava a escrita, em alguns momentos escrevia palavras, em outros criava frases ou até mesmo pequenos textos. Lembro-me que eu tinha um caderninho onde eu colava uma imagem e construía um texto a partir dela. Como fazer parte do mundo das imagens era construtivo e divertido para mim! Eu me deixava levar por elas e construía meu mundo de sonhos e imaginações. Como afirma Bachelard, (1996, p.95), “Na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade”. E assim fui construindo meu mundo a partir da minha imaginação, sentindo a sensação de liberdade me invadir.

Nesse caminhar de descobertas, percebi a dificuldade da minha irmã em memorizar e entender as letras do alfabeto e as sílabas. Como sabemos Dona Dalva, nos anos 1960, o estudo era mnemônico, ou seja, método de memorização que consiste na associação do que precisa ser lembrado, com alguns elementos, escrita, ou recursos que facilitem a memorização. Tínhamos apenas que memorizar os conteúdos ministrados pelos professores e responder as atividades de acordo com o que nos foi incumbido memorizar. Minha mãe mesmo de forma tradicional, passava a cartilha de A, B, C, como atividade de repetição, escrita e oral, das famílias silábicas, no intuito de despertar minha irmã para a leitura e a escrita, mas mesmo assim não obteve êxito. Fiquei a pensar como eu poderia ajudar minha irmã a sanar essa dificuldade em fixar as sílabas, ou até mesmo ajudá-la a identificar as letras que compunham o alfabeto.

Como uma criança que não parava de pensar e de fazer descobertas, que a senhora Dona Dalva conheceu muito bem, certo dia veio à ideia de folhear uma revista e escolher algumas imagens juntamente com a minha irmã mais nova que na época tinha seus sete anos de idade e eu já com meus dez anos. E sua escolha foi à imagem de uma boneca, e diante dela, instiguei o conhecimento prévio acerca do brinquedo escolhido e fui anotando tudo que ela falava. Logo após, trabalhei com ela a descrição da imagem da boneca: a cor do cabelo, os olhos, as roupas e calçados, o que eu costumava fazer com as imagens coladas em meu caderninho. Nesse contínuo, minha irmã deu um nome a sua boneca, “Núbia Lafaiete”. Também atribuiu a ela um pai e uma mãe. Com a família formada, comecei a trabalhar com ela a palavra boneca, mostrando as letras e separando o que era vogal e consoante, como se formava uma sílaba, como a palavra poderia ser dividida e quantas sílabas a palavra **BO-NE-CA** tem. Toda essa dinâmica facilitou o entendimento e sua apropriação das letras e das sílabas, embora de forma repetitiva, mas a imagem facilitou seu entendimento. De acordo com Oliveira, Gouveia, Ribeiro e Wilk (2008, P.16), “Ver uma imagem é um processo de produção de sentidos, e nisso reside à importância de se compreender que se trata de um processo cuja complexidade não é alcançada meramente com um comentário acerca do caráter ilustrativo que uma imagem pode ter”. E fomos produzindo juntas um sentido para essa descoberta da leitura usando a imagem da boneca como facilitadora deste processo, trabalhando as letras, as sílabas, enfim, desvendando o caminho tão complicado para minha irmã, o da leitura e da escrita.

Igualmente aos livros, as revistas e as histórias contadas por minha avó, à música também fazia parte do meu cotidiano. A música me fascinava e contribuía muito para aguçar ainda mais minha imaginação. Meu fascínio por música foi herdado de meu pai, que nunca ficou sem uma vitrola. Lembro que na minha casa havia uma radiola grande, daquelas que parecem um tipo de móvel de madeira, ela tinha a função em que o disco de vinil era virado sem precisar parar para trocar manualmente o lado do disco. Eu achava muito interessante aquele braço da radiola com uma agulha fininha e frágil. Meu pai sempre alertava para manter cuidado para não arranhar os seus discos de Vinil.



Figura 05 – Foto ilustrativa da Radiola que meu pai possuiu.
Fonte - portalanaroca.com. br.

Naqueles momentos em que eu sentava junto ao meu pai, ouvíamos muito Nelson Gonçalves, de quem ele era fã. A cada canção um novo quadro era criado e imaginado por mim. Eu viajava no mundo da imaginação por cada estrofe musical. Uma das músicas que mais me chamava atenção era “Mariposa”.

Segue o teu caminho, Mariposa
Já que essa luz te embriaga
Mas nunca te esqueças, Mariposa
Que toda a luz se apaga.
Presta bem atenção, Mariposa
Neste aviso derradeiro
Antes que a luz da cidade se apague
Podes cegar-te primeiro.

(Compositores: Nelson Gonçalves, Adelino Moreira 1959).

De fato a palavra mariposa levou-me a inúmeros questionamentos. Quem era essa mariposa? Onde ela morava? Por que ela sambava se ela era uma borboletinha bem pequena? Eu me lembro de já estava com uns sete/oito anos de idade e como as inquietações eram pertinentes nesta fase de vida, eu já lia, gostava de brincar de escola e cada palavra desconhecida do meu dia a dia, logo queria saber o significado.

Envolvida naquele mundo de questionamento interno Dona Dalva, resolvi externar minha curiosidade em relação à palavra ouvida na música ouvida e fui me colocando – Mãe, mariposa é um besourinho com asas que fica na luz, por que está na música? E com muita delicadeza e sutileza ela falou – “Mariposa é uma mulher que não era casada, que não tinha família e que namorava qualquer homem”. Sei que para minha mãe, conversar sobre essa situação não foi fácil, pois ela foi criada por freiras em um orfanato. Mas mesmo assim, ela conseguiu

encerrar o assunto usando seu argumento de que criança não precisava saber dessas coisas.

E hoje entendo porque minha mãe não se aprofundou nos meus questionamentos, ela foi criada num colégio de freiras, sob a rigidez da obediência, e assim nos criou. Privou-nos de ampliar a imaginação e realizar grandes descobertas a partir da nossa leitura de mundo. Mas, mesmo assim, segui com minha atitude sempre muito questionadora, na busca de saber o significado das palavras novas que apareciam nas músicas, como também nas conversas.

Sabe Dona Dalva, antes de ir à escola, à medida que eu crescia, ampliava meu mundo imaginário, construindo minha concepção de como seria estar neste lugar, e acredito que para mim aquela criança sonhadora, era como um de contos de fada que sempre eram felizes. Lembro-me que nesse período enquanto eu sonhava em estudar, meus irmãos mais velhos já frequentavam a escola, enquanto eu, ao vê-los saindo para a escola, ansiava por minha vez. Para mim, a escola era um lugar de criatividade, cheio de diversão, onde eu poderia fazer muitas perguntas e obter respostas, mas com muitas tarefas a realizar.

E hoje diante das minhas leituras Dona Dalva, eu me reporto a um livro **Pinóquio as avessas** de Rubens Alves (2010), que me levou a compreender que para ser professor no século XXI, se faz necessário compreender e reorganizar sua prática pedagógica. Estar em constante reflexão e realizar suas novas intervenções para ajudar suas crianças a avançar no processo de ensino e aprendizagem. Porém, diferente do que eu imaginava, adentrar à escola foi um momento bastante difícil, senti que o mundo de criações e conversações vivenciado em casa, estava no oculto, ou seja, percebi que meu mundo de fantasias e criações não se faziam presentes nas minhas atividades escolares diárias, me restando apenas decorar respostas e reproduzir os conteúdos ministrados. E aqui cito Rubens Alves (2010, p. 13) quando ele escreve:

“Curiosidade é uma coceirinha que dá dentro da cabeça, no lugar onde mora o pensamento. A curiosidade aparece quando os olhos começam a fazer perguntas. Os olhos das crianças são sempre curiosos. Elas querem ver o que está escondido, querendo saber o que está por trás das coisas”.

Aquele mundo maravilhoso de construções e troca de ideias, não existia na prática e a minha concepção de escola desmoronou. Vi minhas curiosidades aumentarem e sem encontrar respostas para minhas curiosidades. Destaco ainda

nessa fala de Rubens Alves (2010, p.18), que: “As escolas existem para transformar crianças que brincam, em adultos que trabalham. É preciso entrar no mercado de trabalho”. No meu mundo de criança a escola seria aquele lugar onde eu aplacaria minhas curiosidades, sanaria minhas dúvidas e meus questionamentos não respondidos por minha mãe. Ela, embora com suas limitações em falar detalhadamente sobre meus questionamentos, não me deixava sem respostas, porém eu queria mais, e achava que, na escola, teria as respostas completas para minhas perguntas.

Lembro, Dona Dalva, que terminava as tarefas com rapidez, mas a senhora sempre me ocupava, seja com uma ida a biblioteca para escolher um livro e lê-lo em outro espaço da escola, isso me fascinava. Na biblioteca havia uma diversidade de livros que dificultava minha escolha. Além disso, às vezes, a senhora me nomeava como ajudante do dia, para auxiliar os meus colegas com dificuldade na realização da tarefa. Nossa! Como eu me sentia a própria Dona Dalva, me sentia importante e necessária em sala de aula.

Porém, de repente veio à novidade que Dona Dalva engravidou, essa notícia me deixou silenciosa, inquieta e ansiosa em saber como seria me afastar de ti e como seria essa nova professora. Como ela cuidaria de mim e dos meus colegas. Será que ela seria como Dona Dalva? Meiga, carinhosa e atenciosa. E chegou o momento do seu bebê nascer, você tirou sua licença gestante e a partir deste momento tudo se modificou. Aquela professora compreensiva e amável foi-se e chegou outra que se mostrou o seu oposto. Chegou trazendo na sua bagagem muitas regras e exigia muita disciplina, ou seja, silêncio e todos sentados em suas carteiras. Como a nossa turma mudou.

Manter-me sentada e em silêncio, sem colaborar com os colegas e sem minha leitura extra, não foi nada fácil. A nossa rotina e costumes diários foram tolhidos. Mas, felizmente eu tive a chance de conviver com Dona Dalva. Aquele tempo que passamos juntas, seu sorriso franco, sua calma em nos manter em sala e realizando as tarefas, as experiências que vivi colaborou para o meu desenvolvimento e para a autonomia profissional que tenho hoje.

Diante dessas memórias sobre meu primeiro ano de escola ao teu lado Dona Dalva, planejei uma atividade e realizei com as crianças que participaram da minha pesquisa. Busquei conhecer qual a imagem que elas tinham da escola antes de começar a estudar e qual imagem elas formaram depois que entraram na escola.

Escolhi como frase motivadora: **ESCOLA, palavra que se ouve**. A escolha dessa frase e a motivação para realizar essa atividade veio de um desenho animado chamado **O Fantástico Mundo de Bobby**. É uma série que retrata a vida de um menino muito imaginativo e que sempre tem perguntas difíceis para seu pai responder. Seu pai, no entanto, usa de criatividade e muita fantasia para ajudar seu filho a entender as coisas da vida.

Acredita Dona Dalva, que no desenho animado, quando alguém fala para Bobby uma palavra de significado desconhecido, ele começa a criar situações imaginadas, que são o seu entendimento daquela palavra. Vou te relatar um pouco de um episódio que assisti e fiquei maravilhada. O episódio tem por nome **O grande susto do Boby**. Neste, ele acordou sentindo sua garganta queimando e o seu corpinho muito quente. E quando sua mãe o tocou disse – “Você está fervendo! Vamos medir sua temperatura”. Diante do que ele sentia, e do comentário de sua mãe, em sua imaginação, Bob viu sua garganta pegando fogo, saindo muita fumaça e ele entrando dentro dela dirigindo um carro de bombeiro para apagá-lo.

A mãe do Bob resolve levá-lo ao pediatra. Chegando ao consultório ele foi examinado e o médico falou – “Você precisa retirar as amídalas”. Mais uma vez a imaginação do Bob entra em ação, ele criou uma imagem a partir daquela palavra. Imaginou a amígdala como uma moça bonita que saia de sua garganta e se apaixonava pelo seu médico, mas o pediatra lhe explicou o que eram amídalas e o que causava a queimação na garganta.



Figura 06 – Verificando sua temperatura.
Fonte – Canal do You Tube Jonas PuraDiversão.



Figura 07 - Bob apegando fogo da sua garganta.
Fonte – Canal do You Tube Jonas PuraDiversão.



Figura 08 – O pediatra dançando com a amígdala.
Fonte – Canal do You Tube Jonas PuraDiversão.

Outra fonte de inspiração e motivação Dona Dalva, se deu a partir da releitura do livro **O Pequeno Príncipe**, escrito por Antoine Sant-Exupéry. No livro, ele fala da história da amizade entre um homem, um aviator que caiu com seu avião no deserto, com um príncipe que habita um asteroide no espaço e que viajava pelo universo puxado por cometas. Aprendi que a sabedoria das crianças pode servir como guia para a vida adulta, como também o adulto pode aprender com a criança. Além disso, aprendi a despertar essa criança oculta que habita em todos nós.

Comecei então a reanimá-la e reimaginá-la. Aprendi também, que cada um dos nossos amigos tem um modo único, como também as crianças que passam por mim e tenho que respeitar e fazer com que elas respeitem a singularidade de cada criança que compõe a sala de aula. Com base nessa leitura, indicada pelo meu orientador no Mestrado, professor Dr. Jucieude de Lucena Evangelista, percebi a possibilidade de agregar ao meu trabalho com imagens, a condição humana do imaginador, condição essa trabalhada por ele em sua tese de Doutorado², que deixa bem evidente que: “A condição de imaginador é concebida pela relação indissociável entre imagem e pensamento. Baseado nisso afirmamos que a imagem existe em potência no pensamento e que toda imagem artificial é antes de tudo uma imagem pensada (Evangelista, 2016, p.06)”. Partindo dessa afirmativa, Dona Dalva, percebi que, na condição de professora e de pesquisadora, eu poderia ir além, mobilizando a condição de imaginador das crianças com quem trabalho.

Diante da leitura feita do livro *o Pequeno Príncipe*, Dona Dalva, refleti sobre a importância de tentar entender o mundo da criança, conhecendo seu imaginário e, a partir dele, tentar apreender seu conhecimento de mundo. Às vezes nós, docentes, na nossa pressa diária deixamos de prestar atenção no que elas nos trazem sobre seus saberes e já traçamos algumas impressões sobre elas. No entanto Dona Dalva, quando há um aprofundamento acerca dos conhecimentos trazidos pela criança, podemos ver mais do que primeiras impressões. Por isso, se faz necessário um olhar com mais afinco a cada momento de aprendizagem vivenciada pela criança em sala de aula.

É como na história do *Pequeno Príncipe*, quando ele pede a seu amigo, o Piloto, que lhe desenhe um carneiro. Ele o faz, mas o *Pequeno Príncipe* não ficou satisfeito com o desenho, mesmo depois de algumas tentativas. Então o Piloto desenha uma caixa com alguns furos. Ele diz que o carneiro está dentro da caixa e que os furos são para que ele possa respirar. Para sua surpresa, o *Pequeno Príncipe* aceita o desenho, pois para ele não era importante a representação do carneiro, mas acreditar na imagem do carneiro protegido dentro da caixa. É esse poder imaginativo que busco desenvolver nas crianças sujeitos da pesquisa.

² Evangelista, Jucieude de Lucena. Sobre imagens, pensamento e educação: narrativa de uma caminhada ao encontro do sujeito imaginador na escola / Jucieude de Lucena Evangelista. - Natal, 2017.

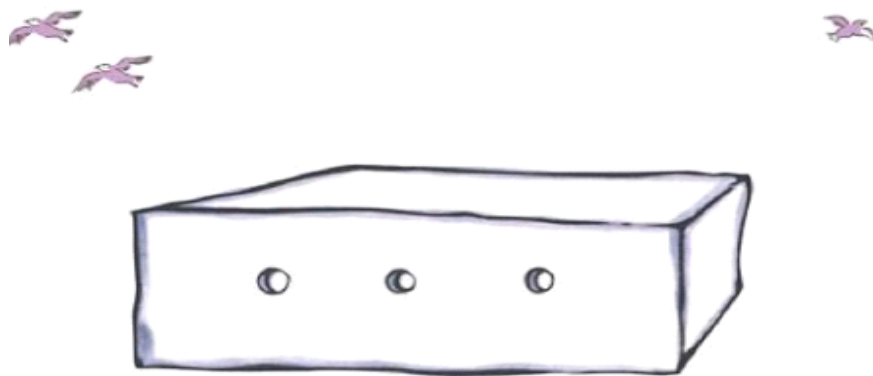


Figura 09 – O carneiro dentro da Caixa.
 Fonte: Imagem ilustrativa do Livro o Pequeno Príncipe (1952, p.08).

Já o aparecimento da raposa na história de forma repentina e misteriosa, estabelece um relacionamento de amizade com o Pequeno Príncipe. Apesar de pedir para ser domada pelo seu amigo, a raposa atua não só como pupila, mas como sua tutora, ensinando-lhe valiosas lições. Aqui, Dona Dalva, vi nossa relação de professora e aluna, como também de professora e professora. Como aprendi contigo. A raposa representa a sabedoria, pois ensina valiosas lições ao rapazinho, dentre elas, a mais importante: só o coração consegue ver corretamente. O tempo que o Pequeno Príncipe passou longe do seu planeta fez com que ele valorizasse mais sua Rosa, que lá ele havia deixado, além de perceber que o amor implica em responsabilidade.

E como nos frisa bem o mestre Paulo Freire (1921, p.56):

O ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Não há educação sem ensino, sistemática ou não, de certo conteúdo. Ensinar é um verbo transitivo – relativo. Quem ensina, ensina alguma coisa – conteúdo – a alguém – aluno.

Corroborando com a citação acima, ensinar requer cuidados, atenção e muito amor ao que recebe os ensinamentos, mas sabemos que neste caminhar de ensino e aprendizagem, sempre nos tornamos também um aprendente. As crianças tem uma sabedoria própria delas recheada de conhecimentos empíricos, que nos abre um leque de possibilidades a novas pesquisas e construções de novas aprendizagens.

E falando em ato de ensinar Dona Dalva, no livro, **P de Professor**, de Jorge Larrosa (2016), destaca três pontos importantes em relação ao ofício de ser professor. Levar o nosso trabalho com seriedade e ao mesmo tempo com dedicação, ser verdadeiramente um construtor de saberes na vida das crianças e, por outro lado, construir nossos saberes juntamente com as crianças, contribuindo, assim, para o desenvolvimento cognitivo delas, respeitando sua singularidade e lhes proporcionando oportunidades de seguir seu caminhar de aprendizagem.

E continua reforçando quando cita o filósofo italiano Giorgio Agamben, abordando que:

O ofício supõe uma inseparabilidade entre o que se faz e o que se é. E por isso, disse Agamben, o ofício “não pode ser transgredido, mas tão somente ser falsificado”. Quer dizer que o que existe, o que ressalta, são os falsos professores, professores de mentira, professores que se dizem professores e que parecem professores, porém que não o são (Larrosa, 2016, p.35).

Ele explicita bem a importância do professor não separar o que se é daquilo que se faz, ou seja, ser professor efetivamente no seu cotidiano, e não se dizer professor tão somente quando da execução seu ofício.

Larrosa (2016) considera em segundo lugar considera que:

A concepção do ofício como a potência ou capacidade, ou a faculdade, de atuar. E a implementação dessa potência, sua passagem ao ato, não depende de outra coisa que do hábito, da héxis, do costume, ou ethos, do que poderíamos chamar de um saber fazer incorporado, encarnado (LAROSSA, 2016, p.36).

Como observamos na citação acima, o ofício de ensinar tem a ver com o modo de ser e da possibilidade que se possui para pensar no seu fazer pedagógico em sala de aula.

A cada colocação feita pelo autor, me vem o tamanho da responsabilidade de ser verdadeiramente professora. Uma professora não comprometida em desempenhar seu ofício com seriedade, não exerce sua função de fato, mas apenas de direito.

E em terceiro lugar, Larrosa (2016. P.36) nos diz: “A relação do ofício com a devoção e com o dever”. De acordo com o uso antigo (tanto pagão quanto cristão) de devoto, exercer um ofício é entregar-se e submeter-se a ele. Contudo, também é respeitá-lo no que é em sua qualidade ou em sua própria natureza. E isso é particularmente interessante porque o respeito é uma virtude intrínseca à pessoa e

não uma obediência à norma.

O respeito ao ofício, portanto, não tem uma definição normativa, mas existencial. Por último, exercer um ofício é cumprir com os deveres que se traz consigo. E esses deveres são internos ao ofício, constitutivos do ofício, e não exteriores a ele.

Veja Dona Dalva, como a releitura do Pequeno Príncipe me levou a vários caminhos, adquirir vastos conhecimentos em relação ao ato de aprender e ensinar, a construção de aprendizagem e respeito à diversidade. A cada página lida, uma nova descoberta, um novo chamado à responsabilidade e uma reflexão bem pertinente ao meu fazer pedagógico, deixando bem aparente a importância de buscar sempre me tornar uma professora comprometida verdadeiramente com minha missão de ensinar.

Apesar de saber que ao longo desse caminhar me deparei com situações que me desmotivaram, chegando a me deixar sem vontade de continuar buscando inovar meu fazer pedagógico, mesmo diante dessas dificuldades, busquei manter o equilíbrio e desempenhar meu ofício sempre com verdade e seriedade.

Aqui, Dona Dalva, vendo a imagem da raposa juntamente com o menino, lembrei-me da nossa responsabilidade com o nosso ofício de ser professora, somos a raposa, aquela personagem importante em mostra o mundo como ele é e as suas dificuldades para nossas crianças. Por sua vez somos a raposa e o príncipe são as nossas crianças.



Figura 10 – O Pequeno Príncipe e a Raposa.
Fonte: Imagem ilustrativa do Livro o Pequeno Príncipe (1952, p.053).

E por fim, fechando essa releitura, trago o elemento a Rosa, o objeto do amor do Pequeno Príncipe, mas graças ao comportamento contraditório da sua flor, o

Príncipe partiu em viagem. A Rosa, com sua atitude melodramática e orgulhosa é, ao mesmo tempo, arrogante e ingênua, levou o Pequeno Príncipe a ceder aos seus caprichos por acreditar que estava cuidando bem dela. Sua memória da Rosa faz com que ele queira regressar ao lar. A Rosa simboliza, desse modo, o amor que deve ser cultivado e cuidado. Cada um apresenta características humanas, tanto boas como más. As salas de aula, como bem a senhora sabe Dona Dalva, estão recheadas de diversidade e cabe ao professor trabalhar essas diversidades e ensinar as crianças a conviver de forma harmônica com as diferenças, mostrando, que cada criança é única, um tipo de flor em um jardim, e cada uma tem sua cor, sua forma, seu terreno certo. Assim também somos nós humanos, somos diversos e temos gostos e vontades diferentes, mas devemos respeitar cada uma delas.

Dona Dalva, o amor que você cativou em mim, desde minha infância trago comigo até hoje. Sei que cada criança é como uma flor, algumas ingênuas e dramáticas, como a rosa do Pequeno Príncipe, outras calmas, serenas e curiosas.



Figura 11 – O Pequeno Príncipe e a Rosa.
Fonte: Imagem ilustrativa do Livro o Pequeno Príncipe (1952, p.22).

E segui, Dona Dalva, observando minhas crianças e descobrindo pouco a pouco suas características particulares, e desta feita busquei conhecer que concepção as crianças tinham da escola. No decorrer da atividade percebi a euforia, a timidez e o estranhamento por parte das crianças. Estranhamento em relação à forma de realização da atividade. Uma vez que eu mudei a organização do espaço da sala de aula, coloquei as cadeiras em semicírculo, o que facilitou que elas se olhassem durante a realização da atividade. As crianças estavam enfileiradas, como na minha época de escola. A euforia neste momento era tamanha, todos falando ao

mesmo tempo. Propus um combinado, quealaria um de cada vez, para ouvirmos a ideia e observar o desenho feito pelo colega no momento da socialização da atividade.

Propus duas ações nessa atividade: uma relativa ao ensino de artes, com a produção de um desenho; a outra relativa à linguagem, que foi uma roda de conversa. Após organizar a sala, distribui papel, lápis grafite, borracha, lápis de cor. Liguei a câmara e o gravador. A frase motivadora para que as crianças elaborassem seus desenhos foi: *Escola, palavra que ouve*. A partir da palavra escola, pedi que as crianças desenhasssem como imaginavam a escola antes de começarem a estudar. Senti a disponibilidade, alegria e muita vontade de expressar suas impressões acerca da escola.

Percebi a dificuldade de algumas crianças em construir seus desenhos. Naquele momento me veio o dizer de Vigotski (1934, p.11): “A fantasia sempre se constrói a partir dos materiais captados do mundo real”. Então, ao passar observando os desenhos encontrei muitos elementos imaginários, como também os da realidade escolar. Ao concluírem a atividade, fizemos a roda de conversa, que teve como objetivo levar as crianças a abordarem e discutirem a atividade em grupo desenvolvendo sua autonomia e aprendendo que todos têm a sua vez de participar.

Veja, Dona Dalva, que riqueza é trabalhar a roda de conversa. Ela oportunizou trabalhar a oralidade na sala de aula, e a compreensão dos alunos de que a comunicação não é somente saber falar, mas também conseguir se expressar de várias maneiras em diversos contextos sociais. Essa troca de experiências é um dos maiores benefícios, já que ela proporciona momentos de conversas, discussões e apoio, levando as crianças a discutirem entre si sobre o conteúdo e construírem juntas a resolução do problema.

As rodas, o ouvir o outro ajuda educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e modos de ser são diferentes para cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito à opinião do outro vão sendo então construídos por meio de trocas que se estabelecem entre educandos e educadores. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador de um grupo. São também, esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro. (Zanini e Leite *apud* Konrath, 2013, p. 28).

Esse espaço de diálogo em sala de aula permite que as crianças se expressem e aprendam em conjunto. É o seu espaço de fala. Sei que para a senhora, Dona Dalva, falar sobre roda de conversa parece estranho, não tínhamos essa dinâmica em sala quando eu era criança e a senhora era professora, mas hoje essa dinâmica nos permite ensinar e aprender com o que as crianças imaginam.

Para a roda de conversa, propus iniciarmos as apresentações, mas ao pensar sobre como as crianças iriam expressar seu pensamento a partir da palavra falada, me veio o pensar de Evangelista (2016. p, 140), ao dizer que “[...] A palavra tem a possibilidade de sugerir composições mentais diferentes para a imagem”. Como trabalhei a palavra falada, ESCOLA, seria o momento de conhecer a diversidade de imagens geradas ao redor dela. Então dei início à apresentação dos desenhos, iniciando pelo Bento (07 anos).

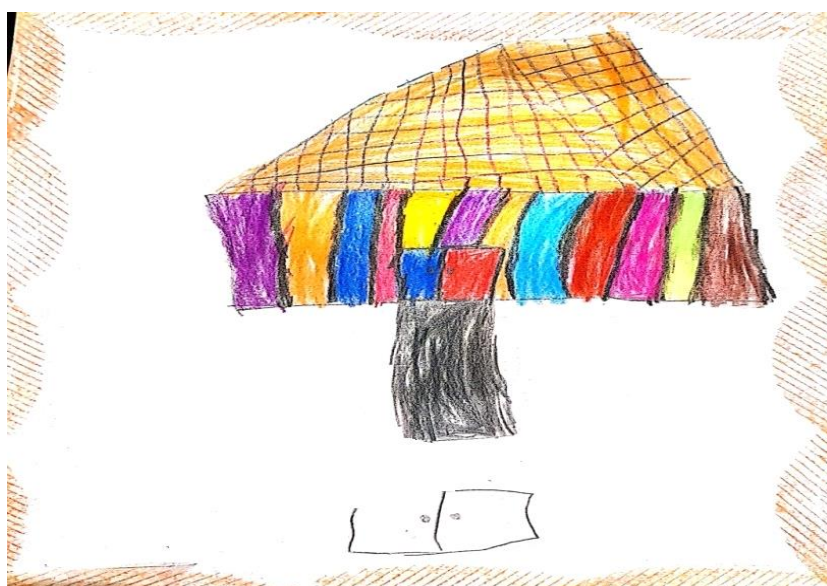


Figura 12 – Desenho do Bento – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.

Parti da pergunta motivadora: Como você pensava que era a escola antes de começar a estudar? A princípio houve um burburinho, mas relembramos do combinado. E o ouvimos timidamente do Bento (07 anos): *“Eu achava que a escola teria um parquinho”*. Em seguida ouvimos a Mulan (07 anos): *“Eu achava que a escola era desse jeito”*. Indaguei: Assim como? Ela respondeu: *“Tinha muita matéria, muito dever”*. E continuou falando: *“A escola é muito querida pra eu. Aqui a gente aprende muitas coisas pra gente guardar na nossa mente. Possamos*

abençoar a nossa escola, nossa sala”. Veja Dona Dalva como ficou o desenho de Mulan.



Figura 13 – Desenho da Mulan – 07 anos.

Fonte: Diário de Bordo - 2022.

Seguindo as apresentações foi à vez do Roger (07 anos): *“Eu achava que a escola tinha um portão preto para as crianças entrarem”*. Indaguei: Um portão preto por quê? E ele respondeu: *“Porque nos filmes a escola tem um portão preto”*. E buscando saber mais do seu desenho, perguntei: E esse desenho na parede o que é? Ele respondeu: *“É o símbolo da escola”*. Veja como ficou o desenho do Roger.



Figura 14 – Imagem do desenho do Roger – 07 anos.

Fonte: Diário de Bordo - 2022.

E seguimos o curso das nossas apresentações, o Kristoff (07 anos), embora muito tímido, ao ser encorajado, nos falou *“Eu pensava a escola cheia de gente”*. Indaguei – Muita gente? Ele respondeu timidamente: *“Sim. Só gente. Muita gente”*.

Logo depois foi a vez de Dereck (07 anos), com seu jeito esperto falou: *“Para mim a escola era muito ruim”*. Indaguei: Ruim, por quê? Ele respondeu: *“Ruim porque achei que só tinha dever e não tinha diversão”*. Em quanto isso a Luna, (07 anos) falou: *“Eu achava que na escola tinha muita gente e que lia muito”*. E para finalizar essa nossa roda de conversa, o Bobby, (07 anos) nos apresentou seu desenho dizendo: *“Eu desenhei os monstros, os monstros”*. Indaguei: Monstros na escola? E ele esclareceu falando: *“Os monstros são as pessoas que brigam com as crianças”*. Olha só Dona Dalva, como ficou o desenho do Bobby.



Figura 15 – Imagem do desenho do Bobby.
Fonte: Diário de Bordo.

Como a senhora pode observa Dona Dalva, no decorrer da atividade, algumas crianças foram bem enfáticas nas suas falas, embora outras necessitassem de um incentivo para expressar suas ideias. Como nos diz Azevedo, (2016) o desenho visto:

Como processo de pensar-fazendo, o desenho é anti-totalizante – não se compromete com a cobertura total da superfície, nem qualquer ideia de acabamento. Expressa tempo e movimento: como a dança e a música, o desenho não retém o tempo, flui com ele em sua execução. (Ingold, 2913: 126-129 *apud* Azevedo, 2016, p.198).

As imagens criadas pelas crianças apresentam elementos e situações da vivência do seu dia a dia, e ao mesmo tempo, seus desenhos ajudam-me, a saber, o modo como elas decodificam e relatam a sua concepção de escola. No momento de realização da roda de conversa, ao ouvir a apresentação do Bobby, seu relato me fez viajar no meu tempo inicial da escola e enxergar os monstros escolares da minha

infância. Monstros esses expressos nos momentos em que fui tolhida em minhas ideias e criatividade, quando não opinava e nem podia fazer as perguntas que minha curiosidade aguçava. Diante desta situação só me restava reclamar e lamentar com minha mãe, além de reforçar a vontade de um dia ser professora para trabalhar diferente. Como nos afirma Bachelard (2009, p. 8). “Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é só nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso”.

Outro momento bem interessante foi à troca de ideias no momento do desenho, a preocupação de Mulan em ensinar ao Kristoff a fazer o traçado do desenho ao perceber sua dificuldade. São nessas trocas que vemos o respeito à singularidade do outro. Ver a Mulan ajudar o colega, mesmo sem ele pedir ajuda, é como se fosse uma ação realizada por elas diariamente. A escola para elas torna-se um exercício de cidadania e fraternidade.

Voltando a minha prática pedagógica diária na escola, Dona Dalva, resolvi propor uma construção de crachás para ajudar as crianças a identificarem seu nome com segurança e certeza. Lembro que na minha época de estudante, o meu crachá sempre vinha pronto e escrito com uma letra caligráfica. Resolvi fazer diferente, construir os crachás juntamente com as crianças, oportunizando a elas o prazer de fazer a seu modo. Eu apresentei a elas o seu nome com a letra bastão, pois facilita o traçado das letras. Os espalhei no centro da sala. Como de costume as cadeiras estavam dispostas em semicírculo, assim nossa roda de conversa estava formada.

Lembro Dona Dalva, que em nossa sala de aula não podíamos tirar nossa carteira do lugar para não desarrumar a sala. Em seguida, pedi que cada um encontrasse seu nome e ao encontrá-lo, fizesse um desenho que o representasse, para que, depois de concluído, as crianças socializassem e compartilhassem suas ideias. E mais uma vez me veio o dizer de Azevedo:

Desenhar envolve desde logo diversidade, visível no estilo ou tipo de narrativa gráfica, que pode ser mais sequencial ou episódica, no conhecimento técnico do desenho ou destreza de quem desenha, nos materiais utilizados, suportes, utilização ou ausência de palavras (Azevedo, 2016a) apud (Oliveira, Costae Barbosa, 2020, p.71).

E iniciei as apresentações perguntando: Qual imagem você escolheu para lhe representar? E sempre reforçando o nosso combinado de falar um de cada vez.

Quem iniciou foi a Mulan (07 anos), como sempre muito comunicativa e desinibida: *“O que me representa são as flores, porque adoro flores, arco-íris e muitos corações”*. Observe Dona Dalva o desenho como ficou lindo.



Figura 16 – Imagem do desenho da Mulan – 7 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.

Em seguida foi à vez de Kevin (07 anos), ele apresentou seu desenho e falou: *“Desenhei um jogo de futebol”*. Logo após indaguei: Por que você desenhou um jogo de futebol? E ele muito rápido respondeu: *“Desenhei porque gosto de jogar bola e quero ser um jogador”*.



Figura 17 – Imagem do desenho do Kevin – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.

Na continuidade das apresentações, o Bobby (07 anos), foi falando: *“Eu desenhei uma rosa do deserto”*. E para aprofundar sua escolha busquei saber por que ele fez esse desenho. Então ele me respondeu: *“Desenhei porque meu pai tem*

uma e eu ajudo a cuidar dela”. E a Ariel (06 anos) apresentou o desenho e falou: *“Eu desenhei o jardim da minha casa. Ele é muito lindo”*. E o Bento (07 anos), apresentou seu desenho: *“Eu desenhei um avião”*. E ao ser questionado por que fez esse desenho, falou: *“Desenhei um avião porque quero ser piloto de avião”*.



Figura 18 – Imagem do desenho do Bento – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.

Sabe Dona Dalva, como nos diz Azevedo (2016a, p. 22), “Para alguns, o desenho é um verbo, um fazer, um processo, uma metodologia de pesquisa; para outros, o desenho é um resultado de pesquisa e uma forma, inclusive, de apresentá-la; para muitos, o desenho é ambas as coisas”. Como pesquisadora, vejo o desenho como uma estratégia metodológica desta pesquisa. Ao realizar as atividades observei que a maioria das crianças se expressou pensando nas suas vivências diárias. Nas falas deles no momento de construção dos desenhos, percebe-se um misto de indecisão e insegurança em relação ao que desenhar e como desenhar. Pensei no que afirma Canário, (2003): “É preciso caminhar no sentido de desalinhar o trabalho escolar, favorecendo o seu exercício como uma ‘expressão de si’, quer dizer, como uma obra, o que permitirá passar do enfado ao prazer”. Parti dessa ideia para fazer os crachás de um modo diferente do que se faz na escola.

Sabe Dona Dalva, é esse desalinamento que trago neste trabalho, desenvolver a leitura e a escrita das crianças partindo das suas vivências, levando-as a construir conhecimento de maneira livre e ter oportunidade de experienciar situações significativas ao seu aprendizado.

Apenas falar para a criança não basta. É importante que ela aprenda brincando. E como nos aponta Winnicott (1975b, p. 76), “No brincar, a criança

manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimento oníricos”. A brincadeira nos inclui na vida, numa vida humana com sentido, desejante e boa de ser vivida, foi essa brincadeira que me trouxe até aqui neste momento de pesquisa e de busca de conhecimento.

Ao longo da minha jornada de professora Dona Dalva, aprendi que, ao desenhar, a criança brinca e expressa seus pensamentos e sentimentos, deixando suas marcas no papel. Pouco a pouco ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua sobre o espaço do papel imprimindo traços. A criança o experimenta como um brinquedo.

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta, estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (Derdyk, 2004, p.56).

Através dos desenhos realizados pelas crianças pude conhecer esse prazer, me apropriei dos conhecimentos trazidos por elas de casa, das suas vivências e do seu cotidiano. Para Benjamin (2002) há uma lei que rege todas as brincadeiras: a lei da repetição. “A essência do brincar não é ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito.” (p. 102). Vejo Dona Dalva nesse dizer de Benjamin (2002) a importância de trabalhar com novas possibilidades de desenvolvimento da aprendizagem das crianças de forma lúdica. Brincando, mas objetivando a brincadeira, não como um brinquedo, um objeto, e nem como uma técnica, mas como um conjunto de procedimentos e habilidades.

E Benjamin (2002) nos diz:

Hoje talvez se possa esperar uma superação efetiva daquele equívoco básico que acreditava ser a brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando, na verdade, dá-se o contrário. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda. (Benjamin 2002, p. 93)

Aprendi Dona Dalva, que a função primária da pedagogia, para Freire, é formar sujeitos e fazer com que esses sujeitos possam perceber-se, perceber seu meio e, assim, ser capaz de transformá-lo. Assim, entende-se que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Como professora, me identifico com o método Freiriano,

pois ele se baseia na premissa de que todos nós trazemos conosco inúmeras vivências e que ninguém chega à escola ou ambiente de aprendizagem, como uma “folha em branco”. Dessa forma, respeitar os diferentes saberes é a melhor e mais honesta maneira de construir conhecimento.

Para finalizar, quero dizer que, quando eu era criança, tornei-me a menina que crescia feliz em fazer o que lhe dava prazer: ensinar, brincar de ser professora. Hoje me vejo uma professora vivenciando a cada ano letivo um novo aprendizado, uma nova vivência e como professora pesquisadora, na busca de esclarecer minhas inquietações e na busca de soluções.

E como diz Agamben (2019, p.116). “Não se pode escrever uma história de coisas que não aconteceram, para qual somente podem ser dados preparativos e materiais”. Aqui, querida professora Dalva, resgato as memórias de meu tempo de escola, do qual nunca esqueci seu carinho, alegria e acolhimento no meu início escolar. Contigo aprendi o quão é importante a afetividade e o acolhimento para com as nossas crianças quando estão chegando à escola pela primeira vez. É importante estreitar laços de amizade entre elas nos momentos das realizações das tarefas e manter a calma mesmo que a sala de aula estivesse caindo em sua cabeça. Sua calma e paciência me envolveram e me trouxeram segurança nos momentos de aflição.

Um abraço saudoso dessa minha criança interior à querida tia Dalva.

Julane Queiroz

1983 – 2021 Assú e Mossoró

Segui em frente. Nos ano de 1983, embrenhei-me no magistério, oportunidade de me fazer professora de fato e de direito. Seguindo o percurso, em 1987 passei a cursar Pedagogia, embora já fosse professora efetiva da escola na qual cursei magistério, o Educandário Nossa Senhora das Vitórias. Em 1990, no 13º dia do mês de março fui efetivada como professora da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Compeendendo a minha vontade de aprender mais e querer sempre o melhor para as crianças a mim confiadas, em 2006 me especializei em Alfabetização pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Assú.

Já em 2019, comecei a cursar outra especialização, em Neuropsicopedagogia, que é vista como uma ciência transdisciplinar e estuda a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana. E em 2020 ingressei no mestrado em Ensino.

Sabia que a jornada não era curta e nem fácil, era sim longa e árdua, porém, quando se tem amor pelo que se faz, o difícil fica fácil e o impossível se torna possível.



IIª SESSÃO: Carta de uma professora aos jovens professores da contemporaneidade: caminhar, aprender e transformar.

Mossoró/2022

Meus Jovens,

Escrevi esta carta, apontando o meu caminhar, o aprendizado e as transformações ocorridas na construção da minha prática pedagógica ao longo da jornada de professora. Quero também vos apresentar as descobertas, os percalços e os conhecimentos encontrados ao me tornar uma professora pesquisadora a partir do Mestrado em Ensino.

Como nos afirma Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 1996, p.16).

A leitura de uma carta é uma interação entre sujeitos leitores e o texto. Assim sendo, desejo que, ao fazer a leitura dessa carta, você que agora lê o meu texto, possa, talvez, encontrar-se nas linhas e entrelinhas desta escrita. E para assumir a missão de pesquisadora e realizar tal escrita, percorri um longo e árduo caminho. Sabe, o nosso maior erro é o de recuar no primeiro obstáculo com o qual nos defrontamos no início de nossa carreira. Todo início não é fácil, mas ao ultrapassar os limites do medo aprendemos com ele e crescemos.

Vejam meus caros, a pesquisa faz parte da natureza da nossa profissão de professores. Sabe-se que temos muito a aprender, a procurar e a perceber ao nosso redor, mas cabe a cada um de nós buscarmos essas descobertas e oferecer o melhor as nossas crianças. Eu mesma sei que sou professora e ao mesmo tempo uma pesquisadora, mas só agora me descobri neste papel, embora durante todo esse tempo atuasse como uma pesquisadora na busca de sanar as dificuldades apresentadas pelas minhas crianças.

Concluí a escola ginasial nos anos 1980, o que hoje chamamos de Ensino Fundamental Anos Finais, e comecei a frequentar o curso Magistério de nível médio no ano de 1983. Um projeto de vida que ia se realizando pouco a pouco, visto que,

antes de concluir o curso, ministrava aulas na mesma escola em que cursava o magistério, substituindo alguma professora que faltava. Oportunidade essa que me proporcionou um grande aprendizado de como conduzir uma sala de aula. Experiência que hoje vejo como fundamental, para a profissional que me tornei, hoje faço uma memória desse período e vejo o quanto eu cresci e fui me aprimorando no meu fazer pedagógico. Lembro o que sempre ouvia de Irmã Georgia: *“Só se aprende a ensinar ensinando. Se errar busque sempre fazer o melhor possível”*. Suas palavras me encorajavam a continuar a dar aula mesmo não tendo o diploma de professora. Eu, uma jovem cheia de sonhos e ao mesmo tempo com receio por ter assumido tamanha responsabilidade

Sabem meus jovens, mesmo realizando o sonho de ser educadora, em 1985, queria ir mais além. Sou filha de Júlio Saraiva, um tipógrafo aposentado, e Maria do Socorro uma dona de casa que se tornou uma professora, após voltar a estudar, pois na sua época mulher casada não podia estudar, mas minha mãe assim que teve oportunidade de voltar a estudar, abraçou essa oportunidade e realizou seu desejo de ser professora de história, e seu exemplo de luta e coragem de lutar pelo seu objetivo me encorajaram a continuar minha caminhada. Iniciei meu curso superior em meados dos anos 1980, optei por cursar Pedagogia, e percebi a existência de um ensino mecânico e tradicional, dando ênfase ao papel intelectual ativo do professor, menosprezando o fato de que o próprio aluno é um sujeito ativo que só aprende se tiver a oportunidade de exercitar pela experiência suas disposições intelectuais.

Diante disto, jovens, me reporto a Vygotsky (1990, p.37) quando diz: “Todo inventor, por mais genial que seja, é sempre produto de sua época e de seu ambiente. Sua obra criadora partirá dos níveis alcançados anteriormente e também se apoiará nas possibilidades que existe fora de si”. Realmente, como professora, eu segui o que aprendi e o que vivenciei em meus estudos, adotei as técnicas que me foram passadas e observadas ao serem desempenhadas com tanto zelo e cuidado.

Em meados do ano de 1990, tornei-me servidora pública, passei a trabalhar na educação infantil da escola mais antiga da minha cidade natal, Assú/RN, e juntamente com essa conquista, surgiu uma nova forma de ensinar, de desenvolver o conhecimento das crianças, a oportunidade de fazer um curso intitulado Oito Cidades. Este nome foi dado porque ele abrangia oito cidades da jurisdição do 9º

Núcleo Regional de Educação - NURE, hoje 11ª Diretoria Regional de Educação e Cultura – DIREC/SEEC/RN. O curso foi promovido, através da Subcoordenadoria de Recursos Humanos SEEC/RN, e teve como tema: Curso de Atualização para professores de Pré a 4ª série do 1º grau. Curso esse que me favoreceu a apropriação, de forma clara, dos níveis de escrita da criança, facilitando o conhecimento na identificação do nível de escrita no qual a criança se encontrava e como auxiliá-la a avançar com maior rapidez, desenvolvendo o princípio alfabético, ou seja, levar a criança a entender como funciona o sistema de escrita alfabética.

Acreditem, meus jovens, antes desse curso eu não tinha conhecimento de que cada desenho ou rabisco feito pela criança tinha o seu significado nas palavras escritas por elas, mesmo sendo um rabisco, só vogais, ou até mesmo, letras aleatórias. Mesmo não realizando a escrita usando letras e sílabas, as crianças faziam a leitura com segurança da sua escrita. Nossa! A cada video que eu assistia, me surpreendia cada vez mais com a nova descoberta da escrita infantil. E conhecer esse novo caminho da construção da leitura e da escrita, entender que cada criança tem sua forma única de aprender e a aprendizagem acontece por etapas.

Observem bem, meus queridos jovens, o que nos afirma Emilia Ferreira:

A construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta a interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. (Ferreira, 2014, p.77).

Embora ao cursar o Magistério e a graduação em Pedagogia, me fosse apresentada todas as técnicas de ensinar e até mesmo a forma de apagar a lousa, mas participando de novos cursos e realizando novas leituras indicadas pelos palestrantes dos congressos e palestras que participei, aprendi que a escrita das crianças tinha significado para elas, que cada rabisco, números e letras traçados, significavam seu pensamento expresso em escrita. Hoje, no campo de pesquisa, não tenho dificuldade em entender e identificar os níveis de escrita no qual a criança se encontra e daí, promover atividades para ajudá-la a avançar para o nível seguinte da escrita, até que consiga escrever com segurança e de forma correta.

Bem, meus queridos, eu não parei por aí, tive a felicidade de participar de

uma formação com 180 horas, cujo foco principal era o Construtivismo, também ofertado pela 11ª DIREC, e promovido pela SEEC/RN, através da Subcoordenadoria de Recursos Humanos, através da CRH, CONAPE e USP, que me motivou a realizar atividades embasadas nas vivências diárias das crianças. Senti, naquele momento, que era aquilo que estava faltando em minha caminhada. Vi uma forma de alfabetizar sem ser necessariamente a repetição de letras, sílabas e palavras.

Naquela época, trabalhar alfabetização requeria muita seriedade e concentração para as crianças não perderem o foco da aquisição do conhecimento das letras, sílabas e palavras, mas a partir da experiência de aprendizado com o construtivismo, tive oportunidade de desenvolver um trabalho de alfabetização atrelado à ludicidade, afinal é brincando que a criança também aprende. “Na primeira infância encontramos processos criativos que se manifestam, sobretudo nas brincadeiras” (Fróis e Affeche, 2014 p.6), muito embora as escolas, e conseqüentemente, os profissionais, não estivessem preparados para a quebra do paradigma da repetição.

Antes de ingressar na rede pública, eu já trabalhava em uma instituição privada, havia cerca de três anos. Deparei-me com duas realidades completamente diferentes. Enquanto na rede privada, a instituição era onde as crianças tinham praticamente tudo desde uma estrutura adequada, livros diversos, folhas suficientes para imprimir uma atividade extra e um uniforme que o identificava como aluno daquela instituição, por outro lado, ser professora na rede estadual foi um choque de realidade, pois na escola pública estadual tudo era muito escasso. As crianças não tinham livros, uma vez que os pais não tinham condições financeiras para comprar, no máximo, tinham apenas um caderno onde realizava todas as suas atividades, na sala de aula, o quadro de giz onde o professor escrevia os conteúdos que seriam cobrados nas avaliações e, se a criança não conseguisse realizar sua atividade completa, o professor concluía a escrita, as folhas de papel ofício eram apenas para as avaliações bimestrais, não havia como realizar atividade diferenciadas de maneira impressa para as crianças, tudo era muito limitado. Mas apesar de o material ser escasso, ainda assim, meu trabalho com as crianças fluiu com a mesma linha de pensamento que eu já trabalhava na escola privada, a partir das imagens e das vivências das crianças. E assim juntas, as crianças e eu, fazíamos as tintas e a massinha de modelar, usando materiais de

baixo custo, para usarmos nas aulas de artes, ou quando fosse necessário.

Por outro lado, sempre carregada de imaginação e inquietações, fui aos poucos transformando a realidade da minha sala de aula reaproveitando materiais como caixa de papelão, papel ofício usado apenas de um lado, fazendo cola usando goma de mandioca, raspar carvão, pedaços de telhas para fazer pinturas usando o pozinho e, todo esse trabalho junto com as crianças de transformar a matéria prima em materiais para usarmos na sala foi muito construtiva tanto para as crianças, como para mim enquanto professora. Consegui, de forma divertida, formar uma nova realidade amenizando a escassez de material para realizar as atividades do dia a dia. E nas leituras feitas no decorrer da pesquisa, lendo Bachelard (1994), essa afirma algo que muito me chamou a atenção:

[...] A imaginação não é, como o sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade (p.19).

E é esse sujeito imaginador que busco nesta pesquisa. Para mim que sempre trabalhei com imagem como estratégia para facilitar a alfabetização, a imagem do imaginário passa a ser uma nova possibilidade de trabalho e de investigação. Como sabemos, a sala de aula é nosso melhor laboratório para realizar pesquisa, quando observamos as dificuldades das crianças, que buscamos uma forma de trabalhá-las e saná-las estamos realizando uma pesquisa, mas por não termos o hábito de anotar todo percurso trabalhado da resolução desta situação, sempre achamos que não há muita importância para nós professores, mas apenas para as crianças que avançaram. Precisamos aprender a observá-la melhor e captar as experiências e vivências trazidas pelas crianças, assim teremos um campo vasto de pesquisa.

Participar de jornadas, congressos, seminários e estudos promovidos pelas escolas onde trabalhei, permitiu-me aprofundar em conhecimentos, em ideias e pensamentos de grandes estudiosos da educação como, por exemplo, Piaget (1896-1980), que foi um dos pensadores mais influentes no campo da educação durante a segunda metade do século XX, a ponto de quase se tornar sinônimo de Pedagogia.

Educar, para Piaget (1896-1980), é “provocar a atividade” – isto é estimular a

procura do conhecimento. Isto se opunha ao que aprendíamos no ensino da Matemática, aprender a contar e saber as quatro operações. Acrescenta ainda Piaget, que as crianças não raciocinam como adultos e apenas gradualmente se inserem nas regras, valores e símbolos da maturidade psicológica, ponto fundamental para mim. Entender que realizar atividades deve estar de acordo com a capacidade apresentada pela criança e atentar aos conhecimentos apresentados pelas crianças. Essa inserção se dá mediante dois mecanismos: 1) assimilação, que consiste em incorporar objetos do mundo exterior a esquemas mentais preexistentes; 2) acomodação, que se refere à modificação dos sistemas por influências do mundo exterior.

A obra de Piaget me levou à conclusão de que o trabalho de educar crianças se refere tanto à transmissão conteúdos necessários e ao mesmo tempo favorecer a atividade mental ao aluno, mas sempre levando em consideração sua maturidade. A empírica que eu realizava em sala de aula, hoje a partir do aporte teórico alcançado, me permite, no caso de não alcançar o resultado esperado, terei como me avaliar e retomar uma com uma nova maneira de trabalhar e avançar na dificuldade apresentada. E isso me dá bem mais segurança na *práxis* cotidiana.

Ao me aprofundar no conhecimento da abordagem piagetiana, pela qual cabe ao professor ouvir as crianças, coletar seus conhecimentos e partir deles, respeitando suas falas e transformando o erro da criança em um meio de construção de conhecimento e não um fim. Aprendi que o erro da criança era o fim do processo, no início da minha experiência como professora, na sala de aula as crianças eram classificadas desde o início como as crianças ótimas, as boas e as fracas que iriam ser reprovadas, pois já demonstravam ser fracas, de ser forma eram rotuladas como crianças ótimas, boas, regulares e fracas. Lembro-me bem, que as turmas eram organizadas sempre de acordo com o potencial que a criança trazia, como por exemplo, na Turma “A” estariam os alunos considerados melhores enquanto que, na Turma “C” os alunos considerados mais fracos e com dificuldades de aprendizagem.

Piajet (1984, p.17) nos mostra que o erro da criança é um meio de buscar novas maneiras de levá-la a entender e aprender com o que ela errou. Partindo desse novo conhecimento, o enriquecimento do meu fazer pedagógico, me trouxe segurança para sair um pouco do trabalho tradicional. Embora o tradicional onde apreendesse e repassamos Melhorar a redação sempre nos ronde, mas precisamos

apreendê-lo para mudar, e só conseguimos mudar nos aventurando em novas descobertas, estudando novos aportes teóricos e praticando.

Na visão de Piaget, (1984, p.17), “falar à criança na sua linguagem antes de lhe impor outra já pronta e por demais abstratas, e, sobretudo levar a criança a reinventar aquilo que é capaz ao invés de se limitar a ouvir e repetir”. E esse novo olhar sobre o erro cometido pela criança, fez dele um momento de reflexão e busca de uma metodologia diferenciada que auxiliasse a criança a aprender a partir do que ela não aprendeu, fazendo com que ao rever o conteúdo, não cometa o mesmo erro e tão pouco tenha receio de tentar realizar sua atividade por medo de errar. Para mim, que trabalhava com os conhecimentos trazidos pelas crianças, era uma grande contribuição para melhorar minha prática docente. Inovar em sala de aula onde toda escola respira o tradicional, crianças enfileiradas e em silêncio, não era uma tarefa fácil, proporcionar brincadeiras usando o conteúdo era visto como apenas brincadeira, muito embora as crianças aprendessem com mais facilidade.

Ao realizar atividades com jogos, com conversações, muitas vezes fui chamada a atenção pelo coordenador de disciplina. Ele achava que se não usasse, o quadro de giz e o caderno eu não estava trabalhando. O importante era “bater a capa do livro” para justificar o gasto dos pais em comprá-los para ser usado ao longo do ano, mas mesmo assim, continuei realizando uma vez ou outra uma aula diferente. As crianças ficavam ansiosas para que chegasse esse momento. Era difícil lidar com essa incompreensão na escola, um coordenador na porta da sala pedindo por silêncio e alguns colegas achando que eu estava errada trabalhando algo diferente do livro

Neste estudo apropriar-me dos ensinamentos do livro *A Psicogênese da Língua Escrita*, de Emília Ferreiro, foi muito valioso. Nesse livro ela aborda que a criança na construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela, e por meio de suas descobertas, viu que a criança já tinha uma ideia de leitura e escrita mesmo antes de saber ler e escrever.

Nesse processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. Emília aborda também, que a construção do conhecimento se dá por sequência de hipóteses e apresenta as fases de aquisição da escrita que a criança apresenta: 1) Fase pré-silábica; 2) Fase silábica; 3) Fase silábico-alfabética; 4) Fase alfabética. Para Emília Ferreiro (2014) todas as

crianças tem seu tempo necessário para desenvolver a leitura e a escrita, vejam meus jovens como ela explicita seu pensamento em relação a aquisição da leitura e da escrita.

A construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta a interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Duas das consequências mais importantes do construtivismo para a prática de sala de aula são respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou dedicada do que as demais. (p.77).

Meus queridos, é importante frizar que, para Ferreiro (1985), as cartilhas oferecem um universo artificial e desinteressante, e que para uma compreensão da função social da escrita, a criança deve ser estimulada a partir do uso de textos de atualidade, livros de histórias, jornais, revistas. Surgiu aí um novo caminhar de novas construções e saberes.

Ouvir das monitoras dos cursos, dos quais participei, que os rabiscos das crianças tinham significados para quem se constituiu na ideia que a escrita seria constituída de letras, sílabas e palavras sílabas, ficou um pouco confuso, pois foi de encontro a todo aprendizado que eu tinha sido forçada em seguir a técnica passada ao realizar meu curso do magistério e o curso de pedagogia. E busquei me aprofundar nos novos conhecimentos o que não foi muito fácil, porém as novas informações recebidas, me deram condição de auxiliar as crianças a descobrir a escrita, após reconhecer cada fase em que elas estavam, deu trabalho. Deu. Mas vê cada criança se expressando através da escrita, desenvolvendo a leitura, sem medo de errar, é prazeroso e gratificante.

Diante desse conhecimento, ampliei minha compreensão adquirida no curso Oito Cidades, supracitado, em relação à escrita das crianças. Estudei mais profundamente o livro de Emília Ferreiro. A escola, em que eu trabalhava, organizou um grupo de estudo. Vejam meus jovens, sem o conhecimento dessas fases da escrita, eu iria continuar dizendo e repetindo que minhas crianças não estavam aprendendo a escrever e muito menos a ler.

Na construção de conhecimentos se faz necessário explorar toda e qualquer possibilidade de saberes. Diante de todos esses conhecimentos e ampliando uma

atividade que realizei na primeira fase da minha pesquisa, na qual as crianças desenharam e construíram lista de palavras e um mural relacionado à escola, realizei uma sondagem da escrita das crianças do meu campo de pesquisa. Propus que elas escrevessem quatro palavras e uma frase.

Observem essas imagens colhidas no campo de pesquisa, representando alguns níveis de escrita. Após os conhecimentos adquiridos em cursos de aperfeiçoamento, palestras, congressos e grupos de estudos, não foi mais necessário ficar pedindo as criança para apagar a escrita e fazer novamente, a proposta passou a ser de incentivá-la fazer a leitura a partir do que ela escreveu deixando-a se aventurar a escrever sem medo.

Na escrita de Kelly (07 anos), pude verificar que ela se encontra na fase pré-silábica, ou seja, no momento da pesquisa ela ainda não estabelecia relação entre a escrita e a fala e exercia sua escrita por meio de desenhos, rabiscos e letras utilizando-as aleatoriamente. E uma das atividades para avançar nesse nível, é trabalhar a escrita do seu nome e trabalhar letra inicial, pois levará a criança a se reconhecer como um sujeito importante que possui um nome que é só seu, além do mais, aprenderá a reconhecer o sistema de escrita como representação da fala e propiciar a aprendizagem da escrita.



Figura 19 - Desenho e escrita de Kelly – 07 anos.
Fonte – Diário de Bordo - 2022.

Já a Luna se encontra no nível de transição do silábico para o alfabético. Ela já conseguia escrever alfabeticamente algumas sílabas e para outras permanece silábico. Percebe primeiramente que a sílaba tem duas letras e, posteriormente, que existem sílabas com mais de duas letras. Ela tem dificuldades em separar palavras quando escreve frases ou texto.

É nesse nível que alguns adultos usam o termo em que a criança estaria engolindo letras, mas na verdade a criança passa interpretar a letra a sua maneira, atribui valor sonoro de sílaba a cada letra escrita. Pode-se dizer que é uma mistura da lógica fase anterior com a identificação de algumas sílabas.



Figura 20 - Desenho e escrita de Luna – 07 anos.
Fonte – Diário de Bordo -2022.

Abaixo há o desenho da Mulan. Ela já tinha a consciência de que existe uma relação entre fala e escrita, entre os aspectos gráficos e sonoros das palavras, tentando dar valor sonoro a letras e sinais para representar as palavras. Nesse nível, a cada sílaba pronunciada a criança escreve uma letra representando essa sílaba, ou para cada palavra pronunciada de uma frase, ela representa cada palavra por uma sílaba.

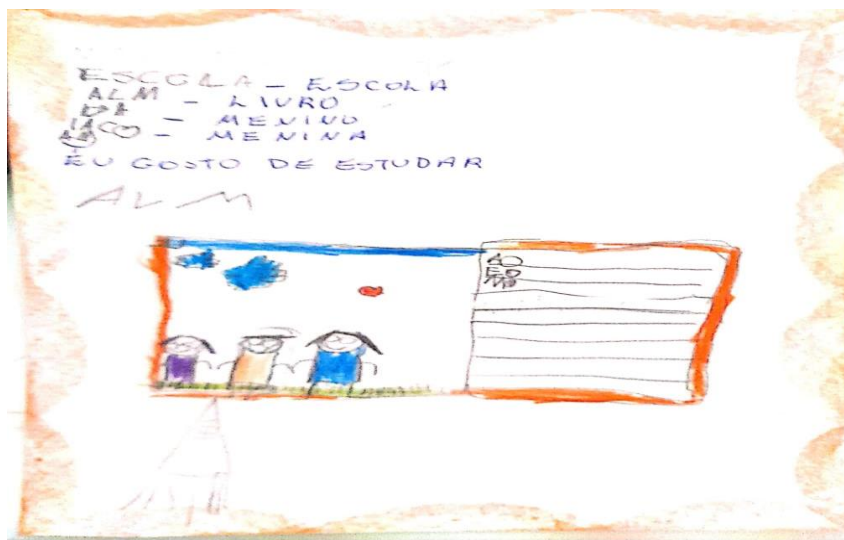


Figura 21 - Desenho e escrita de Mulan – 07 anos.
Fonte – Diário de Bordo - 2022.

E seguindo essa caminhada meus jovens, eu passei a introduzir práticas construtivistas, em sala de aula e vi o quanto foi positivo em relação a participação das crianças com seus conhecimentos trazidos da sua convivência em casa, como também com seus vizinhos. Iniciar a aula partindo dos conhecimentos das crianças, construir junto com elas momentos de aprendizagens em sala de aula, transformar a sala de aula um ambiente onde todas as construções das crianças ficaram expostas tornando a nossa sala em um ambiente alfabetizador me fez passar a entender o processo de escrita realizada pelas crianças ajudou-me a buscar maneiras de ajudá-las a avançar no processo. Associado a isso, passei a lidar também com a noção de zona proximal. Para Vygotsky a Zona de Desenvolvimento Proximal é:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 1984, p.97).

Vejam meus jovens, ao formular a ideia de zona de desenvolvimento proximal Vygotsky, mostrou que o bom ensino é aquele que estimula a criança atingir um nível de compreensão e habilidade que ela ainda não domina completamente, “puxando” dela um novo conhecimento. Ele considerava ainda que todo aprendizado amplia o universo mental do aluno. De acordo com sua visão o ensino de um conteúdo não se resume à aquisição de uma habilidade ou de um

conjunto de informações, mas de ampliar as estruturas cognitivas das crianças. Assim, com o domínio da leitura, o aluno adquire também capacidades de reflexão e controle do próprio funcionamento psicológico, enfocando a possibilidade de recombinação fatos, impressões, imagens do que foi vivido, que parecem caracterizar sua capacidade criadora.

Nesse contexto, trabalhar com as crianças, a partir de suas experiências e vivências, sem esquecer-se de aguçar a produtividade imaginária e desenvolvendo o princípio alfabético, e assim, alfabetizar a partir da ludicidade e da imaginação, fugindo da repetição e da cópia de letras, sílabas e palavras, não é um caminho muito fácil, requer dedicação por parte de nós professores e acima de tudo compromisso, embora saibam que muitas vezes estamos com toda aula pronta, material, e a aula foge do planejamento. E diante disso devemos ter um novo olhar para a educação, um novo fazer pedagógico, ou seja, enfrentar desafio que nos aparece, e romper com essa forma de educar de modo tradicional, quando o professor fala e o aluno escuta, onde o conteúdo e a nota são o que importava.

E no *continuum* deste caminhar amigos jovens, apropriei-me também das ideias de Henry Wallon, de seu livro, *Do Ato ao Pensamento* (1942). Ele afirma que é fundamental a afetividade, as emoções, o movimento e o espaço físico se encontrarem num mesmo plano. A afetividade tem um papel determinante no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando eminentemente o crescimento cognitivo. Ela potencializa o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e objetos. Com o auxílio da afetividade, professores e alunos conseguem criar laços de amizade entre si e esses laços criados não são baseados somente em sentimentos, mas também em atitudes. Além disso, os temas e as disciplinas não se restringem a trabalhar o conteúdo, mas a ajudar a descobrir identificação e reconhecimento no outro, ajudando assim a desenvolver a criança em sintonia com o meio, proporcionando um diálogo entre aluno e professor. O contato com essas ideias me reportaram à minha infância, quando fui tão bem acolhida pela minha professora Dalva. Sua atenção, carinho e afeto para comigo fizeram diferença em minha vida escolar. E no meu campo de pesquisa me vi como Dona Dalva no momento de acolher minhas crianças, na busca de saber como elas enxergavam a escola.

Ainda nesta caminhada meus jovens queridos, de uma jovem professora

com desejo de aprender cada vez mais, li o livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (1986), que deveríamos transformá-lo em um guia, e partindo dele refletir os saberes fundamentais à prática crítico-progressista e transformadora, fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. Em seus escritos, ele deixa bem claro que não há docência sem discência, que ensinar exige do educador rigorosidade metodológica, pesquisa, respeito aos saberes do educando, criticidade, estética e ética, corporificação da palavra pelo exemplo, se arriscar, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, além de reconhecimento e assunção da identidade cultural, não transferir conhecimentos e sim criar possibilidades para sua construção, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos, compreensão da realidade, alegria, esperança e curiosidade. Por fim, a convicção de que a mudança da realidade social e histórica é possível.

Paulo Freire me ensinou o quão ensinar é uma especificidade humana e nos exige ainda mais: competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de interação no mundo, liberdade e autonomia, tomada de consciência de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos.

Em função destes estudos percebi o papel importantíssimo que tive e tenho na vida de todos que passaram e passarão pela minha sala de aula. Por isso, eu não poderia fugir da responsabilidade de proporcionar à construção de um sujeito para a vida, que seja capaz de ensinar e aprender simultaneamente. Apesar de muitas vezes ser incompreendida na forma de conduzir minha prática, sempre lutei pelos meus ideais, uma luta pautada no exemplo, ou seja, sempre mostrando que o novo pode nos ajudar ainda mais a auxiliar à criança no seu caminho de aprender a ler com prazer.

Ante este mundo em mudanças, de que um dos princípios motores parece ser uma determinada ideia de inovação, tanto social como econômica, os quatro pilares da educação: *Aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*, que são preceitos para a educação baseados no Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors.

O relatório editado sob a forma do livro, "Educação: Um Tesouro a

Descobrir" (1999), e reeditado em 2012, servindo como base para uma das modificações deste tema, a discussão dos "quatro pilares" ocupa todo o quarto capítulo, e nele, propõe-se uma educação direcionada para os quatro princípios fundamentais da educação: aprender a conhecer, para adquirir instrumentos de compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, para criá-la a cooperação com os outros em todas as atividades humanas; aprender a ser, conceito principal que integra todos os anteriores. Mas nos dias de hoje meus jovens, dentro dos pilares, o socioemocional, é preciso focar no aprender a conviver, visto que traduz as habilidades interpessoais, de construção de relacionamentos éticos, empáticos e valorosos, além do aprender a ser, uma vez que traduz o autoconhecimento e a habilidade de se colocar no mundo de acordo com seus valores e tomar decisões responsáveis. Somos seres de relações e vivemos assim desde o nascimento até os nossos últimos momentos.

E assim, a cada leitura feita, a cada conhecimento adquirido, as responsabilidades se avultavam, além do desejo de buscar a ludicidade e o imaginário infantil. Não foi fácil trabalhar, quando o sistema escolar coloca trinta e cinco alunos em sala e nos exige excelência no final do ano letivo, mas com o conhecimento adquirido nos escritos de Ferreiro (1985), com quem aprendi a agrupar as crianças de acordo com os níveis, achei meu modo de lidar para facilitar a dinâmica do aprender e, ao mesmo tempo, desenvolver laços de amizade e conhecimentos entre elas.

Em meio a toda essa gama de conhecimento, era o anúncio de mudanças profundas no pensamento educacional, era como se rasga e se refazer na educação. Os Códigos da Modernidade, desenvolvidos pelo educador colombiano Bernardo Toro (1997), lista capacidades e competências mínimas para a participação produtiva no século XXI, no qual enumera as competências que serão necessárias para o alunado enfrentar adequadamente os desafios do novo milênio, que são:

- **Dominar leitura e escrita:** Para se viver e trabalhar na sociedade altamente urbanizada e tecnificada do século XXI é necessário um domínio cada vez maior da leitura e da escrita. As crianças, adolescentes e jovens precisam saber comunicar-se usando palavras, números e imagens. Saber ler e escrever já não é um simples problema de alfabetização, é um autêntico problema de sobrevivência.

- **Ser capaz de fazer cálculos e de resolver problemas:** Na vida diária e no trabalho, é fundamental saber calcular e resolver problemas. Calcular é fazer contas. Resolver problemas é tomar decisões fundamentadas, em todos os domínios da existência humana. Na vida social, é necessário dar solução positiva aos problemas e às crises. Uma solução é positiva quando produz o bem comum.
- **Capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações:** Na sociedade moderna, é fundamental a capacidade de descrever, analisar e comparar fatos e situações. Não é possível participar ativamente da vida da sociedade global, se não somos capazes de manejar símbolos, signos, dados, códigos e outras formas de expressão linguística, buscando causas e possíveis consequências, colocando o fato no curso dos acontecimentos, dentro da história.
- **Capacidade de compreender e atuar em seu entorno social:** Compreende meio social é saber explicar acontecimentos do ambiente onde estamos inseridos. Atuar como cidadão é ser capaz de buscar respostas, de solucionar problemas, de operar, alterar e modificar o entorno. Significa ser sujeito da história.
- **Receber criticamente os meios de comunicação:** Um receptor crítico dos meios de comunicação é alguém que não se deixa manipular como pessoa, como consumidor, como cidadão. Os meios de comunicação produzem e reproduzem novo saberes, ética e estilos de vida. Ignorá-los é viver de costas para o espírito do nosso tempo.
- **Capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada:** Num futuro bem próximo, será impossível ingressar no mercado de trabalho sem saber localizar dados, pessoas, experiências e, principalmente, sem saber como usar essa informação para resolver problemas. Será necessário consultar rotineiramente – muitas vezes pela internet – bibliotecas, hemerotecas, videotecas, centros de informação e documentação, museus, publicações especializadas etc.
- **Capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo:** Saber associar-se, trabalhar e produzir em equipe capacidades estratégicas para a produtividade e fundamentais para a democracia. Essas capacidades se formam cotidianamente através de um modelo de ensino e aprendizagem autônomo e cooperativo, em que o professor é um orientador e um tanto motivador para a aprendizagem (TORO, 1997, p. 40-45).

Em face, a esse novo percurso intelectual, eu conheci Cipriano Carlos Luckesi (2002), e sua abordagem sobre a Avaliação da Aprendizagem Escolar que

levou-me a compreender que avaliar a criança não poderia dar-se de modo seletivo, ou seja, separar quem sabe de quem não sabe. A aplicação de provas para o aluno reproduzir conhecimento se tornou um procedimento de avaliação vago e incongruente, tornando-se irrelevante. A avaliação deve acontecer de forma inclusiva como um processo integrador e estimulador e que garanta a aprendizagem e autonomia ao aluno. Se a aprendizagem acontecer de modo satisfatório o aluno será aprovado por ter adquirido os conhecimentos e habilidades necessários.

Nessa concepção, a avaliação deve ser inclusiva e não classificatória que separa os alunos de melhor desempenho daqueles com desempenho deficitário. Conhecendo essa nova maneira de ver a avaliação, busquei avaliar de forma diagnóstica, interativa, estimulando a autoavaliação do aluno, sempre atenta às suas dificuldades e indagações, para realizar as intervenções necessárias. A minha prática avaliativa a partir desses ensinamentos, passou a ser dialógica. Comecei a avaliar meus alunos no dia a dia, deixando de realizar a avaliação em um momento específico, embora a escola exigisse que as avaliações fossem aplicadas nas datas estabelecidas no calendário escolar. A cada aula dada eu estava com meu olhar atento à dinâmica escolar, vendo o que eles aprenderam e o que ainda não havia sido apreendido por eles. Meu olhar se ampliou para meus alunos, embora já trabalhasse a ideia do erro abordada por Piaget, construí uma coletânea dos conhecimentos dos alunos, das aprendizagens diárias, nos quais eu fazia as intervenções necessárias. Após identificar os erros das minhas crianças, a partir deles construímos novas aprendizagens.

Ser professora no século XXI, exige compreender que a educação é uma forma de interação com o mundo. É uma prática especificamente humana, pela qual os momentos de transgressão que são vivenciados se apresentam como possibilidades. Exige compreender que ninguém é autônomo primeiro para decidir depois. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. A autonomia é processo, é ir e vir, construído no processo de mediação da aprendizagem.

Senti-me motivada a ser mais criativa no envolvimento das crianças nos momentos das aulas, sabia que eu estava no meio de uma caminhada. A cada dia a prática necessita ser alicerça com novos estudos, busquei especializar-me em alfabetização, mais um dos objetivos traçados na minha infância nos momentos de devaneios e solidão criativa.

O meu primeiro passo para tentar o ingresso no mestrado foi o momento em

que decidi cursar a disciplina Tópicos Especiais em Educação I: imagem e pesquisa na educação, como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, no ano de 2020.1. E no decorrer dessa disciplina ao ler um texto em que Didi Hubermang (1998, p. 19), em que afirma que “[...] O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha”. Esse texto levou-me a refletir acerca do olhar que eu tinha diante das imagens usadas em meu trabalho em sala de aula. Percebi a importância de ter um olhar para além de uma simples descrição da imagem, ou mesmo construção de palavras, frases ou pequenos textos. Um olhar mais profundo, buscando a imaginação e construção de novos conhecimentos a partir da imagem real quanto a imagem do imaginário.

No percurso dessa caminhada, meus jovens, tomei conhecimento do projeto Educação do olhar e prática docente: fotografia e deficiência visual, que foi realizado com os professores do Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do RN (IERC), sobre a coordenação do Prof. Jefferson Fernandes Alves, do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Esse projeto foi orientado por três princípios pedagógicos: a ludicidade, a intersemiotividade e a intersubjetividade. Enxerguei nele a possibilidade de trabalhar a educação inclusiva. Apesar da condição de pessoa com cegueira, a criança é capaz de aprender e de desenvolver, ao mesmo tempo, junto a outras crianças não cegas, a educação do olhar.

Como diz Alves (2006, p. 126):

A educação do olhar, ao mesmo tempo em que pressupõe a articulação entre linguagens, não se restringe à visão, uma vez que o olhar não se limita à apreensão visual da luminosidade das coisas, mas engloba outros mecanismos sensoriais sintetizados na totalidade corpórea deflagradora de processos perceptivos inerentes ao contínuo fluxo de semantização que revela imagens sobre o mundo e sobre os próprios seres humanos.

Vejam meus jovens, que com essa nova visão do olhar, pude enriquecer meu trabalho, pois ver que pessoas cegas eram capazes de captar imagens mesmo sem vê-las, apenas pelo comando de como usar a câmara fotográfica. Percebi o quanto ainda tinha para explorar a cerca da imagem como minhas crianças, que elas eram capazes de ir mais além, só dependia da minha forma de desenvolver esse novo olhar das crianças, um olhar que ia além da imagem, um olhar criativo e construtivo.

E ao ingressar no mestrado, o trabalho que eu realizava com imagens em sala de aula ficou ainda mais rico em relação em como usar a imagem, pois ao ler os escritos de Evangelista (2017, p.140) que fala: “A palavra tem a possibilidade de sugerir composições mentais diferentes para a imagem”. A partir deste conhecimento da condição de imaginador, me levou a realizar na primeira fase da minha pesquisa uma atividade partindo da palavra falada e que as crianças representasse essa palavra através de desenho, por exemplo, eu falava uma palavra e as crianças representavam o significado da palavra para elas através de desenho. E tamanha foi à diversidade de imagens e interpretações. De posse deste novo conhecimento, trabalhar a imagem do imaginário alinhando às linguagens, os códigos e ao meio social, enriqueceram meu fazer pedagógico.

A partir da imagem visual podem ser compartilhadas situações da vida social, experiências e conhecimentos e ao mesmo tempo estabelecer um diálogo entre linguagem verbal e corporal. E partindo destas imagens visuais do dia a dia, discutir algumas situações sociais observadas e vivenciadas no campo de pesquisa como: a falta de respeito com a criança com deficiência sem o achando incapaz de participar das atividades escolares, a falta de empatia com o próximo, ou seja, se colocar no lugar do colega que tem dificuldades em realizar sua atividade, ou até mesmo de se locomover e o *bullying*, os apelidos colocados que não deixa a criança confortável na escola, às vezes até deixa de frequentar a escola por não gostar dos codinomes que lhe atribuem. E essas situações são muito aparentes entre as crianças no meu campo de pesquisa. Partindo dessas observações senti a necessidade de realizar uma atividade para levar as crianças refletirmos essas situações vivenciadas por eles. E por que não trabalhar usando imagens para discutir a questão do respeito com o outro dentro e fora da escola? E para aguçar o olhar das crianças sobre essas questões, usei um curta-metragem intitulado *Ian* uma história de Inclusão, que aborda a importância da inclusão e do respeito à diversidade nas brincadeiras de criança, e ao mesmo tempo enfocava a questão do *bullying*.

Sabem meus jovens, com esse curta busquei mostrar às crianças que os colegas que tem deficiência são capazes de brincar, estudar e se divertir como eles e que nomeá-las de acordo com sua deficiência não era uma forma educada e nem muito legal. Deu-me também a oportunidade de trabalhar a inclusão e o respeito à diversidade nas brincadeiras das crianças. Como o curta era apenas imagens sem som, as crianças ficaram bem atentas a cada imagem projetada.

E para esse momento, meus queridos jovens, usei a seguinte frase motivadora: **ESCOLA: Palavra que se vê.** O objetivo era fazer as crianças perceberem como a escola lida com as crianças que elas apontavam como diferentes. O curta-metragem apresenta apenas as imagens sem falas, mas mesmo assim as crianças entenderam, e ao término, ouvimos uma vozinha bem emocionada falando: *“Coitado desse menino. Fiquei triste”*, era a Lindinha (07 anos). No mesmo instante Kapitan (07 anos) olhou para ela e disse: *“Você está assim porque se lembrou da maldade que fez comigo”*. E cada um queria falar sobre experiências que já tinham vivenciado. Peter (07 anos) disse: *“Lembrei-me do dia que o menino não me deixou jogar bola só porque sou pequeno”*. Jimmy (07 anos) também falou: *“Um dia Fred não me deixou ser o goleiro”*. Vejam meus queridos, o despertar do olhar das crianças diante do filme, as crianças sentiram necessidade de trazer momentos em que elas passaram por situações de exclusão por serem pequenos, ou porque outros acharam que eles não eram capazes de realizar certas atividades.

Foi um momento riquíssimo de conversação e esclarecimento do acontecido entre elas que gerou muitas falas. E aproveitando o entusiasmo e o envolvimento com o tema trabalhado quando perguntei : O que mais lhe chamou a atenção neste filme? Vieram muitas falas. O primeiro foi o Jimmy (07 anos), *“O menino ficou triste porque estava sozinho”*. O Fred (07 anos) disse: *“O menino ficou sozinho porque os colegas não queriam brincar com ele”*.

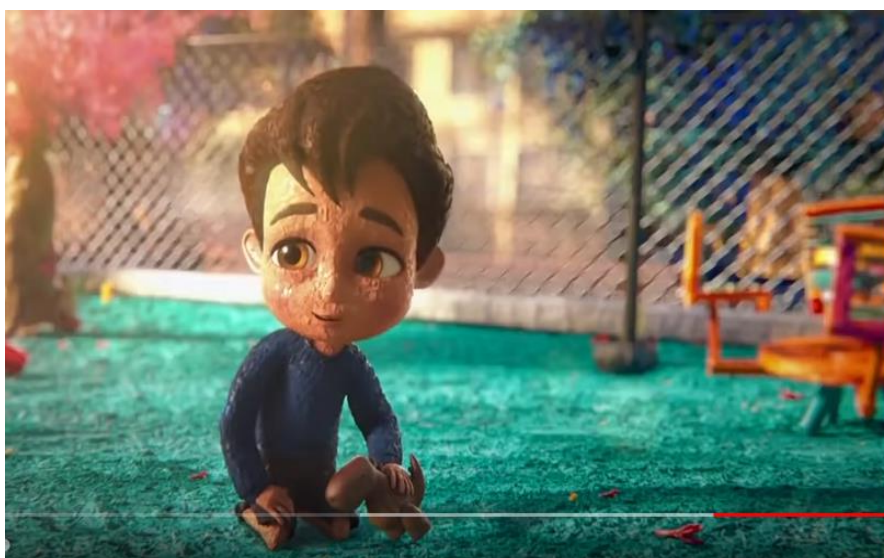


Figura 22 – Ian sozinho
Fonte: Disney Channel Brasil.

Logo após, falou a Kelly (07 anos), *“O menino ultrapassando a cerca”*.



Figura 23 – Momento em que Ian passa pela cerca.
Fonte: Disney Channel Brasil.

Para Docinho (06 anos) foi ver *“o menino na cadeira de rodas com as outras crianças”*. E Peter Pan (06 anos) considerou o momento do *“menino andando na cadeira de rodas e todos ajudando ele”*.



Figura 24 – As crianças levando Ian para brincar.
Fonte: Disney Channel Brasil

Kristoff (07 anos) foi logo falando: *“A menina ajudando ele”*. Como também foi a escolha da Lindinha (06 anos) ao afirmar que foi o da *“menina querendo ultrapassar a cerca e chegar até o menino”*.



Figura 25 – Momento em que a menina tenta ajudar Ian.
Fonte: Disney Channel Brasil

Para o Bento (07 anos) foi o momento em que: *“O menino foi passando a cerca e os outros ajudando”*.



Figura 26 – Os meninos ajudando Ian para ele não passar pela cerca.
Fonte: Disney Channel Brasil.

E Ariel (06 anos) falou: *“Quando a cerca foi se desmanchando por causa dos sorrisos das crianças”*.



Figura 27 – Quando a cerca vai se desmanchando diante das crianças.
Fonte: Disney Channel Brasil

Imagine, meus caros, o quanto esse tema gerou de conhecimentos e entendimentos, pois as crianças fizeram a associação da cerca, que no final do filme se desmancha e esse desmanchar as crianças associaram ao fim da distância entre a criança cadeirante com as outras crianças, a importância de respeitar as diferenças dos colegas e chamá-los ou tratá-los sempre pelo nome e não pela sua condição. Para encerrar esse momento pedi que eles desenhassem, a seu modo, o que mais lhes chamou a atenção e fiquei maravilhada com os desenhos, que eu mostro a seguir.

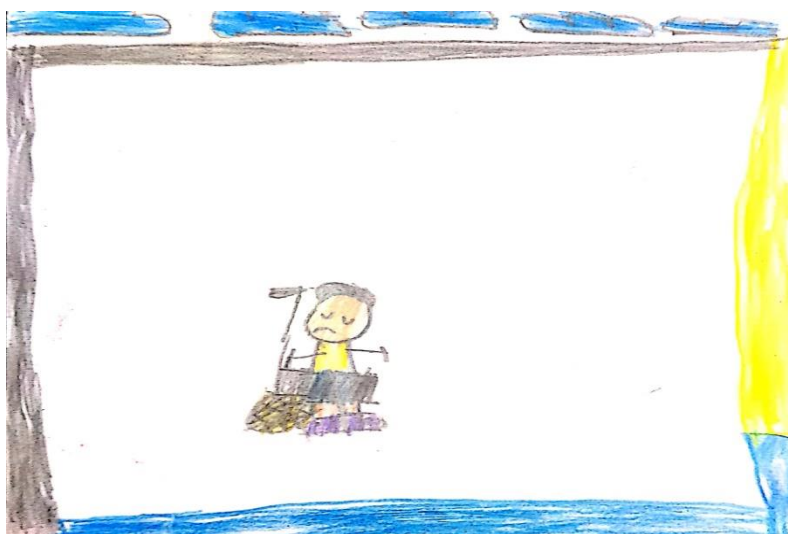


Figura 28 – O menino sozinho – Luna, 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.



Figura 29 – A menina ajudando o menino – Roger, 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.



Figura 30 – A menina querendo ultrapassar a cerca. Lindinha, 06 anos.
Fonte: Diário de Bordo – 2022



Figura 31 – Momento em que o vento leva o Ian.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.



Figura 32 – As crianças juntas com o Ian.
Fonte: Diário de Bordo - 2022.

Como vocês podem observar, a discussão foi bem pertinente, as crianças foram bem participativas nas conversações, nos desenhos e em fazer suas colocações acerca do que assistiram e das vivências dentro do ambiente da escola. Estimular as crianças para que se coloquem diante das situações vistas no filme, contribuiu para que elas percebessem a necessidade de respeitar, aceitar e ajudar as pessoas com necessidades especiais. Com isso, plantou-se a semente da inclusão no ambiente escolar.

Seguindo o caminhar, uma nova leitura e um novo questionamento surgiram diante dos escritos de Pereira e Souza (1998), *O uso da imagem na pesquisa em educação: desafio contemporâneo*, artigo escrito a partir de um projeto de pesquisa

interinstitucional intitulado “Subjetividade em imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo”. Esse texto discute acerca da indústria do consumo, ou seja, o uso da imagem para a venda de produtos dirigidos especialmente para as crianças, com pretensão de seduzi-las com novos objetos e signos fabricados especialmente para elas.

A leitura desse artigo mexeu bastante comigo e fiquei a pensar como uma criança com deficiência visual iria tomar conhecimento dessas imagens dos comerciais, que estão em *outdoor*. E em resposta a essa inquietação, juntamente com um colega que tem certo grau de deficiência visual, escrevemos um artigo como trabalho final da disciplina Tópicos Especiais em Educação I: imagem e pesquisa na educação.

Vejam, meus queridos, ao ingressar no mestrado, com o projeto imagem e alfabetização, com intuito de propiciar uma alfabetização através de imagens, sem pretensão de lidar apenas com os atos de ler e escrever, mas alfabetizar o olhar, o falar, o ver e o escutar da criança, pois sempre busquei facilitar a alfabetização das crianças e o olhar é importante saber o que a criança interpreta a imagem ao vê-la, o falar por oportunizar esse momento de fala da criança, em que ela expõe o que entendeu da imagem e fazer as crianças entenderem que é preciso ouvir o outro e aguardar sua vez de falar.

Trabalhar o imaginário e alimentar os sonhos e desejos, além de ser uma estratégia facilitadora do ensino e da aprendizagem das crianças, possibilitou também à criança ter seu lugar de fala na sala de aula. Sem esquecer que o projeto elaborado por mim, foi bastante ampliado, nele a condição do ser imaginador, que foi apresentada por Evangelista (2017), passou a ser o ponto inicial desta pesquisa, na perspectiva da busca do imaginário, que intento desenvolver, junto às crianças, partindo da palavra falada, ou seja, as imagens mentais passaram a fazer parte dos trabalhos realizados no campo de pesquisa como ponto inicial, para em seguida chegar ao vê e ao escrever.

Por conseguinte, na construção metodológica do projeto de pesquisa, adotei uma metodologia baseada no diálogo, na construção de saberes, pautando todas as possibilidades de imaginação, levando em consideração as imagens de mundo trazidas pelas crianças, como também seu contexto social, pois elas “possuem e constroem saberes, têm visão de mundo que, se explicitadas e medidas, podem se tornar elementos importantes da investigação científica”, (Rosado e Campelo, 2011,

p.402). Porém, ao chegarem à escola seus conhecimentos não são utilizados e tão pouco ampliados.

De acordo com Bachelard (1988, p.111) “[...] A criação pela imaginação é importante para a criança entender o valor do potencial criativo que está por trás de uma história inventada”. Como sabemos a sala de aula é o espaço ideal para despertar e ampliar esse potencial criativo que as crianças trazem, pois enxergam o mundo à sua maneira. Para elas, o mundo é um grande livro, que precisa ser estudado e que cada um faz parte desse livro com suas histórias construídas no dia a dia. A partir do estudo desse livro, experimentam novas possibilidades de aprendizagem que estimulam um movimento de criatividade e construção pautadas nas imagens do mundo.

No caminhar do meu itinerário profissional como professora, fui preparada para atuar de acordo com as técnicas para transmitir informações e o aluno ouvia. Mas ao longo desse itinerário, aprendi, me decepcionei, cresci, amadureci e hoje me vejo como uma mediadora da relação cognitiva das crianças com os conteúdos estudados no dia a dia no cotidiano escolar.

Acredite que tem dias que olho para trás e vejo o quão desafiador foi me tornar essa professora que se inspira em Paulo Freire, quanto à leitura de mundo trazida pelas crianças quando as recebemos na escola; em Piaget que apresenta o erro e como um caminho a ser descoberto e não criticado; em Vigostky, ao dizer que a criança aprende com o meio; em Wallon ao dizer que educação se faz com afetividade; e não deixando de citar Evangelista que me proporcionou descobrir e desenvolver mais uma maneira de trabalhar com imagem, ele me fez ver a condição de imaginador trazida pelas crianças. Enfim, hoje me concebo como uma professora que segue auxiliando e mediando o processo de conhecimento das crianças. E nesta mediação diária me fez entender que o “como” e o “por que” saber são mais importantes do que “para quê” e o “que” saber.

Meus caros jovens, no momento em que escrevo esta dissertação, estou na condição de gestora da escola onde trabalho e onde fiz minha pesquisa, agora tenho uma visão mais ampla da escola, percebo que o universo imaginário das crianças, as partilhas de vivências e suas construções precisam ser mais explorados em seu próprio benefício. Quando estava na sala de aula, no meu universo escolar micro, só meu e das minhas crianças, as possibilidades de aplicar novos conhecimentos me pareciam mais fáceis, mas quando contemplei esse

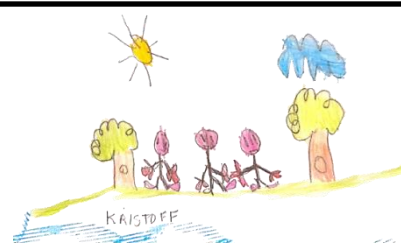
universo escolar macro, de onde estou nesse momento, sinto as dificuldades de trabalhar o novo. Não basta propor novas ideias, pois sempre há resistências, é preciso também conquistar e convencer o outro, que muitas vezes não pretende sair de sua zona de conforto, mas que também pode contribuir com a construção de coisas novas.

Por fim, meus caros, jovens professores e professoras, eu agradeço a delicadeza em ler essa carta. Que ela lhes tenha servido como fonte de pesquisa e lhes traga inspiração e motivação na continuação de sua jornada educacional e no seu fazer pedagógico

Julane Queiroz



2021 – 2023 Mossoró.



E cheguei enfim ao mestrado, o ano de 2021 foi de muito aprendizado, apesar de um ano pandêmico, nossas aulas aconteciam de forma remota. No início foi muito intenso e me bateu uma insegurança tamanha, novos autores, novas amizades e novos conhecimentos.

Tive a oportunidade de ter aulas com grandes professores como: Prof. Albino Oliveira Nunes, Prof. Marcelo Bezerra de Moraes, Profa. Maria Margarita Villegas, Profa. Josélia Carvalho de Araújo, Prof. Paulo Augusto Tamanini, Profa. Verônica Maria de Araújo Pontes e o meu orientador Prof. Jucieude de Lucena Evangelista minha grande fortaleza nesta caminhada de construção.

Neste período tive a felicidade de participar do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo – GECOM, no qual pude conhecer autores como: Edgar Morin, Giorgio Agamben, Gaston Bachelard, Ailton Siqueira entre outros.

No decorrer deste período, veio à escolha do método da pesquisa, a forma de realizar a escrita deste trabalho. Enfim, realizei a pesquisa e produzimos os dados sempre dialogando com as leituras feitas. Posso dizer que escrevi e reescrevi várias vezes, mas todas às vezes fora necessárias para o melhoramento desta escrita.



IIIª SESSÃO - CARTA DE UMA PROFESSORA AOS COLEGAS DA SUA GERAÇÃO: vivências e desafios de uma professora que aprendeu a ser pesquisadora.

Caros amigos professores (as) da minha geração,

É com imensa alegria e satisfação, que lhes conto como se deu meu processo do caminhar de mestrandia. Nós, da geração forjada na educação dos anos 60, temos consciência de que fazer pesquisa no século XXI não é fácil, pois necessitamos quebra paradigmas, e um deles, é sair do ato de ser um mero transmissor de conteúdo para passar a buscar ser um construtor de aprendizagens juntamente com seus alunos e pares. Hoje olhando para cada passo deste caminhar, vejo o quanto tenho aprendido no decorrer desta pesquisa e o que ainda tenho a aprender após a conclusão desta escrita. Como sabemos ao concluir uma escrita, não significa que chegamos a uma verdadeira conclusão de uma pesquisa, pois essa, ainda que ao ser concluída abra uma lacuna favorecendo novas investigações e novos estudos, posso assim dizer, leva a novo caminhar. Mas vou deixar de conversa e lhes contar como tudo aconteceu, todo percurso planejado, as observações e as construções realizadas ao longo deste processo de pesquisa e de escrita.

Meus caros colegas, eu escolhi como campo de pesquisa minha própria sala de aula, porque o uso da imagem era uma prática constante para mim, mas no momento de realizar a pesquisa, percebi que, na condição de pesquisadora eu necessitava buscar mais conhecimentos teóricos para pautar minha prática pedagógica, foram momentos de estudos, escritas e rescritas, desânimo, às vezes, mas ao mesmo tempo vontade de chegar à conclusão desse desafio de desenvolver uma pesquisa e escrever esta dissertação.

Vocês acreditam, meus caros colegas, que fui uma criança que cresci entre livros, revistas, contações de histórias e muita música, e nesse mundo construí minhas imagens mentais de cada palavra ouvida, cada texto lido, a cada música ouvida e a cada história contada. E como professora, por perceber que o uso da imagem facilitava a alfabetização das minhas crianças, eu sempre coloquei a imagem junto à alfabetização, mas ao ingressar no mestrado e tomar conhecimento da condição do sujeito imaginador trazida por meu orientador, prof. Dr. Jucieude de Lucena Evangelista, dizendo

que: “Não imaginamos simplesmente. O imaginário pressupõe linguagem, que produz sentido e significado, que compõe ideias, que se processam no pensamento, que gera imagens (2017, p.117)”. Diante dessa condição do imaginador abordado em seus estudos, ampliei o trabalho que eu realizava em sala de aula. A imagem do imaginário passou a fazer parte da minha pesquisa e conseqüentemente do meu fazer pedagógico.

Vejam meus caros, na construção metodológica desta pesquisa, eu me propus a desenvolver uma metodologia baseada no diálogo, na construção de saberes, pautando todas as possibilidades de imaginação, desejos e sonhos, levando em consideração as imagens de mundo trazidas pelas crianças, como também, o contexto social e histórico delas. E esses saberes, foram utilizados na pesquisa buscando desenvolver e ampliar os processos de aprendizado, favorecendo as crianças a vivenciarem seu mundo de imaginação e de construção de perspectivas, como também, instigar a curiosidade na busca de realizar descobertas do mundo que as cerca. Embora vocês e eu saibamos que, ao chegar à escola o repertório cultural das crianças são pouco aproveitados como meio e caminho para novas descobertas, tendo em vista que o livro didático é sempre visto como o meio priorizado na busca da aprendizagem dos pequenos.

Ao ler Bachelard (1994) essa citação me chamou a atenção: “Ao ser deixada livre, a criança torna-se capaz de olhar para algo simples e transformar, dando-lhe vários significados, com sensibilidade e imaginação (p. 9)”. Conforme foi explicitado pelo autor, o ato de imaginar é algo potencializador no desenvolvimento criativo da criança. E nós, caros amigos veteranos, somos os maiores responsáveis por tornar a escola um espaço ideal para despertar e ampliar esse potencial criativo das crianças, pois estamos no dia a dia trabalhando diretamente com elas. E a partir de estudos e leituras feitas me convenço cada vez mais que esse momento criativo da criança na escola deve ter constância para oportunizar a expressar suas ideias, pensamentos e construções mentais.

Na verdade, meus caros, as crianças da nossa geração não tiveram a oportunidade de enxergarem o mundo a sua maneira na formação escolar. Fomos constituídos em ler e copiar, sem oportunidade de devanear no decorrer das nossas tarefas, mas as crianças com as quais trabalhamos hoje enxergam

o mundo como um grande livro e cada uma delas faz parte desse livro com suas histórias construídas no dia a dia. A partir do estudo desse grande livro, busquei experimentar e estimular novas possibilidades de aprendizagem e construção do pensamento pautadas nas imagens do mundo como também das imagens do imaginário infantil.

E com toda essa bagagem, me veio o momento de planejar as ações a serem realizadas. Mediante as várias leituras feitas, percebi que a minha pesquisa se encaixava na metodologia pesquisa-ação que segundo Missy Elliott (1997):

A pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, e os resultados ampliam as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, por isso favorecem amplamente as mudanças (p.15).

Logo após, me apropriar um pouco mais da pesquisa-ação, onde prática e teoria caminham juntas, como também auxiliam na superação de lacunas deixadas na nossa prática pedagógica, senti mais segurança em aplicá-la em minha pesquisa. O meu objeto de estudo foi o alfabetizar partindo da imagem do imaginário, e como primeira ideia era trabalhar a imagem do imaginário a partir da palavra falada, expressada pela criança através de desenho, metodologicamente analisar a roda de conversa para proporcionar um momento de fala das crianças a cerca do seu desenho realizado.

E com as ações da pesquisa elaboradas e pensadas, passaram a fazer parte do meu planejamento anual e foram aplicadas nos dois primeiros bimestres, sendo aplicada uma ação a cada quinze dias. As ações iniciais envolveram: Desenho a partir da imagem do imaginário; roda de conversa, vídeos para instigar discursões e a realização de escrita espontânea.

Bem meus queridos, com as ações planejadas era chegada a hora e o momento de colocá-las em prática. No intuito de ampliar a pesquisa, eu a dividi em três momentos: 1. Palavra que se ouve – com o objetivo de desenvolver a criatividade das crianças a partir da palavra ouvida, como também despertar imaginário infantil a partir da palavra falada expressada em desenho; 2. Palavra que se vê – com o objetivo de estimular a empatia das crianças a partir das situações vivenciadas no seu meio social e escolar, com uso de filmes, roda de conversas acerca das questões sociais como: inclusão, racismo e o bullying; 3.

Palavra que se escreve – com o objetivo de favorecer o desenvolvimento do princípio alfabético partindo do imaginário e das situações vivenciadas, através da escrita espontânea de palavras, frases e pequenos textos.

Observem meus queridos veteranos, iniciei o ciclo da pesquisa com o imaginário da criança para chegar ao momento da alfabetização. Parti da primeira ação - Palavra que se ouve, com o objetivo de desenvolver a criatividade das crianças a partir da palavra ouvida, como também, despertar o imaginário infantil a partir da palavra falada, ação tendo como referencia o desenho animado *O Fantástico Mundo do Bobby*. Levar as crianças assim como o Bobby, representar a palavra falada em desenho. A segunda ação – Palavra que se vê –, objetivou estimular a empatia das crianças a partir das situações vivenciadas no seu meio social e escolar, e em uma roda de conversas dialogamos a cerca das questões sociais como: inclusão, racismo e o bullying, situações observadas no campo de pesquisa. E por fim a terceira ação – Palavra que se escreve –, que favoreceu o desenvolvimento do princípio alfabético partindo do imaginário e das situações vivenciadas, que propiciou à criança a realizar sua escrita espontânea e a partir da escrita, eu descobri em que nível de escrita as crianças se encontravam, trabalhar consciência fonológica, da mesma forma a escrita de pequenos textos.

Acreditem meus amigos veteranos, ser professora e pesquisadora, foi uma experiência árdua e gratificante ao mesmo tempo. Árdua por requerer tempo para estudos e pesquisas. Gratificantes por ver que, apesar das dificuldades e desencontros, os resultados foram aparecendo e juntamente com esses resultados novas possibilidades para que possam se realizar novas pesquisas e a construção de novos conhecimentos a partir desta minha pesquisa.

E assim, dei início a prática da pesquisa e, como havia planejado, parti para primeira ação planejada intitulada, **ESCOLA** palavra que **OUVE**. A palavra que se ouve tem o sentido de sugerir uma imagem para as crianças, de se ouvir a palavra e pensar na coisa que ela representa. E na aplicação desta ação me embasei no desenho animado, *Fantástico Mundo do Bobby*, que ao ouvir uma determinada palavra, construía um mundo imaginário em torno dela. E partindo da palavra falada **ESCOLA**, busquei estimular expressões e captar o imaginário das crianças sobre a escola.

Imaginem meus caros veteranos, é a leitura de mundo que busco nesta ação da palavra ouvida, pois a partir da palavra pude conhecer um pouco da leitura que as crianças trouxeram a cerca do que é a escola para elas. Essa leitura de mundo em relação à escola trazida pelas crianças do seu convívio social e familiar foi de grande valia e enriquecedor para minha pesquisa, favoreceu-me conhecer um pouco do universo social das crianças, seus sonhos e imaginações a respeito da escola. Ao concluir os desenhos realizei uma roda de conversa com intuito de cada criança apresentar sua produção.

E chegou o momento, meus caros colegas veteranos, das apresentações dos desenhos realizados pelas crianças e, sem dúvidas, o desenhar me possibilitou trabalhar a atenção, porque ao realizar o seu desenho as crianças ficaram atentas ao comando; a concentração, pois as crianças realizaram seu desenho silenciaram, embora no princípio elas trocassem algumas ideias, mas em seguida cada um foi realizar seu desenho e ouvir o outro, o momento da roda de conversa quando as crianças apresentaram seus desenhos. Para Machado (2015, p.17) “É necessário construir esse caminho da arte da palavra e da escuta apontando caminhos para o que está além do certo ou errado”. E como professora e pesquisadora, acredito que o ter a sala de aula como um lugar onde as crianças têm garantida a sua fala é bastante positivo para o seu desenvolvimento pessoal.

Bem, diante da construção dos desenhos das crianças, numa roda de conversa estabelecemos um diálogo acerca dos desenhos realizados e diante das apresentações, em alguns desenhos ficou bem explícita as impressões trazidas por elas sobre a escola com base em seu universo familiar, dos filmes assistidos, dos grupos sociais nos quais convivem, como também, de seus devaneios infantis.

Bachelard (1988, p. 107) nos diz: “A criança pode mostrar através de seu mundo infantil, o que vê no mundo adulto”. E a cada fala das crianças, ficava aparente essa ligação de mundo infantil atrelado ao mundo adulto. Ao falarem e apresentarem seus desenhos, ficou evidente a concepção familiar da escola e como a criança a via antes de frequentá-la. Como por exemplo, a fala da Mulan (07) *"Para mim a escola tinha muita matéria, muito dever. Aqui a gente aprende muitas coisas pra gente guardar na nossa mente"*. Como também na fala do Peter (06 anos) *"Eu pensava a escola cheia de gente"*. No

momento de fala das crianças percebi colocações ouvidas sobre a escola em seu ambiente de convivência como, por exemplo: a escola é para aprender, para guardar as coisas na cabeça para o futuro, quem de nós caros veteranos não ouviu de nossos pais algo parecido. Observei também, meus colegas veteranos, que as famílias projetam a escola como um mundo de construção de saberes que devem ser guardados ao longo dos anos de estudo para serem usados no futuro.

Além disso, no desenrolar da atividade proposta observei que algumas crianças combinaram as ideias e usam a criatividade nos momentos de construção. Observem a ideia de Roby (07) *“Desenhei os monstros, eles são as pessoas que brigam com as crianças na escola”*. Nesta fala vi um pouco de fantasia, ao comparar as pessoas indesejáveis, ou seja, a pessoa que exige disciplina e organização, com monstros que ela viu em filmes ou em histórias contadas a ela. Vejam como as nossas crianças chegam às nossas mãos com uma vasta leitura de mundo e com uma imaginação bastante aflorada.

Ainda nesta ação, trabalhamos com uma lista de palavras e a construção de um mural que levou as crianças a relacionarem a palavra ou a frase lida com as imagens escolhidas por elas.

A cada novo encontro, eu realizei o momento que chamei de “Memorial da aula passada”. Fiz um resgate oral da atividade realizada na aula anterior. Para ampliar a discussão destaquei uma parte da fala de Mulan (07 anos), que disse: *“Para mim a escola tinha muita matéria, muito dever.”* Indaguei as crianças: O que mais temos na escola? E partindo do questionamento, foi feita uma lista de coisas que encontramos nela, além das citadas por Mulan.

Naquele momento eu exerci o papel do escriba, ou seja, escrevia à medida que as crianças falavam, pois ainda estávamos na primeira ação, na qual elas apenas ouviam e falavam. Esse momento foi bastante participativo, as crianças sempre muito atentas em falar um de cada vez. E a nossa lista de palavras ficou assim:

LISTA DE PALAVRAS.

NA ESCOLA TEM:

1. ESCADAS
2. PROFESSORA
3. SALAS
4. DEVER
5. LIVROS
6. AMOR
7. PARQUINHO
8. ESCORREGADOR
9. MENINO
10. MENINA
11. LÁPIS
12. PESSOAS
13. APRENDER
14. PESSOAS
15. PORTÃO

Figura 33 – Lista das palavras ditadas pelas crianças.
Fonte: Diário de Bordo – 2022.

E para melhor fixar essas descobertas planejei a construção de um mural a partir do memorial da aula passada, e para sua realização montei uma caixa de gravuras e dentro dela coloquei recortes de revistas e livros, todos relacionados às palavras e frases ditadas pelas crianças, além disso, recortei as letras que compunha a palavra ESCOLA. Dispus tais letras separadas, com a finalidade de instigá-las a descobrir qual a palavra que elas formariam. Nesse momento a euforia tomou conta das crianças, com as letras dispostas aleatoriamente, favorecendo assim um estímulo à descoberta da palavra. Diante de conversações, de trocas de ideias e, entre várias tentativas, Mulan e Ariel pouco a pouco foram organizando as letras e gritaram: “*Já sabemos! É a palavra escola!*”. As letras foram coladas no papel expondo a descoberta. Diante disso passou-se a consolidar a construção do mural.

As crianças foram à caixa das gravuras, e cada criança escolheu três imagens, logo após, usando as palavras e as frases que foram ditadas pelas crianças, eu fui lendo a palavra ou frase e à medida, que as crianças ouviam a palavra ou a frase relacionada à escola, se levantava e ia elas colar suas imagens no mural, e assim prosseguimos até todas as crianças participarem desta atividade. Foi um momento bem interativo, colaborativo e bastante construtivo.

O interessante, meus colegas veteranos, é perceber algumas crianças discordarem umas das outras por acharem que a imagem não combinava com

a frase, e ao mesmo tempo ajudar o colega a encontrar a palavra ou frase que combinava com a imagem que ela tinha. Essa diversificação de saberes leva as crianças a novas descobertas a partir das suas próprias vivências e das vivências de seus colegas. Esse momento de troca de ideias em relação à imagem escolhida, a busca por descobrirem se a imagem estava relacionada à palavra ou frase citada, o respeito à opinião e descoberta do outro, levou as crianças a entenderem que cada uma tem sua forma de pensar e resolver a atividade da forma que entendeu. Nesta prática seguimos na construção de novos conhecimentos respeitando e partilhando saberes. Assim registramos as imagens mentais e concepções sobre a escola no mural abaixo.



Figura 34 – Mural Escola – Palavra que se ouve.
Fonte: Diário de Bordo – 2022.

Ao concluir a primeira ação meus amigos professores veteranos, chegou o momento de executar a segunda ação: **ESCOLA** – a palavra que se **VÊ**. A escolha da categoria, Escola palavra que se vê, objetivou captar a visão que as crianças têm da escola depois que elas iniciaram sua vida estudantil, principalmente em relação a crianças com deficiência que estão na escola e na sala de aula junto com ela. Apresentei um curta metragem da história de uma criança com deficiência quando está na escola e observar como elas se colocam diante desta situação vivenciada por essa criança e como elas agiriam se estivesse na mesma escola da criança do filme. E para um melhor aproveitamento das observações acerca dessa ação, elenquei alguns

indicadores que levaram a momentos de discussões na roda de conversa como: a receptividade do personagem Nicolas, que representa uma criança com paralisia cerebral, ao entrar na escola; a coragem da personagem Maria, a única colega da escola que se aproximou de Nicolas; as brincadeiras proporcionadas a Nicolas por Maria; o cuidado de Maria em estar sempre perto do Nicolas, até mesmo quando ele não podia ir ao recreio; a morte do Nicolas e a corda guardada por Maria como lembrança da amizade deles; a escolha de Maria por se tornar professora.

Iniciamos a atividade assistindo um curta metragem intitulado de *Cuerdas*, uma animação Espanhola, escrita e dirigida por Pedro Solís García, produzido em 2013. Esse filme recebeu o Prêmio Goya de melhor curta-metragem de animação em 2014, que conta a história de uma menina que se tornou amiga de um menino chamado Nicolas, que tem paralisia cerebral.

Vocês podem estar se perguntando neste momento: Por que esse filme foi escolhido? Meus caros professores veteranos, a escolha desse curta-metragem, deu-se porque na realização da nossa primeira ação, diante da dificuldade apresentada por uma das crianças ao realizar seu desenho, outra criança gritou que ele não sabia de nada. E me veio à lembrança de trabalhar com esse curta para oportunizar as crianças verem a escola como um lugar para todos, onde aprendemos com os professores e com os colegas.

Como bem afirma Rosado e Campelo, (2011, p.410), “É importante ressaltar que as falas retratam o meio circundante das crianças”. Cada uma delas age de acordo com as vivências diárias. Assim, trabalhar com as crianças a singularidade de cada uma e o respeito as suas especificidades é muito importante. E esse filme nos trouxe elementos para dialogarmos acerca de algumas situações vivenciadas na escola, como também enfoca o respeito à diversidade de cada criança dentro da escola.

No momento da exibição do curta-metragem, as crianças ficaram muito atentas a cada cena, a cada situação vivida por Nicolas e Maria. A emoção nos rostinhos, a atenção, a curiosidade e a compaixão. Ficaram tão atentos que a sala emudeceu. Ficou em um silêncio total, o ideal dos professores da nossa geração.

Em seguida envolvidos na emoção do filme, propus que as crianças desenhassem o momento do curta-metragem que mais tinha tocado seu

coração e o que achou mais importe ao assisti-lo. No momento da realização do desenho as crianças trocaram ideias, falaram o que tinham achado do filme. Umas crianças expressaram tristeza e outras defenderam a importância de manter a amizade com todas as crianças, sem julgar ninguém por sua deficiência. Esse é um pensamento que encontro nas ideias de Kostiuk, (2003, p. 25), quando afirma:

O ensino nas escolas não pode limitar-se apenas a transmitir ao discípulo determinados conhecimentos, a formar um mínimo de aptidões e hábitos. A sua tarefa é desenvolver o pensamento dos alunos, a sua capacidade de analisar e generalizar os fenômenos da realidade, de raciocinar corretamente.

Esses momentos de participação ativa das crianças as aproximam da realidade vivida, permitem que elas questionem e opinem. No partilhar com elas esse momento de silêncio e reflexão diante da diversidade, do respeito e a aceitação do outro como ele é, foi um momento que elas participaram ativamente, conversaram e analisaram algumas atitudes tomadas por alguns. De repente outra criança falou: *Me lembrei que ontem não me deixaram ser o goleiro só porque eu sou pequeno. Eu sei pegara a bola bem.* Percebem meus caros, como esse curta-metragem despertou a visão das crianças em relação a situações vivenciadas dentro da escola.

Sendo assim, busquei proporcionar essa contribuição de promoção da inclusão entre as crianças, espero que a experiência vivenciada contribua na formação do senso de respeito à diversidade nas crianças, pois se sabe que a convivência fora da escola trás preceitos diferenciados, ou seja, são vivenciadas de acordo com os valores familiares ou de outros espaços de socialização que podem atuar na formação no sentido contrário ao respeito e a empatia com o outro.

Iniciamos com o primeiro indicador da segunda ação, a receptividade. As destacaram a cena da chegada do Nicolas à escola e a entrada na sala de aula, quando há o estranhamento da condição do garoto. Essa cena provocou uma conversa acerca da aceitação dos colegas a novos colegas que chegam, seja na escola ou em outro lugar. Vejam o que falou Mulan (07 anos): *“Um dia cheguei à casa de uma coleguinha da igreja, ela estava brincando e nem me chamou para brincar também. Isso me deixou muito triste.*

Vendo o Nicolas e esses meninos assim me lembrei desse dia”. Vejam amigos veteranos, uma cena que levou as crianças a vivenciarem situações vividas por elas diante de uma exclusão seja na escola, em casa e/ou na vizinhança.



Figura 35 - Chegada de Nicolas na sala de aula.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014

Outra cena escolhida pelas crianças foi a do encontro de Nicolas e Maria no pátio da escola. O destaque das crianças foi à admiração da coragem de Maria de se aproximar de Nicolas, se apresentar e tentar ensinar Nicolas a falar seu nome. Maria foi repetindo o nome dela vagarosamente várias vezes ensinando a Nicolas falar. Foi nesse momento que Maria descobriu que Nicolas não falava. E muito rapidamente Ariel (06 anos) disse: *“Eu faria a mesma coisa que Maria. Seria amiga de Nicolas e chamava os outros colegas também”*. Com essa fala meus queridos professores veteranos, Ariel se colocou no lugar de Maria, uma reflexão muito importante para uma criança que está pela primeira vez fazendo parte do ambiente escolar. Esse indicador da receptividade foi muito refletido e conversado pelas crianças, acredito que foi um novo aprendizado para esses pequenos aprendizes.



Figura 36 - O encontro de Maria e Nicolas na escola.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014.

Sobre segundo indicador da segunda ação, meus caros veteranos, trabalhei as brincadeiras proporcionadas por Marias para o Nicolas, que foram bastante comentadas pelas crianças como: 1. Quando Maria amarra as pernas do Nicolas para que ele aprendesse a Jogar bola. O Jimmy (07 anos) falou: *“Eu achei muito legal essa ideia de Maria amarrar as pernas do Nicolas para ensinar ele a jogar”*. Diante desta fala do Jimmy, pude perceber que para ele a atitude de Maria ajudar a Nicolas a jogar bola amarrando suas pernas e puxando, passou a ser uma ideia que ele poderia usar um dia tivesse um amigo como Nicolas. 2. Maria encenando uma de suas histórias, quando transformou o Nicolas em um pirata para salvá-la do perigo. Luna (07 anos) comentou: *“Eu adoro criar história. Se eu fosse Maria contaria uma história de princesa e príncipe”*. Para Luna a atitude de Maria foi muito legal, fazer Nicolas participar da história mesmo sem saber falar e andar. E Luna acrescentou: *“Eu gostei muito dessa parte, Maria foi muito legal ter vestido Nicolas de pirata”*. 3. O momento em que Maria viu uma pipa no céu, e falou para Nicolas que ele poderia voar, era só fechar os olhos e se imaginar voando. E o Bento com sua paixão por aviões falou: *“Se eu fosse Maria imaginaria andando num avião. Eu adoro aviões!”*. Para Bento a atitude de Maria foi muito boa, porque ajudou a Nicolas a brincar e se divertir. As cenas citadas pelas crianças.



Figura 37 - Maria ensinando Nicolas a jogar bola.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial - 2014



Figura 38 - Maria brincando com Nicolas de Pirata.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014.



Figura 39 - Maria dizendo que para voar era só fechar os olhos.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014

Outro momento ainda relacionado às brincadeiras, que as crianças gostaram foi à cena onde Maria mostrava os desenhos feitos por ela, que havia desenhado ela e Nicolas dançavam em um baile. A Kelly (07 anos), falou toda emocionada: *“Achei tão linda essa parte deles dançando”*. No momento em que Maria passa as páginas do caderno é como se ela e Nicolas estivessem dançando. Essa cena deixou Kelly muito encantada e emocionada, despertando nela a empatia. Ela se colocou no lugar da Maria, se sentindo capaz de realizar a mesma atitude diante de um colega como Nicolas.



Figura 40 - Maria contando histórias para Nicolas.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014.

E encerrando o indicador, brincadeira, a cena que gerou muita emoção foi o momento em que o Nicolas fez um gol sozinho sem a ajuda de Maria. As crianças ficaram tomadas pela emoção no momento em que Maria viu Nicolas chutar a bola. Tomada pela emoção com a jogada do Nicolas, ela correu para abraçá-lo. Essa cena meus caros professores veteranos, foi bastante comentada, as crianças destacaram a persistência de Maria em ensinar Nicolas a jogar, como também o cuidado que ela tinha com o amigo ao realizar as brincadeiras com ele. Como professora veterana e pesquisadora, vejo como é importante proporcionar discursões que favoreçam as crianças opinarem, discutirem, divergirem em alguns momentos, observar seu ambiente escolar e construírem conhecimentos sobre a inclusão de crianças com deficiência na escola e na vida social.



Figura 41 - Maria brincando com Nicolas no pátio.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014.

Como terceiro indicador da segunda ação eu destaquei o cuidar. Ele foi baseado na cena em que Maria não foi ao recreio para fazer companhia a Nicolas, pois ele não estava muito bem de saúde. Maria colocou uma música, se aproximou devagar de Nicolas e o levantou da cadeira de rodas abraçando-o bem forte e ao som da música fecharam os olhos. Nesse momento Nicolas começou a sonhar dançando com Maria, como se estivesse nos contos de fadas lidos para ele por sua amiga. Então o Kevin (07 anos) comentou: *“Eu já fiquei um dia com o Bento na sala, porque ele está doente e não podia correr”*. A Mulan (07 anos) disse: *“Se um amigo meu precisar de um colega para ficar*

com ele no recreio eu fico com ele. A gente pode jogar, brincar de escrever e de ler um pouco”. Esse momento levou as crianças a compreenderem, que mesmo ficando em sala de aula, existem possibilidades para diversão mesmo sem a presença de todos os colegas.

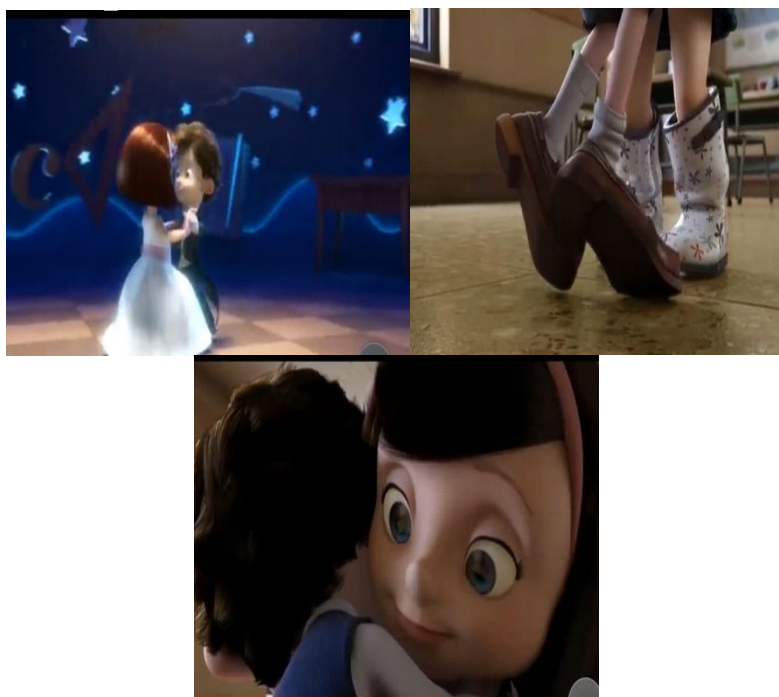


Figura 42 - Maria e Nicolas dançando na sala de aula.
Fonte: You Tub - Canal #educaçãoespecial – 2014.

Então passamos ao quarto indicador da segunda ação, a morte. As crianças vivenciaram um momento de muita comoção com a cena em que Maria soube da morte do Nicolas. Maria sentiu falta do Nicolas na sala de aula e foi procurá-lo, mas sem querer, ouviu a notícia da sua morte. Naquele momento ela pegou uma corda que simbolizava a amizade entre ela e Nicolas, a colocou próximo ao coração e ficou olhando a cadeira do Nicolas com tristeza. Uma das crianças, Aladim (06 anos) falou baixinho: *“A morte é muito triste. Me lembrei do meu irmãozinho que morreu”*. Ariel (06 anos), muito calma falou: *“A morte é muito triste, a pessoa vai e não volta mais”*. Percebi que mesmo muito pequenos, as crianças já vivenciaram a experiência de perder alguém da família. Vejam meus caros veteranos, observei neste momento que, ao abordar o tema da morte, as crianças participaram e chegaram a citar pessoas da sua família que já morreram, lembro muito bem meus caros, que quando criança eu tinha um medo enorme de morrer e muito mais de quem

morria. Meus pais não falavam sobre morte, apenas diziam que quem morre vira uma estrela. Hoje vejo minhas crianças falando da morte com naturalidade e participando juntamente com a família deste momento de perda.



Figura 43 - Momento em que Maria descobre que Nicolas morreu.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014.

Para finalizar a segunda ação trabalhei o último indicador, a profissão. As crianças destacaram a cena em que Maria entra em uma sala de aula anos depois, quando ela já estava adulta. Maria, aquela menina que tanto cuidou e brincou com seu amigo Nicolas, cresceu e se tornou uma professora. O que mais chamou a atenção das crianças foi uma cordinha amarrada no braço de Maria. A mesma corda que Maria guardou de lembrança do seu amigo Nicolas, pois era o instrumento que ela usava para auxiliá-lo nas suas brincadeiras, que se tornou o elo entre ela e o amigo Nicolas.



Figura 44 - Maria chegando à escola para dar aula.
Fonte: You Tube - Canal #educaçãoespecial – 2014.

Após todos esses momentos de conversações e trocas de ideias, perguntei: Se em nossa sala de aula, ou até mesmo em sua rua chegasse uma criança como Nicolas, o que vocês fariam? Mulan (07 anos) gritou: *“Eu faria como Maria”*. Ariel (06 anos) levantou a mão e disse; *“Eu ia atrás da mãe dele para ela não deixar ele sozinho”*. O Roger (06 anos), *“Eu brigaria com os meninos que ficaram chateados e de caras feias”* e o Bobby (07 anos), com toda sua imaginação falou: *“Eu brincaria de muitas coisas com ele”*. Observem meus queridos veteranos, para essas crianças existe a possibilidade de fazer diferente. De certa forma deu-se início a alfabetização do respeito à diversidade encontrada em sala de aula.

Após toda essa discussão e colocações em relação ao filme assistido, passamos ao momento das apresentações dos desenhos feitos pelas crianças antes das conversas em relação ao filme assistido. Algumas crianças se emocionaram com a situação vivenciada por Nicolas e com atitude de Maria com o seu novo colega de sala, partindo desta questão motivadora: qual cena você desenhou? Com essa questão norteadora, foi iniciada a roda de conversa. O primeiro a partilhar e descrever seu desenho foi o Roger (07 anos). Muito seguro, ele olhou para seus colegas e falou: *“Eu desenhei o momento em que a menina jogou bola com o menino amarrando uma corda em suas pernas. Eu achei muito legal a ideia dela de ensinar o menino a jogar bola”*.



Figura 45 – Desenho do Roger – 7 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022

Em seguida foi à vez do Ted, um pouco tímido, ele falou com toda calma: *“Eu gostei do momento em que Maria e o menino estavam no pátio. Só ela foi perto do menino. Eu faria do mesmo jeito”*.



Figura 46 – Desenho do Ted – 06 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022

E no momento em que Mulan (07 anos) foi falar, ela se mostrou pensativa diante da questão motivadora, mas nos disse: *“A parte mais importante para mim foi o momento em que Maria virou professora. Foi muito lindo e emocionante”*.



Figura 47 – Desenho de Mulan – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022

Ao realizar sua apresentação Luna (07 anos) estava bastante emocionada e falou: *“Desenhei a parte que ele faleceu e ela ficou triste. Foi muito triste ver a Maria sozinha chorando”*. Com essa fala percebi que a Luna gosta de estar com seus colegas, brincar em grupo e partilhar ideias com eles.



Figura 48 – Desenho de Luna – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022

Chegou à vez Kristoff (07), ele teve um pouco de dificuldade em realizar seu desenho e pude perceber alguns colegas dando sugestão sobre como ele deveria fazer, que cores que poderia usar. E pensar que no momento da realização de um desenho na primeira ação, alguns colegas diziam que o

Kristoff não sabia de nada e não conseguiria desenhar, mas naquele outro momento os vi auxiliando e orientando o colega na realização das atividades. Kristoff então falou: *“Eu desenhei o menino e Maria na cama”*. E o indaguei: *“Na cama?”* Ele prontamente respondeu: *“Não tia, na cadeira”*. Na verdade, em situações com desenhos é muito importante saber os elementos contidos no que foi desenhado, para termos uma melhor compreensão do que está sendo apresentado.



Figura 49 – Desenho de Kristoff – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo – 2022.

Já o Derek (07 anos) mostrou o seu desenho e foi falando: *“Eu desenhei Maria e o menino dançando e os colegas olhando”*. Veja como nesse momento ele usou sua imaginação, no curta-metragem Maria e Nicolas dançam na sala enquanto às outras crianças brincam no pátio.



Figura 50 – Desenho de Derek – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo – 2022.

E encerramos esse momento com a apresentação de Jimmy (07 anos), que nos trouxe outro elemento novo em sua apresentação. Foi mostrando o desenho e falando: *“Eu desenhei a menina chorando e o menino morto”*. Ao assistirmos o curta-metragem em momento algum apareceu o Nicolas morto. Maria apenas ouviu a diretora comentando com a professora sobre a morte dele e ficou contemplando a cadeira vazia de Nicolas, enquanto apertava a corda em seu peito. Observem meus amigos veteranos, que ao ouvir a palavra morte, a criança já cria em sua mente como a pessoa está neste momento. Foi o que Jimmy expressou em seu desenho. Nicolas em um caixão, embora essa imagem não esteja no filme. E como fala Evangelista (2017, p. 101), “Não imaginamos simplesmente. O imaginário pressupõe linguagem, que produz sentido e significado, que compõe ideias, que se processam no pensamento, que gera imagens”. Foi justamente essa composição de ideia que Jimmy apresentou em seu desenho, produziu significado para a palavra morte.



Figura 51 – Desenho de Jimmy – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo - 2022

Queridos professores veteranos, eu pude perceber ao final da atividade o quanto esse filme mexeu com essas crianças. O quanto às crianças despertaram em relação ao olhar para o próximo, com mais atenção e cuidado. Que elas precisam ver e respeitar a diversidade de ações, situações e aprendizagem. Esse filme contribuiu para instigar nas crianças a resolução de problemas, quando uma delas falou que iria atrás da mãe do menino para que ele não ficasse sozinho, como também aflorou a imaginação das crianças no momento em que elas colocam novos elementos na história ao realizar seu

desenho, a exemplo da imagem do Nicolas morto. Vejam a importância de instigar e valorizar a imaginação, como também o momento de fala das crianças em sala de aula.

E para concluir meus caros professores veteranos, passei a realizar a terceira ação planejada à **ESCOLA** - palavra **ESCRITA**, Como afirma Soares, (2021, p. 51): “A criança vive, assim, desde muito pequena, antes mesmo de sua entrada na escola, um processo de construção do conceito de escrita, por meio de experiências com a língua escrita nos contextos sociocultural familiar”. E para iniciar realizei como primeira atividade desta ação um diagnóstico em relação à escrita, no intuito de verificar o nível de escrita das crianças. A proposta deu-se para observar como as crianças organizam o pensamento ao escrever as palavras citadas e a escrita de uma frase de livre escolha. Essa atividade consistiu em realizar um ditado que tinham uma palavra monossílaba, uma dissílaba, uma trissílaba, uma polissílaba e uma frase, para que as crianças escrevessem do seu jeito, sem interferência minha. Para iniciar essa atividade, parti da lista de palavras, que usamos para a construção do mural. Como ao iniciar uma atividade eu sempre falava o que íamos fazer e como faríamos a atividade, as crianças pediram para escolher as palavras. Em meio a nossa lista e ao mural construído por elas, escolheram as palavras: ESCOLA, LIVRO, MENINO, MENINA e LÁPIS. E ficou acordado, eu ditaria as palavras e elas escreveriam sua frase de livre escolha, mas que falasse em ESCOLA.

Após a aplicação da atividade foi possível perceber que a turma se encontrava em três níveis de escrita: silábico sem valor sonoro, silábico com valor sonoro e silábico-alfabético. No nível silábico sem valor sonoro, ao ler o que escreveu, a criança separa uma quantidade de letras que correspondem às sílabas da palavra, sem que essas façam relação sonora. Podemos dizer que nesse nível ela realiza uma escrita inventada, e se utiliza das mesmas letras de forma linear, geralmente a letra do nome. No nível silábico com valor sonoro, a criança já tem maior domínio do alfabeto e passa a relacionar as sílabas com o seu fonema mais forte, geralmente as vogais. Por sua vez, no nível silábico-alfabético a criança vê que não é possível escrever apenas com uma letra para cada sílaba e passa a perceber a lógica da escrita, utilizando uma letra para representar cada emissão sonora, seja com valor sonoro ou não.

Nessa busca de alfabetizar usando a imagem como estratégia metodológica, segui favorecendo o desenvolvimento do princípio alfabético, ou seja, levar as crianças a conhecerem os nomes e formas das letras, que são fundamentais neste momento de alfabetização, e também ter a capacidade de lembrar as formas das palavras escritas e de compreendê-las como sequência de letras.

Meus amigos veteranos, eu selecionei algumas das atividades propostas às crianças no momento de escrita, de acordo com os níveis de escrita em que elas se encontravam. Observem algumas de suas criações. Na escrita de Docinho (07 anos), que se encontra no nível pré-silábico, ela ainda não estabelece relação entre o que escreve e a que fala (pronuncia). Sua escrita se expressava por meio de letras utilizando-as aleatoriamente.

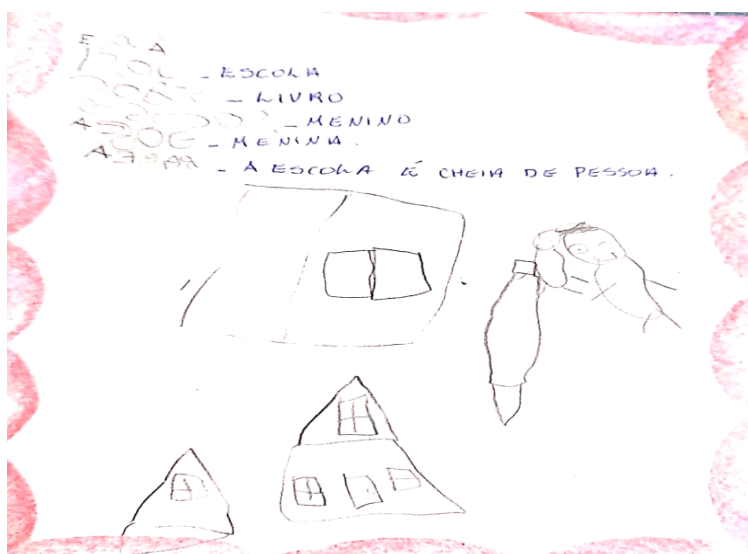


Figura 52 – Escrita de Docinho – 07 anos.
Fonte: Diário de Bordo – 2022.

Na produção de Kelly (07 anos) e da Luna (07 anos), ficou bem aparente que elas já sinalizavam o nível silábico, pois mostraram em seus escritos, ter consciência de que existe uma relação entre o que se fala com o que se escreve, ou seja, há uma relação entre os aspectos gráficos e sonoros das palavras, já que elas conseguiram dá valor sonoro às letras e sinais para representar as palavras e para cada sílaba pronunciada. Nesse nível é comum à criança escrever uma letra representando as sílabas, que compõe a palavra e na escrita da frase usa uma letra para cada palavra que forma a frase escrita.

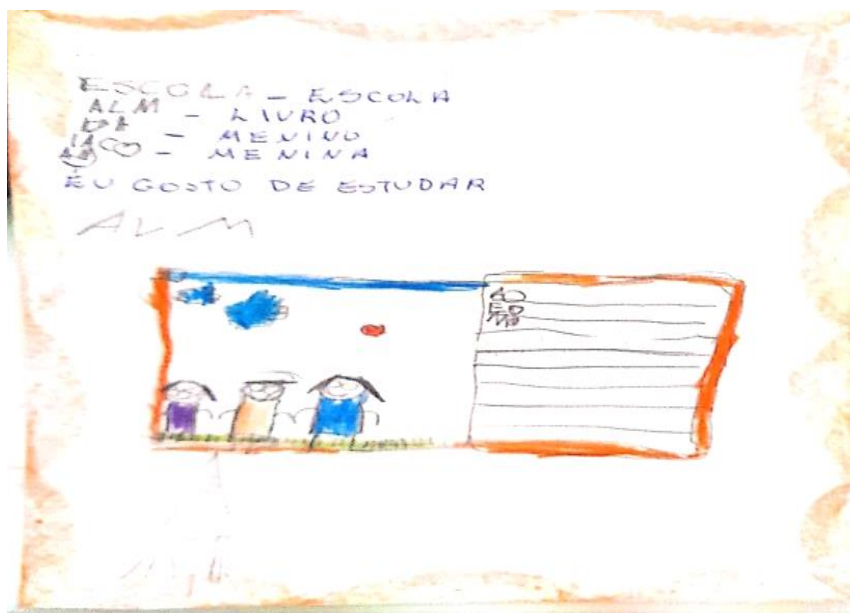


Figura 53 – Escrita da Kelly – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



Figura 54 – Escrita da Luna – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

E diante das observações feitas a partir desta atividade proposta, elaborei outras atividades favorecendo as crianças a avançarem para os níveis seguintes. E partir para trabalhar como o **TABULEIRO DE PALAVRAS**, que através dele pude verificar o nível de conhecimentos das crianças em relação

às vogais, consoantes, números de letras, como também desenvolver a linguagem verbal e oral, o raciocínio, a comunicação e a cooperação.

Para realizar essa atividade as crianças escolheram duas palavras da nossa lista construída na primeira ação. As palavras escolhidas foram: ESCOLA e LÁPIS. Antes de distribuir a atividade fiz um breve resgate das letras do alfabeto, como elas estão divididas, qual a letra inicial, qual a letra final e quantas letras tem o alfabeto. Em seguida distribuí a atividade às crianças, fiz a leitura com bastante calma e dei um tempo para que elas realizassem do seu jeito. O que me surpreendeu foi vê-las compartilhando saberes, observem abaixo que a atividade de Kristoff (07 anos), está borrada. Ele realizou sua atividade, mas saiu perguntando a seus colegas se era como ele tinha feito. Mulan (07 anos), percebeu que na letra inicial ele havia colocado várias letras e pediu que ele apagasse e deixasse apenas uma, mas mostrando-se inseguro perguntou para a colega: “Qual letra eu deixo?” Bem decidida Mulan olhou para Kristoff e respondeu: “Escolha qual você quer deixar”.

Juntas, as crianças foram desenvolvendo a linguagem oral nos momentos de trocas de ideias, a linguagem verbal, quando buscaram descobrir a escrita e decomposição da palavra, a cooperação, quando ajudaram umas às outras, além do raciocínio, quando buscaram pensar e descobrir o que iam escrever.

No momento da correção da atividade muitas crianças conseguiram entender e refazer o que não tinham acertado. São esses momentos de correção que levam as crianças a compreenderem que errar é uma das formas de aprender também, que errar não é feio e não se deve ter medo do erro. É errando que se aprende. Vejamos algumas atividades.

ESCOLA	
LETRA INICIAL	A
LETRA FINAL	E-O-A-
VOGAIS	S-C-h
CONSOANTES	S-C-h
Nº DE LETRAS	3
Nº DE SÍLABAS	3

LÁPIS	
LETRA INICIAL	L
LETRA FINAL	S
VOGAIS	A-I
CONSOANTES	L-P-S
Nº DE LETRAS	5
Nº DE SÍLABAS	2

Figura 55 – Tabuleiro de palavras de Kristoff – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

ESCOLA	
LETRA INICIAL	E
LETRA FINAL	A
VOGAIS	E-O-A
CONSOANTES	S-C-L
Nº DE LETRAS	6
Nº DE SÍLABAS	3

LÁPIS	
LETRA INICIAL	L
LETRA FINAL	S
VOGAIS	AL
CONSOANTES	L-P-S
Nº DE LETRAS	5
Nº DE SÍLABAS	2

Figura 56 – Tabuleiro de palavras de Mulan – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

E seguindo com o trabalho na busca dos avanços dos níveis de escrita, realizei uma atividade de CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA com o objetivo de desenvolver a compreensão das crianças de que a linguagem oral é formada por várias estruturas fonéticas, que são as palavras, as sílabas e, por fim, os fonemas, além de auxiliá-las no processo de construção da escrita levando-as a pensar sobre os sons que compõem as palavras e manipulá-los de forma consciente.

Distribui imagens das cinco palavras escolhidas na primeira ação, e as crianças foram completando da seguinte forma: primeiro escreveriam a letra

que formava o nome da imagem; depois escreveriam as sílabas que formavam a palavra; por fim escreviam a palavra por completo. Na aplicação dessa atividade pude observar alguns avanços e que a maioria da turma já havia avançado para o nível silábico-alfabético, ou seja, algumas as crianças buscaram escrever de maneira que as letras correspondessem os sons, às formas silábica e alfabética. Elas também puderam escolher as letras de forma ortográfica ou fonética, tendo a imagem como suporte. Algumas crianças se aventuraram a realizar a escrita cursiva, que não havíamos trabalhado no primeiro semestre do ano letivo, mas apenas no segundo semestre. Aqui estão algumas atividades realizadas.

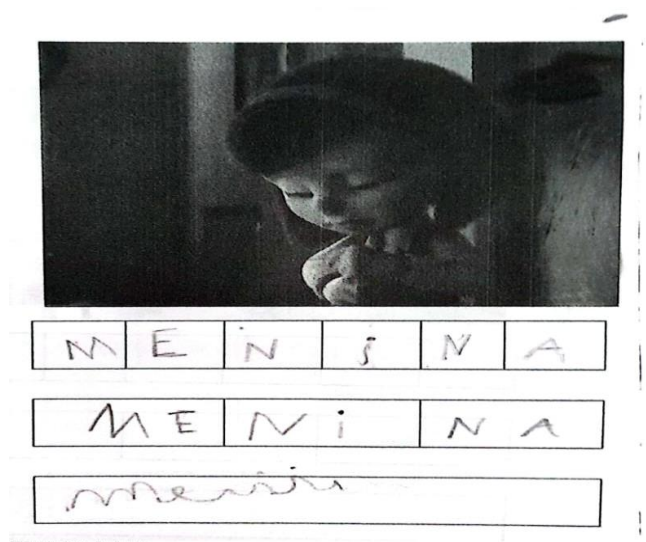


Figura 57 – Escrita de Aladim – 06 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



L	I	V	E	O
---	---	---	---	---

LI	URO
----	-----

livro

Digitizado com CamScanner

Figura 57 – Escrita de Aladim – 06 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



M	E	N	i	N	O
---	---	---	---	---	---

ME	Ni	NO
----	----	----

menino

Digitizado com CamScanner

Figura 58 – Escrita de Ariel– 06 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

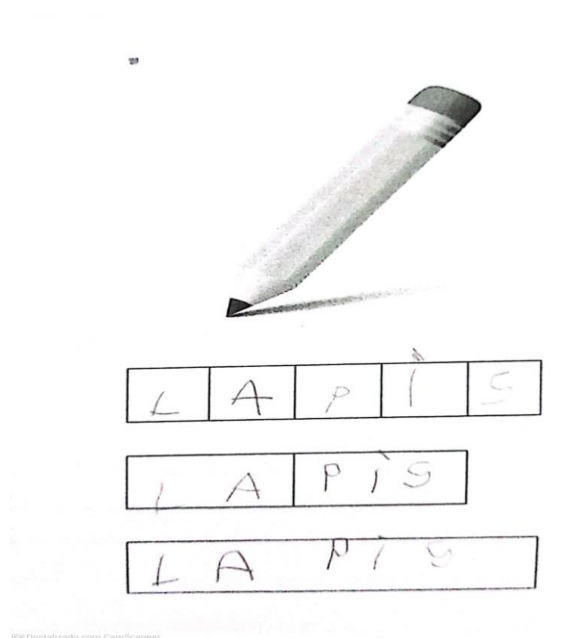


Figura 59 – Escrita de Ruth – 06 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

E para finalizar meus caros professores veteranos, realizei a **ESCRITA DE PEQUENOS TEXTOS**, com objetivo de observar como as crianças organizavam as ideias ao escrever, além de tentar observar se elas mostrariam receio de errar a escrita. Como estávamos trabalhando a palavra ESCOLA, distribui uma imagem de uma escola e pedi que as crianças escrevessem um pequeno texto sobre ela. Docinho (07 anos) ainda se encontra no pré-silábico, pois escreveu seu texto usando letras aleatórias e no momento da leitura não conseguiu ler o que escreveu. A Kelly (07 anos) por sua vez, apenas repetiu a palavra escola e no momento da leitura leu apenas “A escola e a menina”. Já a Luna (07 anos) encontrava-se na fase de transição para o nível alfabético, pois escreveu e leu sua frase sem nenhuma dificuldade. Observem em uma das imagens abaixo meus caros professores veteranos, que sua frase tem compreensão, sendo necessário trabalhar a ortografia das palavras. A Ariel (06 anos) pode-se considerar que já se encontrava no nível alfabético, pois tinha a consciência de como escrever as palavras.

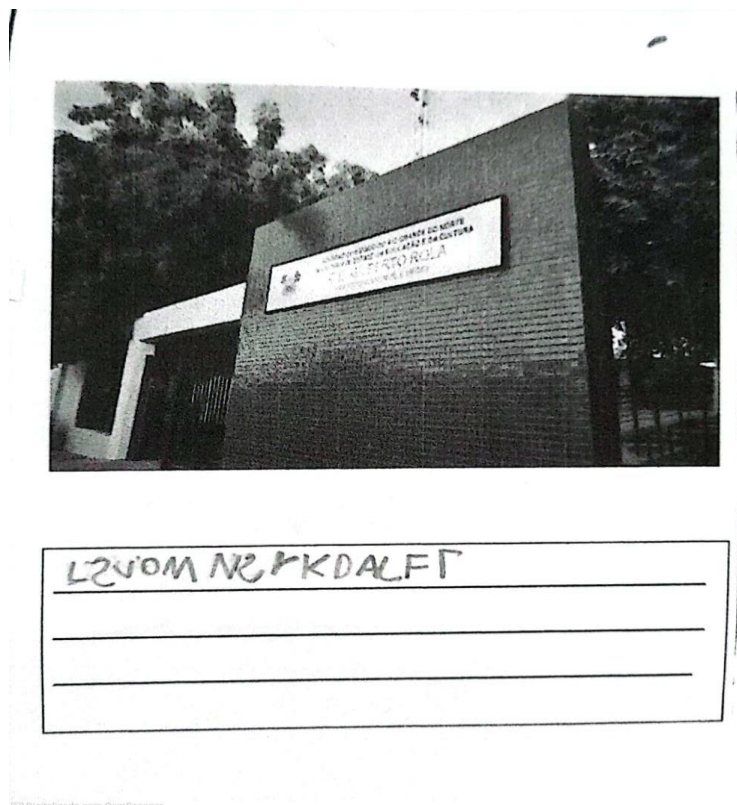


Figura 60 – Escrita da Luna – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

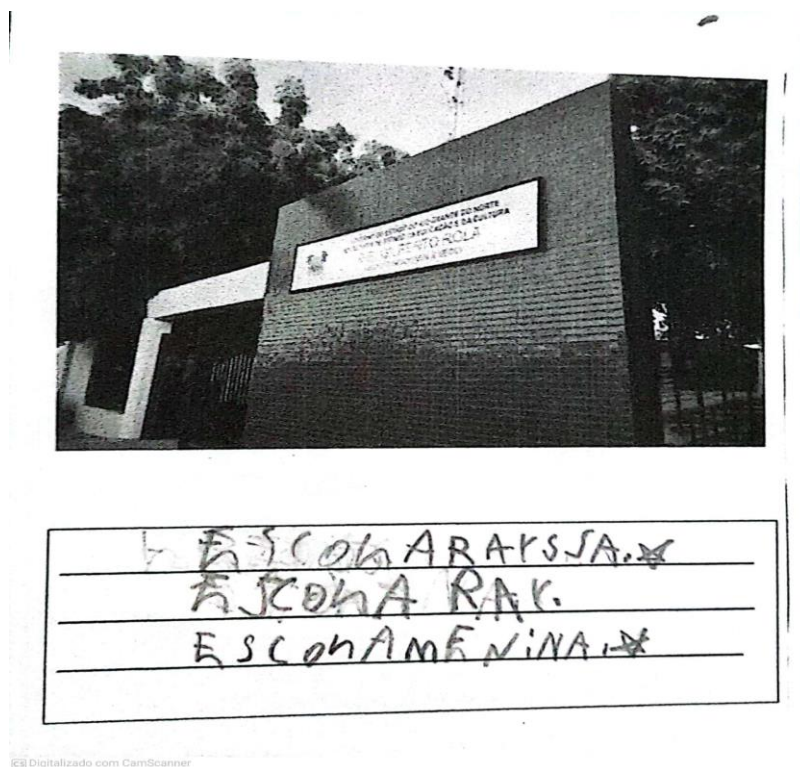


Figura 61 – Escrita de Kelly – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



EU GOSTO MUITO DA ESCOLA
TEM DEVERIS.

Digitalizado com CamScanner

Figura 62 – Escrita da – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



A ESCOLA É NOVA E BONITA
A ESCOLA É NOVA E BONITA
A ESCOLA É NOVA E BONITA
A ESCOLA É NOVA E BONTA



Figura 63 – Escrita de Ariel – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

Para encerrar essa minha narração a respeito metodologia do meu trabalho em torno da palavra ESCOLA, resolvi aprofundar a discussão sobre a influência do núcleo familiar, motivada pela fala de Ariel, (06 anos), quando disse: *“Eu ia atrás da mãe dele”*, para se referir à cena do curta-metragem em que Nicolas é deixado na escola. Resolvi desenvolver novas ações, explorando a palavra FAMÍLIA, elas tiveram como objetivos: abordar o imaginário das crianças em relação à palavra família; ouvir das crianças as experiências vivenciadas no âmbito familiar; escrever do seu jeito a palavra família, como também observar os avanços conquistados pelas crianças em relação a leitura e a escrita a partir do imaginário. E as ações foram assim distribuídas: 1. Palavra que se ouve, com o objetivo de despertar o imaginário infantil a partir da palavra falada; 2. Palavra que se vê, com o objetivo de conhecer um pouco das famílias das crianças a partir das conversações e discursões a cerca da família de Nicolas e 3. Palavra que se escreve, com o objetivo de desenvolver a escrita alfabética das crianças.

Como já havia um bom apanhado de conhecimentos, a partir do aprofundamento desse novo elemento, ou seja, de uma nova abertura para trabalharmos a imaginação, a fala e a escrita, passei a desenvolver a primeira ação FAMÍLIA palavra que OUVI junto com as crianças. E com o objetivo de despertar mais uma vez o imaginário infantil a partir da palavra falada FAMÍLIA, distribuí papel, lápis grafite, lápis de cor. Em seguida pedi que as crianças fizessem um desenho a partir da palavra ouvida. Assim como nos afirma Evangelista (2017, p.18) *“Criar imagem é humano. Como pensar é humano”*, no desenvolvimento da atividade parti do imaginário sobre o núcleo familiar. Instigar esse conhecimento prévio das crianças em relação à família, partindo do imaginário foi muito importante, pois a partir das ideias apresentadas por elas, pude conhecer um pouco sobre do universo familiar em que estavam inseridas.

Nesse momento as crianças falaram e escutaram, um exercício importantíssimo para o desenvolvimento da fala e da escuta dentro do processo de alfabetização. Ouvir as crianças, partilhar dos momentos de troca sobre suas imagens de famílias levou-me a conhecer um pouco mais de sua singularidade e da sua subjetividade. Vejamos a fala de Aladim (06 anos) *“Eu*

desenhei minha mãe e eu, e minha irmã e papai, por ele gostar mais dela". Oportunizou conhecer como ele se sente em família e como se concebe a relação filho e pais dentro de casa. Vocês podem estar se perguntando: por que essa pesquisadora está abordando essa questão? Como vocês sabem a alfabetização acontece com mais fluidez quando a criança está bem emocionalmente. E a família é peça fundamental neste processo, pois ela é a primeira instituição que as crianças conhecem, além de que, em alguns casos, a família é a grande responsável por apresentá-la ao mundo letrado. Embora no meu campo de pesquisa seja completamente diferente, sabemos que há famílias em que a única pessoa que conhece as letras, sabe escrever e ler é a criança que está em sala de aula.

Além disso, meus caros professores veteranos, o processo de alfabetização inicia antes de a criança começar a ler e escrever, como nos frisa bem Paulo Freire (1989, p.13) , "[...] a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos". E corrobora muito bem com as colocações do Bobby (07anos), "Família é humanos, muitos humanos", da Ariel (06 anos) "Família é amor", e da Kelly (07 anos), "Família representa a família de Jesus". Percebam meus caros veteranos, as vivências do seu meio familiar ficam bem visíveis no momento da representação pelo desenho e no momento de fala das crianças.

Na verdade, essa pesquisa está centrada no uso da imagem como meio de facilitar a alfabetização, por entender que os conteúdos escolares não estão dando conta desse processo de descoberta da leitura e da escrita, por se tratarem de repetições de leituras e escrita de letras e palavras, mas alfabetizar vai, além desse universo de repetições e cópias. O processo de alfabetização requer dinamismo, criatividade e muita disposição. No momento atual em que vivemos manter a repetição de letras, sílabas e palavras já não tem a mesma eficácia do nosso tempo de estudante. Faz-se necessário, construir e reconstruir os caminhos que levem a alfabetização partindo do imaginário das crianças, dos conhecimentos trazidos por elas, de suas vivências familiar e social, favorecendo a alfabetização sem rotina reprodutora, e sim uma alfabetização construtora de conhecimentos.

De fato, a imagem tem uma força atrativa muito forte, portanto aproveitar essa proximidade das realidades vividas pelas crianças fora da escola auxilia

para um melhor conhecimento das crianças com as quais eu trabalhei. Dessa forma podemos observar a diversidade de ideias acerca do núcleo familiar. Para um, família são apenas pessoas, para outro é como a imagem da família de Jesus, com isso podemos deduzir que no lar a religião é bem vivenciada, para outro sua família é a representação do amor.



Figura 64– Desenho de Bobby – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



Figura 65– Desenho de Kelly – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



Figura 66 – Desenho da Ariel – 06 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

Ao concluir a primeira ação desta etapa enfocando o ouvir, passei a trabalhar FAMÍLIA palavra que VÊ, com o objetivo de levar as crianças a expressarem através das artes visuais a sua vivencia familiar, ou seja, como cada criança via sua família no dia a dia. Para iniciar pedi que cada criança desenhasse a sua família. Logo após, realizei uma roda de conversa e em meio às apresentações destaquei duas falas que foram as de Docinho (06 anos) e Ruth (06 anos). Docinho disse: “Desenhei eu e meu pai bem pertinho de mim e minha mãe dentro de casa”. Ruth: “Eu desenhei minha família, cada um com sua cor preferida”.

Observem bem meus queridos professores veteranos, nestas falas podemos conhecer um pouco da vivencia dessas crianças em seu lar e podemos destacar: a separação dos pais, quando docinho desenhou sua mãe dentro de casa e seu pai do lado de fora. A Ruth (06 anos) mostrou me levou a entender que, através das cores, na sua família cada um tem sua preferencia simbolizada por uma cor diferente. Aladim (06 anos), mostrou a preferência pela sua mãe e a preferência de sua irmã por seu pai. Vejam amigos, uma simples atividade, mas com uma infinidade de conhecimentos acerca da vida familiar das crianças. Pude extrair com os desenhos a experiência de crianças que vivem apenas com a mãe, as diversidades de preferencias existentes nas famílias, crianças que moram com os pais e os avós numa única casa, aquela

que se sente amada apenas pela mãe ou pelo pai. Essa coletânea de conhecimento me levou a conhecer melhor cada criança com a qual trabalhei.



Figura 67 – Desenho de Docinho – 06 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

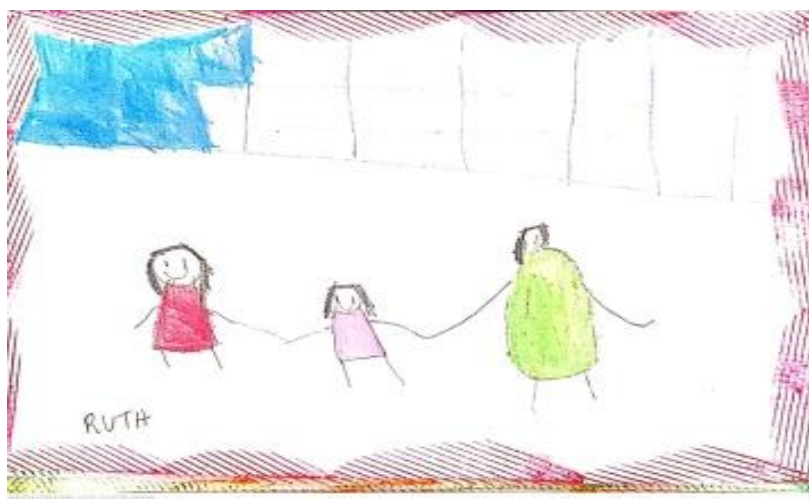


Figura 68 – Desenho da Ruth – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



Figura 69 – Desenho de Aladim – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

E assim meus queridos veteranos, terminei a segunda ação e já passei para executar a terceira e última ação realizada nesta pesquisa, em que trabalhei com FAMÍLIA palavra que se ESCRIVE. Explorei e utilizei as imagens como instrumento para desenvolver a escrita e consequentemente a leitura da mesma. E nesta ação percebi que as crianças escreveriam com espontaneidade e sem medo de errar.

No decorrer das atividades realizadas, as escritas partiram do imaginário, das discussões nas rodas de conversas. Observei a partir delas, como as crianças utilizaram a escrita, os avanços alcançados em dispor as palavras no papel, se a escrita está legível, se há repetição de letras, se a criança já usava diversos tipos de letras ao realizar sua escrita.

Nessa ação pude observar que, ao iniciar com a imagem do imaginário, proporcionar o momento de fala e de escuta, proporcionou também a criança uma melhor execução da sua escrita. Senti a motivação das crianças no momento da proposta da escrita. Percebi que as crianças estavam mais envolvidas como o uso dessa nova possibilidade pedagógica, do uso da imagem do imaginário para o uso da alfabetização.

No processo de alfabetização a criança inicialmente, a criança decifra e cifra com foco na palavra, depois ela lê e escreve palavras com fluência por construir representações ortográficas, finalmente, ela lê e produz textos de forma fluente. Portanto, conhecer os processos cognitivos e linguísticos que

envolvem a leitura e escrita de palavras, segundo a autora, contribui para a compreensão da aprendizagem inicial da língua escrita, e pode fundamentar métodos que assegurem e subsidiem as condições para a leitura e a produção de texto de modo autônomo pela criança.

Seguindo essa linha de pensamento da autora, na realização dessa última ação, me reporte ao momento da minha alfabetização onde não podíamos errar, tinha que escrever as palavras corretamente, pois se errasse treinava a palavra diversas vezes para não errar mais. Diante desse pensamento que me veio, observei que a escrita das crianças fluiu com mais descontração, percebi que escreviam sem medo de errar, e quando proporcionei atividades que as ajudaram a avançar na escrita, o medo se dissipou. Sei que o sistema educacional é muito engessado quando se trata de alfabetização principalmente, mas como professora, diante dos anos de experiência e estudo na busca de facilitar o processo de alfabetização, quando trabalhamos de forma lúdica e partindo da leitura de mundo trazida pelas crianças e das vivências familiares e sociais, o processo de ensino e aprendizagem se torna mais atrativo e motiva os pequenos sujeitos a se aventurarem nas novas descobertas desse mundo mágico da palavra.

Observei ainda caros colegas veteranos, que as crianças desenvolveram a capacidade específica para escrever, não tiveram receio de realizar sua escrita. A Luna (07 anos), se encontrava na fase silábica sem valor sonoro, sua escrita foi uma repetição de letras, mas ao pedir que fizesse a leitura da sua escrita, ela leu a palavra família em cada linha escrita, já Martha (06 anos), se encontrava na fase silábica com valor sonoro, ela foi juntando letras e números dando valor sonoro a cada letra escrita, o que indica o avanço diante das atividades realizadas. Por outro lado, às crianças que se encontravam no nível silábico-alfabético como, Mulan (07 anos), Bento (07 anos) e Ariel (06anos), realizaram a transição do silábico para o alfabético. Em suas escritas, observei essas crianças já se apresentavam na escrita alfabética. E para chegar à escrita alfabética a criança percorre um caminhar, que ela inicialmente escreve alfabeticamente algumas sílabas enquanto, outras sílabas da palavra permanecem silábicas. A criança primeiramente observa que a sílaba tem duas letras e posteriormente que existem sílabas com mais de duas letras, a criança ainda nessa fase tem dificuldades em separar palavras quando escreve frase

ou texto. É nesse nível em que alguns adultos usam o termo em que ao esquecer-se de escrever alguma letra, ou que houve omissão de letras ao escrever a palavra. Vejam meus caros como as crianças neste segundo momento de atividades elas demonstraram grandes avanços.



Figura 70– Atividades do Nível Alfabético – Mulan – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.



Figura 71 – Atividades do Nível Alfabético – Ariel – 06 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

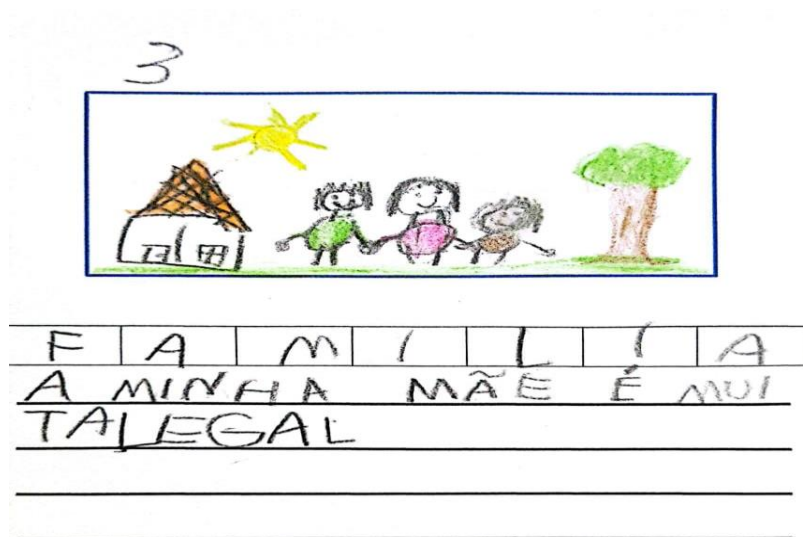


Figura 72 – Atividades do Nível Alfabético – Bento – 07 anos.
Fonte: Diário de bordo 2022.

E diante de tantos avanços nas escritas e na descoberta da leitura, a escrita do Roger (07 anos) me chamou a atenção, em sua escrita ele se aventurando em realizar sua escrita usando a letra cursiva, visto que as crianças gostam de se manter na escrita da letra bastão, por ter um traçado mais fácil de realizar, essa atitude do Roger motivou seus colegas a se aventurar na escrita cursiva também. E assim as crianças passaram a conhecer e utilizar diferentes tipos de letra, incluindo a de forma ou cursiva.

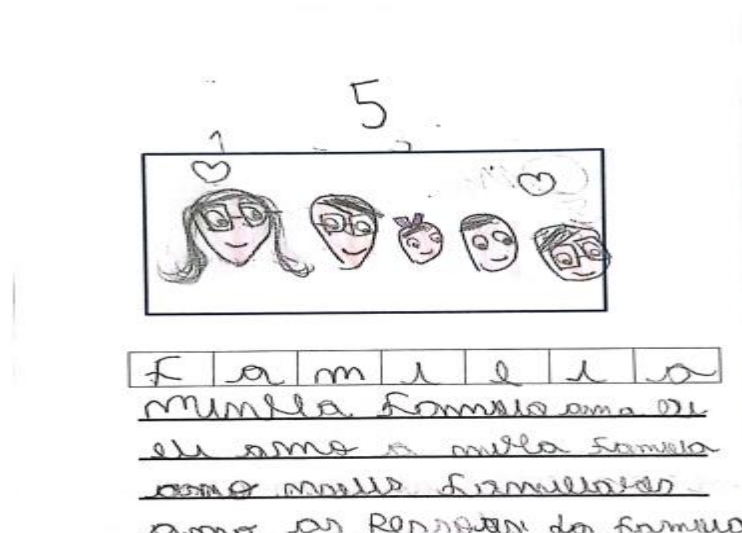


Figura 73 – Atividades do Nível Alfabético- Roger -07 anos
Fonte: Diário de bordo 2022.

Realmente meus amigos veteranos, alfabetizar crianças no XXI, requer dinamismo, criatividade e participação ativa delas como sujeitos na construção dos saberes que as levem ao desenvolvimento da leitura e da escrita, pois sabemos que o livro didático hoje é visto como um meio para alfabetizar e não como a única alternativa. Trabalhar com as crianças partindo do seu imaginário rendeu resultados maravilhosos, vocês podem observar nas imagens abaixo.

Por fim, meus amigos professores veteranos, eu agradeço a delicadeza em ler essa carta. Que ela lhes traga inspiração e motivação na continuação de jornada educacional, no seu fazer pedagógico e em se tornar um professor pesquisador. Sejam todos bem vindos a este mundo mágico e contagiante que é o da pesquisa.

Julane Queiroz.

CARTA FINAL

Caros Leitores,

Esta escrita apresenta estratégias metodológicas utilizadas no processo de aquisição da leitura e da escrita das crianças do primeiro ano da Escola Estadual Gilberto Rola, partindo do seu imaginário e das suas vivências diárias. Nós sabemos, meus caros, que alfabetizar crianças no momento atual não requer transmitir e nem transferir saber, mas sim, seguir o percurso de construção dessa aprendizagem juntamente com as crianças.

Assim sendo, a construção das estratégias trabalhadas na pesquisa proporcionou às crianças pesquisadas desenvolverem a leitura e a escrita, partindo do seu imaginário e de suas vivências. Sem dúvida, as vivências trazidas pelas crianças representam fatores importantes que influenciaram na aprendizagem delas durante a pesquisa, pois elas têm um repertório de conhecimentos adquiridos em seu convívio familiar. Alfabetizar a partir dessas vivências favorece um ambiente alfabetizador construído por elas e para elas, ou seja, as crianças vão realizando suas escritas e leituras usando seus conhecimentos pré-escolares, que são enriquecidos em sala de aulas com novos conhecimentos construídos na escola.

Diante disso, no decorrer das atividades realizadas constatei que as crianças pesquisadas desenvolverem a habilidade de organizar suas ideias antes de desenhar, de falar e de escrever, sejam questões do imaginário, ou até mesmo relacionadas às suas vivências. Dessa forma, elas foram protagonistas como sujeitos aprendizes e não um como meros receptores passivos. As crianças produziram e construíram seus conhecimentos gradativamente rumo ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

A aprendizagem da língua escrita é condição necessária para a continuidade do processo de escolarização e em razão disso, eu busquei conhecer em que nível de escrita as crianças estavam e realizar estratégias com o uso da imagem para levá-las a entender como se concebe a escrita desde uso das letras, das sílabas, da formação de palavras e construção de frases, uma descoberta da leitura e da escrita sem repetições e sem cópias, mas partindo das imagens e vivências das crianças, me possibilitou a trabalhar estratégias que as auxiliaram a avançarem no seu aprendizado.

Na alfabetização, não é suficiente formar leitores e produtores de textos, mas sim, levar as crianças a aprender o sistema alfabético, conhecer e aprender seus usos sociais que são: ler, interpretar e produzir textos. Por conseguinte, estimulá-las a partir dessa nova estratégia metodológica, ver as crianças realizando seus registros e fazendo suas leituras, refazendo a escrita sem medo do erro, mas percebendo que elas aprendem também errando.

Desenvolver a habilidade de ler, interpretar e produzir texto na fase inicial da alfabetização demanda ações pedagógicas diferenciadas neste momento de aprendizagem inicial na vida escolar. Mediante o exposto é importante disseminar o uso da imagem como estratégia metodológica no ciclo alfabetização. A partir da imagem aqueles pequenos sujeitos se apropriaram da escrita e aprenderam que, o que se escreve representa o que elas ouvem através da fala, que as palavras que elas escrevem, devem ser a representação dos sons das palavras que elas falam.

No entanto o trabalho realizado baseado em elementos da subjetividade é uma amostra que pode encorajar professores e professoras a pensar e repensar a formação das crianças no ciclo educacional de alfabetização, embora este trabalho não estabeleça uma verdade acerca do uso da imagem do imaginário com esse estudo. Meus dados carecem de mais fortalecimento, que podem ser alcançados com estudos futuros com auxílio de outras maneiras de produzir dados e de mais observação do meio da educação infantil. Assim sendo, o processo de alfabetização é contínuo e progressivo.

Uma lacuna que pode vir a ser preenchida é um estudo que envolva também a participação das famílias no processo de alfabetização e na sua relação com a escola, pois a pesquisa foi realizada na zona rural e na maioria das vezes o único leitor ou leitor em formação na família é a criança que frequenta a escola.

Quero aqui agradecer a cada leitor que compartilhou comigo da experiência deste trabalho a partir de sua leitura, em especial aos meus companheiros e companheiras de ofício, que vocês possam encontrar referências relevantes de vida e de saber científica para o trabalho docente.

Um abraço fraterno desta professora pesquisadora.

Julane Queiroz

REFERENCIAL

AGAMBEN, Giorgio. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 18 - n. 1 p. 11-28, Jan./Jun. 2006

AGAMBEN, Giorgio, 1942 – **Profanação**/ George Agamben: tradução e apresentação de Selvino José Assmann – São Paulo: Boitempo, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Editora LCT, 1981.

AZEVEDO, Aina. **Não estava escrito, mas foi desenhado – contribuições do desenhar à antropologia**. Paper apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia. João Pessoa: UFPB, 2016a.

AZEVEDO, Aina. **Desenho e antropologia**: recuperação histórica e momento atual. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 2: 15-32, 2016b. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1096..> Acesso em 22.mar.2023.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BACHELARD, Gaston, **Fragmentos de uma poética do povo**. Tradução: Norma Talles. Organização e Notas: Suzanne Bachelard. 1ª Edição 1990.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar** 4ª EDIÇÃO Tradução de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel Raposo - *Unimontes - Sistema de Bibliotecas* 1994. Impresso no Brasil.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A poética do devaneio** / Gaston Bachelard ; [tradução Antônio de Pádua Danesi.] - São Paulo : Martins Fontes, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte /Educação Contemporânea**: Consonâncias Internacionais. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *Revista Digital Art. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo*. 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2021.

BAITELLO JR, Norval. **A carta, o abismo, o beijo** – os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático. São Paulo: Paulus, 2018.

CALVINO, Italo. **Mundo escrito e mundo não escrito** – Artigos, conferências e entrevistas. Companhia das Letras, 2015. 1ª ed. [Mondo scritto e mondo non scritto, 2002] tradução: Mauricio Santana dias.

CRARY, Jonathan. **Técnica do observador: visão e modernidade no século XIX**/ Jonathan Crary; tradução Verrah Chamma; organização Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** : e outras intervenções/ Mia Couto – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papirus, 2001.

FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**: seleção de textos de pesquisa. 2013.

FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985. 284p.

FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em Três Artigos Que se Completam**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, 1921 – 1997. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha práxis/ Paulo Freire; organização e notas ana Maria Araújo Freire – São Paulo: Paz e Terra, 2019.

Freire, Paulo, 1921-1997. **Professora sim, tia não** [recurso eletrônico] cartas a quem ousa ensinar / Paulo Freire. - 24. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOUZEL, Suzana Herculano- **Fique de Bem com Seu Cérebro**. Ed. Sextante.

KOSTIUK, G. S. **Alguns aspectos da relação recíproca entre educação e desenvolvimento da personalidade**. In: LEONTIEV, A. et al. Psicologia e pedagogia: base psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo, 2003.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Flavia. **O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância para o processo de alfabetização**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. 2004, vol.8, n.2 [cited 2021-05-10], pp.241-243.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 14^a Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

METRING, Roberte e SAMPAIO, Simaia. **Neuropsicopedagogia e Aprendizagem**. 2^a ed. Editora WAK: Rio de Janeiro, 2019.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação/ Edgar Morin, tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco – Porto Alegre. Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **X da questão**: o sujeito à flor da pele/ Edgar Morin; trad. Fátima Murad – Proto Alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. **Cartilhas de alfabetização**: a redescoberta do Código Alfabético. *Ensaio: aval. pol.públ.Educ.* [online]. 2010, vol.18, n.69 [cited 2021-05-10], pp.669-709.

PAIVA, Maria Soberana de, **Janela para o consumo**: um estudo sobre a mediação da família em relação ao consumo infantil de publicidade televisiva. / Maria Soberana de Paiva . – Mossoro, RN, 2012.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes e JOBIM e SOUZA, Solange. **O uso da Imagem na Pesquisa em Educação**: Desafios Contemporâneos. Cultura Acadêmica. São Paulo – SP 1998.

PERRENOUD, Philippe: **O futuro da escola nos pertence**. Especial para a Folha de S. Paulo. 9/07/2003. <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinaps>. Acessado em agosto 2022.

PIAGET, Jean, **Problemas de psicologia genética**. Trad. De Célia E. A. Di Piero. São Paulo. Abril Cultural, 1974. v. LI. (Coleção Pensadores).

PIAGET, Jean, **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro. José Olympio. Editora, 1984.

PINO, A. Natureza e cultura: as funções naturais na constituição do homem. In: SMOLKA, A. L. B.; NOGUEIRA, A. L. H. (Orgs.). **Estudos na perspectiva de Vigotski**: gênese e emergência das funções psicológicas. Campinas: Mercado da Letras, 2013, p. 71-98.

RAMOS, Graciliano, 1892 – 1953. **Cartas**/ Graciliano Ramos – 8^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ROSADO, Cristina Tinoco da Cunha, CAMPELO, Maria Estela Holanda. **Educação escolar: a vez e a voz das crianças**. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 71, p. 401-424, abr./jun. 2011.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu Ensino).

SANTAELLA, **Uma imagem é uma imagem, uma imagem, uma imagem**. Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 3, n. 5, p.10-19., jun. 2015.

SANTOS, Luan Gomes, **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 23, n. 61, p. 50-70, outubro, 2022.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TIN, Emerson. **A arte de escrever cartas**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

TORO JB. **Códigos da modernidade**. Porto Alegre: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho; 1997.

TORO, José Bernardo. **Os códigos da modernidade**. Colômbia: Fundación Social, 1997.

VIEIRA, Jhose Iale Camelo da Cunha, ARAÚJO, Josélia Carvalho de EVANGELISTA, Jucieude de Lucena, SILVA, Moacir Vieira da - organizadores **O ensino e suas expressões: tecnologias, direitos humanos, artes e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 312p.

VYGOSTSKI, L. S. (Lev Semenovitch) 1896 – 1934. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores/ Lev Semenovitch Vigotski; tradução e revisão técnica Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2018.

WALLON, Henri. **Do Ato ao Pensamento**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora: Massagana, 1942.